

DM

A Prática Pedagógica da Educação Popular no Sertão de Pernambuco

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Samuel de Araújo

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

junho | 2020

A Prática Pedagógica da Educação Popular no Sertão de Pernambuco

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Samuel de Araújo

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa
Mirtes Ribeiro de Lira



UNIVERSIDADE da MADEIRA
Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Samuel de Araújo

A prática pedagógica da educação popular no Sertão de Pernambuco

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL – 2020

Samuel de Araújo

A prática pedagógica da educação popular no Sertão de Pernambuco

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Professora Doutora Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa

Professora Doutora Mirtes Ribeiro de Lira

FUNCHAL – 2020

Aos meus filhos e à minha esposa, pela compreensão de minha ausência durante a elaboração deste trabalho. Aqui registro minha gratidão e admiração. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida que me concede a cada dia e pela oportunidade de realizar mais este sonho no âmbito profissional e pessoal.

À minha esposa Maria Aparecida pela compreensão, carinho e incentivo em meio às dificuldades, e aos meus filhos Guilherme, Esther e Maria Júlia que me encorajaram e foram motivos para eu prosseguir.

Ao Professor Doutor Carlos Nogueira Fino por oportunizar aos estudantes brasileiros a possibilidade de realizar o sonho de um Mestrado, pelas suas reflexões contundentes que contribuíram para um outro olhar à pesquisa, seja na perspectiva etnográfica ou da Inovação Pedagógica. Meu respeito e admiração.

À minha orientadora, Professora Doutora Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa, pela sua atenção e firmeza durante a orientação e condução deste trabalho, pela dimensão humana, disponibilização e envolvimento com o objeto deste estudo, pela forma inovadora como percebe a educação, influenciando-me a avançar diligentemente. Minha admiração e gratidão.

À minha coorientadora, Professora Doutora Mirtes Ribeiro de Lira, com quem aprendi muito durante a orientação feita com competência, disponibilidade de tempo, foco, envolvimento e muito diálogo durante todo o estudo. Meus genuínos agradecimentos.

À grande e importante contribuição dos educadores populares, educandos, diretores, professores e coordenadores do NEPS e das escolas pesquisadas, pela acolhida, pela abertura e pela participação ativa na investigação, sem as quais não seria possível a realização deste trabalho e a possibilidade de vivenciar relevantes experiências.

Aos colegas da turma de Mestrado pelo convívio, apoio e troca de importantes informações, como também, aos funcionários da DH2, pela prontidão e cuidado em nos atender quando necessitávamos.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do deste trabalho. Meu respeito e gratidão.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.

Paulo Freire.

RESUMO

Ao analisar a atual conjuntura social e educacional, verifica-se que muitas transformações sociais têm impactado nosso modo de viver em sociedade e não têm impactado de igual forma o campo da educação. O paradigma fabril resiste nos ambientes educacionais. A dificuldade de romper com o passado e a necessidade de imergir em práticas pedagógicas inovadoras é um dilema a ser superado. Mesmo assim, percebem-se algumas experiências que fogem das práticas pedagógicas tradicionais e que podem significar a emergência de um novo paradigma educacional. Neste contexto, o presente estudo se propôs investigar se nas práticas pedagógicas da Educação Popular desenvolvidas pelo Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS), espaço não formal de aprendizagem, numa perspectiva de experiências diferenciadas, há Inovação Pedagógica. O estudo divide-se em duas partes. A primeira trata-se do enquadramento teórico que sustenta a pesquisa, abordando sobre a Educação Popular e a Inovação Pedagógica. A segunda parte deste estudo apresenta o enquadramento empírico e está dividida em dois capítulos: a descrição metodológica e a apresentação, análise e discussão dos resultados. O estudo segue o paradigma investigativo qualitativo com uma abordagem etnográfica, recorrendo às seguintes técnicas: observação participante, análise documental e entrevistas etnográficas, desenvolvidas no contexto investigado. A análise dos dados coletados e as considerações teóricas ocorreram no decorrer da investigação de forma indutiva e foram validados por meio de triangulação. Portanto, nesta pesquisa evidenciaram-se práticas pedagógicas ancoradas na Inovação Pedagógica, por causar rupturas com antigos modelos e padrões de educação, por oportunizar aos educandos ampliar sua visão de mundo diante das exigências contemporâneas da pós-modernidade e por oportunizar instrumentos de transformação e emancipação social para o povo oprimido do Sertão nordestino, por meio de aprendizagens significativas e contextualizadas, diferentemente da educação tradicional baseada no modelo fabril.

Palavras-chaves: Educação; Educação Popular; Inovação Pedagógica; Prática Pedagógica; Etnografia.

ABSTRACT

As we analyze the current social and educational context, we can verify that many social changes have impacted our ways of living in society but have not impacted the field of education in the same way. The factory paradigm endures in educational settings. The difficulty in breaking with the past and the need to immerse oneself in innovative teaching practices is a dilemma to be faced. Even so, we can notice some experiences which escape the traditional teaching practices, and which can mean the emergence of a new educational paradigm. In this context, this study intends to investigate whether there is Pedagogical Innovation in the Popular Education teaching practices developed by *Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco* (NEPS - Center of Popular Educators of the *Sertão* of Pernambuco, Brazil), a non-formal learning space, in a perspective of differentiated experiences. This study is divided in two parts. The first consists of the theoretical framework that supports the research, addressing Popular Education and Pedagogical Innovation. The second part of this study presents the empirical framework and is divided in two chapters: the methodological description and the presentation, analysis, and discussion of the results. The study is based on the qualitative investigative methods with an ethnographic approach, using the following techniques: participant observation, documentary analysis and ethnographic interviews, developed in the context investigated. The analysis of the collected data and the theoretical considerations occurred inductively during the investigation and were validated by triangulation. Therefore, teaching practices anchored in Pedagogical Innovation became evident in this research for breaking with old models and old practices of education, for helping students to expand their worldview in the face of the demands of post-modernity and for giving the oppressed people of *Sertão* instruments of transformation and social emancipation, through meaningful and contextualized learning, differently from the traditional education based on the factory model.

Keywords: Education; Popular Education; Pedagogical Innovation; Teaching Practice; Ethnography.

RESUMÉ

Si l'on analyse la conjoncture sociale et éducationnelle actuelle, on vérifie l'impact de nombreuses transformations sociales sur notre mode de vie en société, impact qui n'a pas eu lieu dans la même mesure dans le champ de l'éducation. Le paradigme de production résiste dans les milieux éducationnels. La difficulté de rompre avec le passé et la nécessité de l'émergence de pratiques pédagogiques innovatrices est un véritable dilemme. On observe cependant quelques expériences qui s'éloignent des pratiques pédagogiques traditionnelles et qui peuvent signifier l'émergence d'un nouveau paradigme éducationnel. Dans ce contexte, l'étude actuelle se propose d'analyser les pratiques pédagogiques de l'Éducation Populaire développées par le Groupe d'Éducateurs Populaires du Sertão de Pernambuco (NEPS), espace informel d'apprentissage, dans une perspective différenciée, afin de déterminer s'il y a Innovation Pédagogique. L'étude se divise en deux parties. La première établit l'encadrement théorique qui soutient la recherche, en abordant l'Éducation Populaire et l'Innovation Pédagogique. La deuxième partie de cette étude présente l'encadrement empirique et est divisée en deux chapitres : la description méthodologique et la présentation, l'analyse et la discussion des résultats. L'étude suit le paradigme d'investigation qualitatif avec une approche ethnographique, en recourant aux techniques suivantes : observation participante, analyse documentaire et entretiens ethnographiques, développés dans le contexte de la recherche. L'analyse des données collectées et les considérations théoriques ont lieu tout au long de l'investigation de manière inductive et sont validées au moyen de la triangulation. Par conséquent, les pratiques pédagogiques ancrées sur l'Innovation Pédagogique ont été mises en évidence dans cette recherche, car elles causent des ruptures avec d'anciens modèles et normes d'éducation, elles offrent l'opportunité aux apprenants d'agrandir leur vision du monde face aux exigences contemporaines de la postmodernité en fournissant des instruments de transformation et d'émancipation sociale au peuple opprimé du Sertão du nord-est du Brésil, au moyen d'apprentissages significatifs et contextualisés, par opposition à l'éducation traditionnelle basée sur le modèle de production.

Mots-clefs: Éducation; Éducation Populaire; Innovation Pédagogique; Pratique Pédagogique; Ethnographie.

RESUMEN

Después de analizar la actual coyuntura social y educacional, resulta que muchas transformaciones sociales tienen impactado sobre nuestro modo de vivir en sociedad y no tienen impactado de igual manera en el campo de la educación. El paradigma fabril resiste en los ambientes educacionales. La dificultad de romper con el pasado y la necesidad de lidiar con prácticas innovadoras es un dilema que debe ser superado. Así mismo, es perceptible que algunas experiencias huyen de las prácticas pedagógicas tradicionales y que pueden significar la emergencia de un paradigma educacional innovador. En ese contexto, el presente estudio se propone a investigar si en las prácticas pedagógicas de la Educación Popular desarrolladas por el *Núcleo de Educadores Populares do Sertão (NEPS)*, espacio informal de aprendizaje, en una perspectiva de experiencias diferenciadas, hay Innovación Pedagógica. El estudio se divide en dos partes. La primera se refiere al encuadramiento teórico que sostiene la investigación, abordando sobre la Educación Popular y la Innovación Pedagógica. La segunda parte del estudio presenta el encuadramiento empírico y está dividida en dos capítulos: la descripción metodológica y la presentación, análisis y discusión de los resultados. El estudio sigue el paradigma investigativo cualitativo con un abordaje etnográfico, basándose en las siguientes técnicas: observación participante, análisis documental y entrevistas etnográficas, desarrolladas en el contexto investigado. El análisis de los datos colectados y las consideraciones teóricas fueron hechos en el transcurso de la investigación de forma inductiva y fueron validados por medio de triangulación. Por lo tanto, en esta investigación se han evidenciado las prácticas pedagógicas ancladas en la Innovación Pedagógica, por causar rupturas con antiguos modelos y patrones de educación, por posibilitar a los estudiantes la amplitud de su visión de mundo delante las exigencias contemporáneas de la posmodernidad y por posibilitar instrumentos de transformación y emancipación social para la población oprimida del *Sertão*, ubicado en el noreste brasileño, por medio de los aprendizajes significativos y contextualizados, diferentemente de la educación tradicional basada en el modelo fabril.

Palabras clave: Educación; Educación popular; Innovación Pedagógica; Práctica Pedagógica; Etnografía.

LISTAS ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Música usada por estudantes em apresentação cultural	70
Figura 2 – Triangulação dos dados da pesquisa	97
Figura 3 – Fragmento de cordel de autoria coletiva de estudantes	98
Figura 4 – Esquema de práticas pedagógicas de educadores populares do Sertão de Pernambuco	102

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Aula de campo em quintal produtivo	71
Fotografia 2 – II Seminário de Agricultores do Sertão de Pernambuco – Centro Casa da Roça	72
Sequência Fotográfica 3 – Cavalgada da solidariedade em Poço Dantas	73
Fotografia 4 – Apresentação de quadrilha junina em Terreiro Cultural	73
Fotografia 5 – Festa de Reisado em Lagoa Comprida	74
Sequência Fotográfica 6 – Culto a São Gonçalo – Centro Casa da Roça	74
Fotografia 7 – Biblioteca Popular do NEPS	80
Sequência Fotográfica 8 – Centro Casa da Roça	81
Sequência Fotográfica 9 – Participação de professores, estudantes e comunidade no XVI Festival das Águas	81
Sequência Fotográfica 10 – Oficina com agricultores e mobilização para o XVI Festival das Águas na comunidade de Cacimbas	83
Fotografia 11 – Cartaz de divulgação e mobilização para a XVI Semana das Águas..	85
Fotografia 12 – Fila de pessoas para participarem de Festival das Águas	86
Fotografia 13 - Grande Plenária durante o Festival das Águas.....	86
Sequência Fotográfica 14 – Apresentações culturais de estudantes durante o Festival das Águas	87
Sequência Fotográfica 15 – Alas da Puxada do Bode pelas ruas da cidade de Dormentes	88
Sequência Fotográfica 16 – Apresentações das Alas da Puxada do Bode diante do palco com autoridades	89
Fotografia 17 – Apresentação de quadrilha junina em Terreiro Cultural	90
Sequência Fotográfica 18 – Aula de campo da Educação Popular e comercialização de produtos de quintais produtivos em feira agroecológica	94
Fotografia 19 – Estudantes compartilhando aprendizagens com comunidades por meio de manifestação cultural	101

MAPAS

Mapa 1 – Delimitação do Semiárido nordestino	22
Mapa 2 – Mapa de Pernambuco com destaque para o município de Dormentes.....	44
Mapa 3 – Mapa de Pernambuco com destaque para suas Microrregiões	67
Mapa 4 – Área de atuação do NEPS – municípios da Microrregião do Médio São Francisco	78

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Agência Nacional de Águas
ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
CN	Coordenador do NEPS
CO	Comentário do Observador
CPB	Coordenador Pedagógico B
CPC	Centro Popular de Cultura
DE	Diretor Escolar
EB	Estudantes B
ED	Estudante D
EPS	Educador Popular do Sertão
I	Investigador
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
MCP	Movimento de Cultura Popular
MEB	Movimento de Educação de Base
NEPS	Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco
ONG	Organização Não Governamental
OPE	Observação Participante Externa
OPI	Observação Participante Interna
P1MC	Programa 1 Milhão de Cisternas
PB	Professor B
PC	Professor C
PD	Professor D
PE	Professor E
PJMP	Pastoral da Juventude do Meio Popular
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO POPULAR.....	5
1.1 O SABER POPULAR E O SABER ERUDITO.....	5
1.2 BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL.....	7
1.3 MOVIMENTOS SOCIAIS POPULARES.....	10
1.4 AMBIENTE DE APRENDIZAGEM POPULAR: O FORMAL, INFORMAL E NÃO FORMAL.....	13
1.5 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO POPULAR.....	15
1.6 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR.	17
1.7 O EDUCADOR POPULAR.....	20
1.8 RELAÇÃO ENTRE OS EDUCADORES POPULARES DO SERTÃO E O SEMIÁRIDO NORDESTINO.....	22
CAPÍTULO 2 – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.....	25
2.1 O CENÁRIO ATUAL DA EDUCAÇÃO.....	25
2.2 A NECESSÁRIA QUEBRA DO PARADIGMA EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO.....	28
2.3 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA COMO RUPTURA PARADIGMÁTICA	31
2.4 DISCUSSÃO SOBRE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.....	33
2.5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL.....	35
2.6 CONSTRUCIONISMO E A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL.	38
II PARTE – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO	
CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	42
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	42

3.1.1	Definição do problema e questão de investigação.....	43
3.1.2	Campo da pesquisa.....	43
3.1.3	Sujeitos da pesquisa.....	45
3.1.4	Acesso ao campo de investigação.....	47
3.2	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	48
3.2.1	Pesquisa de natureza qualitativa.....	49
3.2.2	Investigação etnográfica.....	50
3.3	TÉCNICAS DE PESQUISA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS..	52
3.3.1	Entrevistas etnográficas.....	53
3.3.2	Observação participante.....	55
3.3.3	Análise documental.....	56
3.3.4	Diário etnográfico.....	58
3.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	60
3.4.1	Validação dos dados.....	61
	CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS	
	RESULTADOS.....	63
4.1	CONTEXTO DA PESQUISA.....	63
4.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE DE DADOS.....	63
4.2.1	Educandos e educadores populares em seu contexto social.....	66
4.2.2	A cultura regional.....	72
4.2.3	A cultura popular no processo de aprendizagem.....	76
4.2.4	Educação Popular.....	77
4.2.5	Práticas pedagógicas e aprendizagem.....	80
4.2.6	Inovação e prática pedagógica na Educação Popular.....	82
4.2.7	O Festival das Águas.....	84
4.2.8	A Puxada do Bode.....	87
4.2.9	Os Terreiros Culturais.....	90
4.2.10	Integração entre Educação Popular e ensino formal.....	91
4.2.11	A atuação social e educativa dos educadores populares nas comunidades.....	93
4.3	TRIANGULAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	96
4.3.1	Quais práticas pedagógicas são utilizadas pelo NEPS na Educação Popular?	97
4.3.2	A Educação Popular contribui significativamente para a aprendizagem dos educandos?.....	100

4.3.3	Em que medida a Educação Popular (educação não formal) pode originar práticas pedagógicas inovadoras?.....	103
4.3.4	De que modo práticas pedagógicas não tradicionais desenvolvidas entre educadores e educandos podem originar uma ruptura paradigmática?.....	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
	APÊNDICES.....	126
	APÊNDICE A – Diário de Campo.....	126
	APÊNDICE B (em CD) – Entrevistas em áudios.	
	APÊNDICE C (em CD) – Fotografias durante entrevistas e observações etnográficas.	
	ANEXOS (em CD)	
	ANEXO A – Ata de fundação do NEPS (1997).	
	ANEXO B – Fotografias de atividades do NEPS cedidas ao investigador para análise.	
	ANEXO C – Edital de convocação de eleição para diretoria do NEPS.	
	ANEXO D – Ata de posse da nova diretoria do NEPS para o triênio 2017/2020.	
	ANEXO E – Fotografia da comissão de coordenação do NEPS para o triênio 2017/2020.	
	ANEXO F – Cronogramas das culminâncias da Puxada do bode e do Festival das Águas 2018.	

INTRODUÇÃO

O caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao muitas vezes inesperado (FINO, 2008a, p.02).

O presente estudo emergiu de inquietações ao analisar a atual conjuntura social e educacional. Muitas transformações que têm impactado nosso modo de viver em sociedade não têm impactado de igual forma o campo da educação (TOFFLER, 1984). O paradigma fabril resiste nos ambientes educacionais (KUHN, 2006). A dificuldade de romper com o passado e imergir em práticas pedagógicas inovadoras é um dilema a ser superado (SOUSA; FINO, 2001). Mesmo assim, verificam-se algumas experiências que fogem das práticas pedagógicas tradicionais e que podem significar a emergência de um novo paradigma educacional.

Nesse sentido, esta pesquisa, cujo título é “A Prática Pedagógica da Educação Popular no Sertão de Pernambuco”, investigou se as práticas pedagógicas da Educação Popular, espaço não formal de aprendizagem, numa perspectiva de experiências educativas diferenciadas, são inovadoras, ao produzir resultados que se destacam dos apresentados pela educação em espaços escolares tradicionais.

A Educação Popular no Sertão de Pernambuco tem ganhado destaque pela atuação dos educadores populares, que desenvolvem seu trabalho por meio do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco - NEPS, uma organização não governamental, criada em 04 de outubro de 1997, que promove o saber e a cultura popular sertaneja, numa perspectiva não formal de aprendizagem, em cerca de sete municípios da Microrregião do Médio São Francisco, Semiárido pernambucano. Suas atividades objetivam valorizar e manter vivas as manifestações culturais do povo sertanejo; disseminar o conhecimento de práticas agrícolas e pecuárias inovadoras para contribuir com a qualidade de vida de famílias rurais do Semiárido nordestino; promover uma educação contextualizada no campo para convivência com a seca no Semiárido de forma sustentável; mobilizar as comunidades para contribuição e criação de políticas públicas para a Região em que vivem. Dessa forma, o NEPS tornou-se um local privilegiado de diversas aprendizagens da cultura e do saber popular mediadas por diversas práticas pedagógicas da Educação Popular.

Assim, esta pesquisa teve como questão norteadora de sua problemática a seguinte: “No contexto atual da aprendizagem da Educação Popular efetivam-se práticas pedagógicas

inovadoras?” Este questionamento remeteu-se ao delineamento dos objetivos deste estudo: “Compreender as práticas pedagógicas da Educação Popular no Sertão de Pernambuco”; “Discutir o conceito de inovação pedagógica”; “Observar e verificar se as práticas pedagógicas da Educação Popular no Sertão de Pernambuco são inovadoras”; “Sinalizar elementos que contribuem para a realização de práticas pedagógicas inovadoras na Educação Popular no Sertão de Pernambuco”. No entanto, durante todo o período de investigação teve-se sempre em mente que,

[...] a inovação envolve obrigatoriamente as práticas. Portanto, a inovação pedagógica não deve ser procurada nas reformas de ensino, ou nas alterações curriculares ou programáticas, ainda que ambas, reformas e alterações, possam facilitar, ou mesmo sugerir mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas (FINO, 2008a, p. 02).

O porquê da pesquisa voltada para Educação Popular no Sertão de Pernambuco se deu por três razões: (1) os educadores populares conduzem a aprendizagem num espaço que transpõe os muros da escola, em uma ação afirmativa da cultura popular e da identidade cultural; (2) a participação direta da comunidade nas decisões e no conhecimento construído constitui um momento privilegiado de inclusão, onde todos os grupos sociais podem participar e dar sua contribuição com o que, em uma escola tradicional, ficaria “à margem” da sala de aula e (3) o educador popular fala a linguagem da comunidade, mora na própria comunidade, conhece as necessidades da comunidade e vive sua cultura com propriedade. Isso permite a formação educacional integral do ser, a aceitação de todos os grupos sociais e culturais como protagonistas pensantes sem preconceitos, considerando os diferentes matizes que os estudantes trazem do seu cotidiano.

Os dados foram coletados entre dezembro de 2017 a maio de 2019 por meio de observação participante, entrevistas etnográficas e análise documental, registrados em diário de campo, visando responder às questões da investigação. A análise dos dados ocorreu de maneira indutiva e interpretativa através a triangulação das informações coletadas durante a imersão em campo, a qual junto com a fundamentação teórica e a metodologia compõem o corpo escrito desta pesquisa.

Assim, este estudo encontra-se dividido em duas partes. A primeira trata-se do enquadramento teórico que, por sua vez, está dividido em dois capítulos.

O capítulo 1, **Educação Popular**, discorre sobre o saber popular e o saber erudito; faz uma breve retrospectiva histórica da Educação Popular no Brasil; apresenta a importância dos

movimentos sociais populares para o desenvolvimento da Educação Popular; ressalta os ambientes de aprendizagem popular: o formal, o informal e o não formal; mostra a importância da cultura no processo de Educação Popular; evidencia as contribuições de Paulo Freire para a Educação Popular; caracteriza o educador popular; mostra a relação entre os educadores populares do Sertão e o Semiárido nordestino. Neste sentido, para melhor compreensão da Educação Popular e da Cultura Popular na perspectiva de Inovação Pedagógica, além de outros autores de referência no tema, o capítulo I foi embasado essencialmente em: Arantes (2012); Brandão (1981, 1986, 2012, 2013a, 2013b); Freire (1987, 1996a, 1996b,); Gadotti (2005, 2015, 2016); Paludo (2001, 2009).

O capítulo 2, **Inovação Pedagógica**, apresenta o cenário atual da educação; enfatiza a necessária quebra do paradigma educacional contemporâneo; discute a Inovação Pedagógica como ruptura paradigmática; define Inovação Pedagógica; discute sobre as práticas pedagógicas inovadoras na educação formal e não formal; discorre sobre o Construcionismo e a Zona de Desenvolvimento Proximal. Assim, com respeito à verificação da existência da Inovação Pedagógica no espaço pesquisado, considerando que sem inovação não se supera as práticas pedagógicas tradicionais na educação, foram utilizadas fundamentalmente as contribuições de Fino (2000, 2001, 2008a, 2008b, 2011a, 2011b, 2013).

A segunda parte deste estudo apresenta o enquadramento empírico e está dividida em dois capítulos, seguindo a mesma sequência numérica dos capítulos anteriores que compõem a primeira parte.

O capítulo 3, **Descrição Metodológica**, foi escrito como resultado da sistematização do contexto e universo da pesquisa, da metodologia aplicada na investigação e suas respectivas fundamentações teóricas, dos instrumentos de coleta de dados, dos procedimentos e dos sujeitos da pesquisa. Nele o investigador descreve: a contextualização da investigação; a definição do problema e questões de investigação; o campo da Pesquisa (Caracterização); os sujeitos da pesquisa; o acesso ao campo de investigação; as metodologias de pesquisa; define pesquisa de natureza qualitativa e investigação etnográfica; apresenta as técnicas de pesquisa e instrumentos de coleta de dados; como se procedeu a entrevista etnográfica, a observação participante e análise documental; o registo em diário etnográfico; como procedeu a análise e a validação dos dados. Para este capítulo, contribuições teóricas de autores de referência foram fundamentais, tais como: André (2012), Bogdan e Biklen (1994), Lapassade (1992, 2005); Macedo (2000, 2009, 2012).

O capítulo 4, **Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados**, apresenta os resultados da investigação por meio de categorias que surgiram durante a análise dos dados colhidos durante a imersão em campo; nele se busca responder às questões da pesquisa através da triangulação dos dados e da discussão dos resultados. Assim, após uma profunda reflexão e sistematização das informações e dos dados colhidos no decorrer da pesquisa, sobre as práticas pedagógicas dos educadores populares nos processos de aprendizagem dos educandos e dos depoimentos coletados, utilizaram-se embasamentos teóricos construtivistas e construcionistas de pressupostos da aprendizagem na linha de pesquisa de Inovação Pedagógica, tais como: Papert (1986, 1997, 2008); Piaget (2010); Vygotsky (1991).

Outros autores de referência deram sua contribuição nas análises paradigmáticas da aprendizagem e das práticas de construção do conhecimento dos educandos, a saber: Behrens (2013); Kuhn (2006); Morin (2000); Papert (1997, 2008); Toffler (1970, 1984).

Por fim, apresentam-se as considerações finais, por meio de um diálogo entre os resultados da pesquisa com os educadores populares do Sertão de Pernambuco e os referenciais teóricos, a fim de responder à questão norteadora da pesquisa: no contexto atual da aprendizagem da Educação Popular efetivam-se práticas pedagógicas inovadoras? O investigador procura responder esta pergunta no final deste estudo.

I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO POPULAR

1.1 O SABER POPULAR E O SABER ERUDITO

O saber social separado da própria vida, como o conhecemos hoje, somente se deu após a divisão do trabalho produtivo. Com algumas raras exceções, a exemplo da religião primitiva, não havia especialistas e no cotidiano da vida em comunidade todos sabiam de tudo e entre si se ensinavam-e-aprendiam. Aí estavam as bases da Educação Popular em sua origem, conforme descreve Brandão (2012) a seguir.

Locais especializados para o ensino, onde especialistas em ensino fariam o seu trabalho, é uma criação muito tardia do homem. Durante quase toda a história social da humanidade a prática pedagógica existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção (p. 24).

O certo é que a educação se tornou uma prática em si mesma e a escola o lugar material dela acontecer. Brandão (2012) ressalta que o saber do povo passou a ser visto como de segunda classe, empobrecido, derivado do saber erudito, mas, sem a mesma relevância ou importância. Porém, nem sempre foi assim. Com o desenvolvimento da agricultura, os grupos humanos passaram a habitar em lugares fixos e surgiram com isso as cidades, e nestas criou-se a escola. Antes de ser um lugar reservado exclusivamente ao ensino, a escola serviu para educar nobres, sacerdotes e escribas. É nela que o ato de ensinar-e-aprender se separa, aos poucos, das outras práticas sociais, tornando o saber comunitário no saber erudito, o qual torna-se também instrumento de poder para aqueles que têm acesso a ele e o dominam.

Nesta perspectiva, o que era antes comunitário passa para o controle de um grupo restrito de sabedores que tratam o saber como um segredo, logo, ter acesso a ele é um privilégio de poucos. Assim, com o passar do tempo, o saber comunitário vai perdendo espaço e o saber erudito passa a ser o saber valorizado e oficial que se sobrepõe ao saber popular.

À medida que a sociedade divide a posse dos bens produzidos e do poder alcançado por estes, inevitavelmente, os homens são socialmente classificados em sujeitos desiguais, assim como também são agrupados entre os que sabem e os que não sabem, criando grupos de profissionais “do saber-e-do-ensino” (BRANDÃO, 2013a, p. 106).

Conseqüentemente, a fragmentação dos saberes divide culturalmente o corpo social entre os cultos e os incultos, acentuando a discriminação e as desigualdades sociais. Para muitos, o popular é sinônimo de obsoleto, incongruente, como algo nocivo no imaginário de parte da sociedade. Assim, “as discriminações continuam, os pobres de modo geral – os pobres, os negros, as mulheres pobres, as mulheres negras pobres – são os mais atingidos” (PALUDO, 2001, p. 13).

A grande maioria das pessoas desconhece como se deu o processo de distinção entre os saberes, a ponto de considerar o saber popular como um saber de segunda classe, derivado do saber erudito, e, por isso, sem credibilidade e sem valor. Segundo Brandão (2012), houve um tempo em que os saberes populares e eruditos não se distinguiam, essa segregação aconteceu pouco a pouco, onde o saber de consenso, que chamamos de saber popular, tornou-se o saber erudito, dominante, oficial.

A produção de um *saber popular* se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso “sábio e erudito” que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um “saber do povo”. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se “sábio e erudito”; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como “popular” o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um, “erudito”, tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, “popular”, restou difuso — não centralizado em uma agência de especialistas ou em um polo separado de poder — no interior da vida subalterna da sociedade (BRANDÃO, 2012, p.15).

Assim, Brandão (2012) defende que a Educação Popular pode ser realizada independentemente da presença do educador erudito. Ele pode participar dando suporte com seu conhecimento, informações e interpretações, que a partir e nas situações de trabalho popular, torna claro e fortalece o saber popular.

Neste contexto, a Educação Popular é vista como educação do povo e para o povo, um meio de produção de saberes para a formação de identidade coletiva, no âmbito da educação não formal. A Educação Popular foge do contexto escolar, pois não se esgota em si mesma, se materializa em diferentes contextos por meio de atividades formais e não formais, como um fruto de práticas sociais contextualizadas e com significado para seus educandos. Nesse sentido, Preiswerk (1997) diz que o saber popular é transmitido de acordo com suas próprias especificidades de um grupo ou de uma geração para outra.

Assim sendo, com suas práticas pedagógicas próprias e bem difundidas no meio social das classes oprimidas, a Educação Popular tem propiciado o surgimento de uma nova epistemologia fundamentada e com grande respeito ao saber popular, este oriundo das práticas do dia a dia das organizações populares, e com isso, desvelado a teoria desconhecida pelo povo e que rege a prática popular e, a partir daí, “problematizando-a, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário” (GADOTTI, 2015, p. 4).

Pode-se então afirmar que a Educação Popular é muito diversa e permeia todo o universo das relações humanas. Na concepção de Gadotti (2016, p.7), “a Educação Popular valoriza a diversidade e defende a cultura popular, o saber popular”. Para ele, é preciso quebrar a hierarquia entre os saberes tradicionais (quilombola, indígenas, etc.) e o saber acadêmico. Outrossim, “a Educação Popular possibilita o diálogo de saberes populares, da cultura popular com os saberes/conhecimentos produzidos e sistematizados socialmente” (STRECK, 2014, p. 93).

Logo, ensinar exige respeito pelos saberes populares construídos nas comunidades e trazidos à sala de aula pelos educandos, principalmente os das classes populares. Porém, isso só não basta, é fundamental “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 1996b, p. 30).

1.2 BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

O surgimento da Educação Popular no Brasil deu-se graças a um ambiente favorável, propiciado por uma conjuntura política e social; nessa época, o país encontrava-se sob o domínio de governos populistas, emergindo por uma geração ativa de intelectuais nos meios universitários, estudantis, religiosos e militantes partidários, ao mesmo tempo que surgiam novos espaços e organizações de classes populares (SILVA; MACHADO, 2013).

Num primeiro momento, segundo Brandão (2012), a Educação Popular teve a função de alfabetização em larga escala como uma emergência social na América Latina, principalmente, no contexto social do Brasil, no período da industrialização por volta de 1945, para atender à mudança de modelo econômico do agrário-exportador para o urbano-industrial. Com o passar dos anos, aumentou-se a participação popular dos sujeitos coletivos nas iniciativas de Educação Popular e no campo político. Por volta de meados da década de 60, surgiram importantes promotores da educação e da cultura popular no Brasil. Por exemplo, o

Movimento de Cultura Popular (MCP), criado pelos movimentos sociais com forte influência socialista cristã; o Movimento de Educação de Base (MEB), ligado à Igreja Católica; e o Centro Popular de Cultura (CPC), ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE).

Num segundo momento, conforme Brandão (2012), os movimentos sociais de classe assumiram o objetivo de conduzir a transformação da sociedade por meio da ação política popular, no sentido de abertura à pluralidade de diferenças entre grupos e lutas, unindo-se pela categoria excluído, congregavam como sujeitos no processo de transformação social, e mais recentemente, em torno de temas como etnia, gênero, ambiente, entre outras ideias e ações não tão ideológicas e politicamente centralizadas.

Com estas considerações, pode-se afirmar que a Educação Popular emergiu no Brasil a partir da década de 20 com o manifesto dos pioneiros da Escola Nova. Nele se pregava uma Educação Popular para todos. Assim sendo, a expressão Educação Popular, já foi sinônimo de educação pública do povo de um país. Porém, ela ganhou um novo significado, principalmente, após a década de 50 do século passado, ao designar uma educação voltada à população analfabeta de jovens e adultos que ficava à margem do sistema educacional hegemônico e excludente da América Latina. Na década seguinte, o método “inovador e revolucionário” do educador Paulo Freire, com o apoio de muitos movimentos populares, foi bastante significativo para atender no Brasil uma população que contava 39,7% de analfabetos acima de quinze anos. (STRECK, 2014, p. 23).

Neste sentido, num contexto de lutas de classes, dentro de um sistema capitalista, a Educação Popular no Brasil constituiu-se historicamente na experiência dos movimentos sociais, sobretudo no início do século XX, num projeto alternativo a esse sistema. Assim, muitas vezes considerada apenas como educação de jovens e adultos, muito além dessa concepção, a Educação Popular é uma prática social empenhada com as classes populares, que desempenha um papel social emancipatório, ao mediar uma leitura crítica e consciente do mundo ao redor, despertando nos sujeitos e nas classes populares a ação protagonista e transformação social (PALUDO, 2001).

Porém, somente a partir da década de 60, os segmentos marginalizados da sociedade e os movimentos sociais e de resistência aos sistemas opressivos e autoritários da ditadura militar se preocuparam em promover mais consistentemente a participação dos sujeitos em soluções construídas coletivamente para superar as desigualdades sociais, principalmente, na área

educacional, que apresentavam altos índices de analfabetismo de jovens e adultos das classes populares em detrimento a carência de mão de obra qualificada para o trabalho que o país necessitava (PALUDO, 2001).

Com isso, diante da hegemonia de poucos frente às camadas populares, a realidade brasileira começa a ser repensada e novos valores surgem no seio dos movimentos sociais. Indivíduos políticos de esquerda e organizações ligadas aos trabalhadores começam a mobilizar as classes populares para uma tomada de atitude diante das forças hegemônicas e autoritárias. É nessa época que muitos movimentos sociais de resistência ganham força e se consolidam em suas lutas sociais (PALUDO, 2001).

Entretanto, Paludo (2001) ressalta que toda esta efervescência foi interrompida pelo golpe de 1964, mudando a promissora trajetória que o Brasil estava tomando. Porém, o golpe apenas silenciou as lutas sociais populares por algum tempo. Elas ressurgem em meados de 1975 com mais força e estabelecem “um Campo Democrático e Popular”. O campo político é ocupado por importantes intelectuais, organizações e movimentos sociais populares que vão sendo fundados, se integram entre si, e desempenham um papel fundamental no reestabelecimento da democracia.

A partir daí, surge uma nova visão e uma nova prática/reflexão que orientam o agir político-pedagógico, que é denominado de “Educação Popular”, aprofundando os conceitos estabelecidos na década de 1960. Porém, foi nos anos de 1970 e 1980 que suas práticas educativas se firmaram, influenciando, nesse período, a educação no geral. Nos anos seguintes, ela continua amadurecendo sua concepção e ressignificando-se no novo contexto de sociedade, numa perspectiva crítica e contra-hegemônica, mas “articulada às necessidades das classes subalternas para que caminhem no rumo de sua emancipação subjetiva, social, econômica política e cultural – humana” (PALUDO, 2001, p. 153).

Deste modo, o estabelecimento da concepção de Educação Popular esteve permanentemente ligado aos movimentos de forças políticas e culturais que lutam pela concretização de uma sociedade igualitária e justa, com qualidade de vida não só para as classes subalternas, a serem emancipadas, mas, utopicamente, para que essa nova ordem social inclua, igualitariamente, todas as classes sociais. No entanto, não é a educação que forma os sujeitos para uma nova sociedade, mas os sujeitos, protagonistas populares de sua história individual e coletiva, que vão desenvolvendo e fazendo emergir uma outra educação, que nos seus próprios

processos e práticas pedagógicas, desencadeia a mudança, conforme descreve Paludo (2001) a seguir:

O conhecimento dos próprios sujeitos, o conhecimento científico, os métodos de análise, a crítica e a autocrítica, etc., são instrumentos através dos quais os educadores, os educandos, as lideranças, os dirigentes, enfim, os diferentes sujeitos estudam a realidade nos seus múltiplos aspectos, buscando conhecê-la e transformá-la (p. 189).

Assim, não há um consenso unânime sobre a real especificidade da Educação Popular. Por esse motivo, além dos diversos pontos de vistas das mais variadas teorias sociais, a noção de Educação Popular, conforme o cenário social e político, tem suas variantes. Como tal, isso fica evidente quando se comparam os cenários e as questões educativas em diferentes regimes de governos de alguns países, como por exemplo, “sob uma ditadura militar (a década de 70 de quase todos os países latino-americanos), em um regime inspirado pelo socialismo (Cuba e Nicarágua até 1990), ou nas demais democracias neoliberais atuais” (PREISWERK, 1997, p. 56), as questões e a centralidade dos problemas educativos não coincidem entre si.

No Brasil, o termo Educação Popular já significou a educação dada ao povo, a educação pública, sentido que permaneceu no senso comum como educação para o pobre, diferentemente do sentido emancipatório que possui hoje em dia. Porém, na concepção de Brandão (2012), a Educação Popular assume as dimensões pedagógica, cultural não hegemônica e de luta política e de classe, construídas por meios de práticas formativas de educação como meio de libertação e conscientização dos oprimidos através de uma interpretação crítica da realidade para construção de um projeto civilizatório contra-hegemônico. Dessa forma, esta concepção está alinhada com o pensamento de Freire (1987) e de Paludo (2001), não confundindo, então, com o sentido de democratização de acesso à escola (STRECK, 2014).

Portanto, a concepção e a finalidade da Educação Popular ao longo da história são muito dinâmicas e ainda estão em constantes ressignificações, isso ocorre devido às novas demandas surgidas a cada contexto econômico, social e político.

1.3 MOVIMENTOS SOCIAIS POPULARES

É a partir de estudos de experiências de movimentos sociais e populares que se pode compreender, de fato, a Educação Popular no bojo de sua construção própria de metodologias alternativas, pensamento, conhecimento e poder, em contraponto às práticas da educação oferecida pelo sistema oficial. As classes excluídas têm utilizado pedagogias, métodos criativos

e alternativos para transformar as relações de poder e as práticas dominantes da educação imposta, de forma que preparem homens e mulheres para a vida. Portanto, a Educação Popular deve ter a realidade social e cultural do povo como ponto de partida a ponto de compreender e mudar tal realidade (STRECK, 2014).

Na história mais recente do Brasil, observa-se que movimentos e agremiações sócio populares tiveram na Educação Popular um instrumento de luta contra práticas culturais e educativas hegemônicas e na busca do estabelecimento de uma nova conjuntura cultural, política, social e epistemológica que os incluísse. Nesse sentido, na formação e no estabelecimento da área de Educação Popular no país, Tavares (2017) destaca quatro grandes movimentos sociais populares que foram de grande importância:

O Movimento de Cultura Popular (MCP), criado em maio de 1960, sobre a égide da Prefeitura do Recife, como sociedade civil autônoma; a Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, deflagrada pela Secretaria Municipal de Educação de Natal, em fevereiro de 1961; o Movimento de Educação de Base (MEB), lançado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em convênio com o Governo Federal, em março de 1961; o Centro Popular de Cultura (CPC), criado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) em abril de 1961 (TAVARES, 2017, p. 97).

Ainda que a sociedade tenha sempre privilegiado a escola como espaço de educação formal em detrimento das possibilidades educativas existentes nos movimentos sociais, os quais usam as experiências e as práticas sociais dos sujeitos como ação educativa, ambos, escola formal e movimentos sociais em espaços não formais, podem ser espaços legítimos de uma educação crítica e emancipatória.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9394/96, em seu artigo 1º, avança na percepção de educação ao contemplar em seu bojo a Educação Popular como uma forma legítima de educação: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, *nos movimentos sociais e organização da sociedade civil e nas manifestações culturais*” (LDB, 1996, p. 9, grifo nosso).

Neste sentido, estudos mostram que as camadas subordinadas, utilizando-se de formas próprias de educação ou incorporando elementos e ideias que lhes foram impostas pelas camadas dominantes, conseguem criar e recriar sua própria cultura de classe. Conclui-se, então, que o controle formal sobre a educação não é maior que a educação em si. Tais classes subalternas possuem redes e estruturas pedagógicas próprias de reprodução do saber popular

que lhes servem como tramas de resistência à invasão da educação e do saber “de fora da classe” (BRANDÃO, 2013a, p.110).

Os movimentos sociais possuem perícia em questionar sistematicamente as circunstâncias de discriminação e exclusão em que se encontram e, ao mesmo tempo, sinalizar um caminho utopicamente alternativo, porém viável (MARCON, 2009). No Brasil, destaca-se o trabalho de vanguarda de algumas dioceses da Igreja Católica, por meio de educadores de movimentos de cultura popular, como espaços legítimos de mobilização e apoio nas comunidades populares. Porém, recentemente, a Igreja já não tem esse tipo trabalho pedagógico com as comunidades populares como antes.

Assim, nos últimos anos, a própria Igreja, que sempre teve uma antiga experiência de “ensino do povo”, abandonou em certos setores o trabalho pedagógico através de pequenos cursos (alfabetização, corte e costura, formação de lideranças) e procurou criar novas práticas de diálogo mais ágil e politicamente mais direto com os grupos populares e suas comunidades. Isto aconteceu no campo e na periferia das cidades (BRANDÃO, 2013b, p. 90, grifo do autor).

Essa nova roupagem da Educação Popular transpôs os limites do trabalho pastoral da igreja católica, que somados a ação de outras igrejas cristãs, intelectuais e movimentos sociais, desencadeiam novas formas de organização popular ancoradas no que Paulo Freire chamaria de *práticas populares de libertação*.

Assim, a Educação Popular pode ser feita em qualquer lugar e situação em que se possa fazer reflexão sobre práticas, ações e experiências de grupos sociais e movimentos populares, pois é no coletivo que o saber popular está em “ebulição” e pode empoderar e libertar do dogmatismo opressor os sujeitos, pela vivência e pela participação.

Portanto, a Educação Popular que originalmente estava ligada aos movimentos sociais como pedagogia emancipatória para a transformação social, tornou-se, reconhecidamente, a educação de todos que procuram engajar na luta. Por isso, a Educação Popular é cada vez mais uma pedagogia indígena, uma pedagogia feminista, uma pedagogia negra, uma pedagogia dos sem-terra e sem-teto. Mas, ela é também uma pedagogia em movimento na medida em que dificilmente se deixa enquadrar em esquemas teóricos clássicos. Segundo Streck (2013, p. 363), “ela corresponde à diversidade de tempos e de culturas que constituem o campo das práticas educativas. A Educação Popular está umbilicalmente vinculada com os movimentos sociais populares”.

1.4 AMBIENTES DE APRENDIZAGEM POPULAR: O FORMAL, O INFORMAL E O NÃO FORMAL

A educação está em toda parte. A própria vida se confunde com a educação, o tempo todo estamos aprendendo, ensinados, ou aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, seja para saber, para fazer, para ser ou para conviver: a educação permeia nossa vida. Por isso, “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (BRANDÃO, 2013a, p. 9).

A educação pode ser entendida como uma forma de tornar coletivo, o saber, a crença, os valores, os símbolos, ou simplesmente uma ideia; pode-se considerá-la apenas como “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, 2013a, p. 10).

Assim sendo, a educação é intrínseca do ser humano, é anterior e independe do sistema centralizado e formal de ensino, como meio estrutural de transmissão do saber entre as gerações, ela está presente em cada ação do homem, é o que o torna humano, é o que o faz evoluir, o segue no trabalho e por toda sua vida.

Evidentemente que a escola de hoje deve estar consciente de que não é a única detentora do conhecimento e que há mais conhecimento fora dos seus muros do que no seu interior. Nesse contexto, a educação não é mais um processo apenas cognitivo do desenvolvimento humano, mas físico, intelectual e moral. Dessa forma, o processo educacional de cada indivíduo se materializa nos mais distintos ambientes e circunstâncias.

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2013a, p. 7-8).

Assim, Brandão (2013a) diz que a educação permeia os mais distintos e diversos ambientes, ninguém escapa dela, pois a educação perpassa a vida, o ambiente social e cultural de todas as pessoas. Para compreendermos melhor os tipos de educação: a educação formal, a educação informal e a não formal, passaremos a caracterizar a seguir cada uma delas.

A educação formal é aquela desenvolvida entre quatro paredes, ou seja, a que se aprende dentro da sala de aula, passada por profissionais competentes com objetivos claros, isto é, aquela que se obtém nas Instituições Escolares oficiais (públicas ou particulares), relacionadas com a Educação Básica e o Ensino Superior reconhecidas pelos órgãos governamentais competentes e comprovadas por certificados e diplomas, de acordo com a Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O outro tipo de educação é a informal, a que acontece durante toda a vida do indivíduo por meio dos processos de socialização, e se caracteriza por não ser intencional ou organizada, mas casual ou empírica, exercida a partir das vivências, de modo espontâneo. “A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados” (GOHN, 2006, p. 29). Os responsáveis por esse tipo de educação são os pais, familiares, vizinhos, amigos e a comunidade em geral. A educação informal está presente também nas crenças e religiões. Outro agente de construção do saber da educação informal são os meios de comunicação em massa.

A educação não formal define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que normalmente é realizada fora dos quadros do sistema formal de ensino. “Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN, 2006, p.29). Nela, os modelos de aprendizagem não se confundem com a educação formal, que é oficial e deve cumprir exigências legais. Mas dela se aproxima pela intenção explícita de educar, muitas vezes usando recursos metodológicos para sua realização. Dessa forma, “a educação não-formal é vista como complementar – e não contraditória ou alternativa – ao sistema de educação formal e deve, pois, ser desenvolvida em articulação permanente, quer com a educação formal, quer com a educação informal” (PINTO, 2005, p.3).

Jacobucci (2008) divide os espaços de educação não formal em duas categorias: locais que são Instituições e locais que não são Instituições.

Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços (JACOBUCCI, 2008, p. 56-57).

Nestes Sentido, uma vantagem dos espaços não formais de aprendizagem é a superação da fragmentação do conhecimento. Esses espaços oportunizam a articulação dos conhecimentos disciplinares de forma inter e transdisciplinar, tendo como objetivo fundante, conforme Pinto, “o desenvolvimento e a experiência pessoal do educando no seu todo” (PINTO, 2005, p. 4).

Portanto, em meio aos mais diversos espaços de aprendizagem, um dos fundamentos da Educação Popular é se contextualizar por meio de uma leitura crítica de mundo e das realidades dos sujeitos, para que estes se preparem para a vida. A Educação Popular não é uma educação imposta, mas uma prática educacional coletiva envolvida numa ação social de resistência das mais diversas formas de opressão; ela promove o diálogo, amplia a concepção de educação e utiliza o saber da própria comunidade, seja de maneira formal, informal ou não formal, como instrumento de aprendizagem e formação cidadã dos seus sujeitos.

1.5 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Na concepção de Canclini (1983), cultura popular é toda ação ou expressão espontânea do pensamento humano que aflora o criativo, o belo, o artesanal e a sabedoria de um povo, podendo ainda expressar tanto as ideologias das classes dominantes como os contrastes inerentes às próprias classes oprimidas. No entendimento de Canclini (1983, p. 43), as culturas populares, numa alusão à diversidade de culturas populares existentes, “se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida”.

Conquanto, mesmo em áreas da ciência que se tem dedicado ao estudo da cultura, como por exemplo a Antropologia Social, não se chegou a um conceito definitivo para o que é chamado de cultura popular. Assim sendo, a exemplo da Educação Popular, a cultura popular assume um leque de concepções e significados bem diversos e heterogêneos, que vão desde a refutação de que ela possui alguma espécie de “saber”, até o ponto de lhe outorgar a atribuição de agente de “resistência contra a dominação de classe” (ARANTES, 2012, p. 7-8).

A cultura é revelada por meio de condutas que expressam as estruturas mais íntimas da vida humana, denotando a forma pessoal e social de ser, agir e viver. A prática cultural materializa-se no estilo de vida e nas relações sociais, afetando a visão de mundo e a forma de se construir o conhecimento e de enxergar e intervir na realidade (CANDAUI, 2006).

Desde a Grécia antiga, como também no império romano, os camponeses utilizavam a educação doméstica como fio condutor para iniciar crianças e adolescentes nas tradições sagradas da cultura. Segundo Brandão (2013a), ela era um meio de preservar os valores dos antepassados e a formação da consciência moral de geração em geração, a fim de criar homens capazes de primar pelos interesses da comunidade em detrimento de si mesmo. Assim, durante séculos, a educação voltada para preservação cultural era suficiente para a cidadania e para vida nas comunidades campesinas.

Além disso, é possível afirmar que cada grupo humano cria e desenvolve seu próprio artifício pedagógico de transmissão do saber dentro de sua comunidade, conforme a concepção que possui de homem, de sociedade e de mundo. É por meio do envolvimento integral, mente, corpo e afetividade, nas mais diversas situações e relações entre os homens e com a natureza, que, conforme Brandão (2013a, p. 24), “o processo de aquisição pessoal de saber-crença-e-hábito de uma cultura” acontece, é a “endoculturação”, é a “parte da aventura humana do “tornar-se pessoa”.

Nessa perspectiva, Streck (2014) diz que a pedagogia da Educação Popular tem como ponto de partida o contexto cultural do educando vinculado a uma práxis emancipatória que constrói e reconstrói o conhecimento do sujeito, respeitando o saber e as experiências que o educando já possui. É a partir da realidade do educando e de sua visão de mundo que o educador estabelece uma relação dialógica para que se iniciem ações participativas, transformadoras e emancipatórias na vida do educando popular.

Por isso, não há sujeito democrático na Educação Popular sem a pedagogia da participação. É necessário que os sujeitos aprendam no seu meio cultural a participarem e exercerem a democracia, e, somente então, as classes populares são fortalecidas, e, educador e educando, juntos, constroem o caminho da libertação, e assim, “já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas que os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p.75).

Por isso, não há como ignorar a identidade cultural dos educandos no processo de construção do conhecimento, pois ela faz parte tanto da dimensão individual quando da coletiva desses educandos.

1.6 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

Para se ter real compreensão da contribuição do educador Paulo Freire para Educação Popular é necessário primeiro apresentá-lo, mesmo que resumidamente. Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade do Recife, Estado de Pernambuco e faleceu na cidade de São Paulo no dia 02 de maio de 1997. Foi um grande educador brasileiro que criou o método inovador de alfabetização de adultos, que posteriormente foi propagado em vários países. Suas obras ainda são a principal referência teórica para Educação Popular, tendo ele dedicado sua vida por uma educação emancipatória e libertadora em meio às necessidades de aprendizagem das classes desfavorecidas social e politicamente (FREIRE, 1996a).

Paulo Freire, formou-se em Direito e tornou-se professor de Língua Portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz e de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1955, fundou em parceria com outros educadores, na cidade do Recife, o Instituto Capibaribe, escola inovadora que agregava muitos intelectuais da época e que está em funcionamento até os dias de hoje (FREIRE, 1996a).

Seu projeto de alfabetização nasceu ao comover-se com a grande população adulta analfabeta da zona rural dos Estados nordestinos que vivia socialmente marginalizada e excluída. Inconformado, Paulo Freire desenvolveu seu método revolucionário de alfabetização de adultos partindo da realidade do educando ao utilizar palavras geradoras que faziam parte do contexto social do indivíduo aprendente. O projeto piloto com 300 trabalhadores rurais foi desenvolvido na cidade de Angicos, interior do Estado nordestino do Rio Grande do Norte, no ano de 1962 (BRANDÃO, 2013b).

É nesses anos de 1960, que se tem, no Brasil, pela primeira vez, com Paulo Freire, de forma consciente, uma pedagogia anunciada das classes populares. Pela primeira vez, começa-se a conceber uma pedagogia na educação brasileira (e latino-americana) que leva em consideração a realidade brasileira com vistas à sua transformação, em que as classes populares assumem papel central (COSTA, 2017).

Paulo Freire teve seu projeto interrompido pelo golpe militar de 1964, e, mais tarde, depois de 1968, os movimentos de Educação Popular no Brasil foram reprimidos, tendo ele sido acusado de “agitador” e “comunista” e depois preso por setenta e dois dias. Após ser solto, o educador tornou-se exilado político, morando e trabalhando em diversos países, por onde ia

divulgando suas ideias. Com a anistia em 1979, retornou ao Brasil. Devido ao seu trabalho no campo da educação, Paulo Freire foi reconhecido mundialmente, prova disso é que é o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa nas mais diversas universidades pelo mundo, ao todo foram 41 títulos, concedidos, dentre elas, por Oxford, Cambridge e Harvard (FRAZÃO, 2017).

Considerado subversivo e além do seu tempo, o educador e intelectual Paulo Freire instrumentalizou as camadas populares por meio de sua pedagogia libertadora, elementos esquematizados e organizados a partir de suas próprias considerações, reinterpretações ou inovações de teorias existentes, contra as relações opressoras do capitalismo. Com suas ideias revolucionárias, tornou-se uma referência na Educação Popular no Brasil e no mundo, pois mostrava coerência entre teoria e prática e a importância da militância na educação, opondo-se à visão de educação como prática neutra. Desde então, educadores e educadoras, movimentos sociais e escolas têm desenvolvido ações de Educação Popular numa perspectiva freireana, baseados na atividade direta com as classes populares e na defesa de sua necessidade de emancipação social (BRANDÃO, 2013b).

A própria vida de Paulo Freire (1921-1997) foi impactante na forma de se pensar educação, porém o seu legado eternizou-se através das suas obras, contribuindo para a consolidação da Educação Popular no Brasil e na América Latina. É a partir das suas propostas à frente descritas que se terá uma noção clara da importância e colaboração deste educador para a Educação Popular.

No entanto, a concepção de Educação Popular desenvolvida por Paulo Freire, o que o tornou não só um expoente brasileiro na área como também de destaque em toda América Latina e no mundo, teve a influência de outros autores e correntes para o seu pensamento em torno da Educação Popular. Pode-se citar alguns autores importantes do pensamento moderno como: Kant, Rousseau, Locke, Descartes e Hegel. A Educação Popular teve ainda outras contribuições para sua fundamentação teórica: autores latinos como Dussel, Gramsci e Martí, o marxismo, a Escola Nova, a Escola de Frankfurt, a fenomenologia, o existencialismo, a Teoria da Reprodução, dentre outras. No entanto, ao se apropriar do pensamento moderno ocidental, a Educação Popular teve como base a realidade crítica de seus atores, problematizando as condições em que se encontravam, em busca da autoria do próprio caminhar e do próprio destino, rebelando-se coletivamente contra as injustiças (STRECK, 2014).

Por isso, não há como tratar de Educação Popular sem falar inevitavelmente da herança intelectual do educador Paulo Freire que deixou importantes reflexões sobre os sujeitos marginalizados pela sociedade do capital. Por conceber as classes populares como possuidoras de um saber não valorizado e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, Paulo Freire (1987) realçou a importância de se construir uma educação a partir do conhecimento do povo e com o povo, provocando uma leitura da realidade na ótica do oprimido, que ultrapasse os limites das letras e se constitua das relações históricas e sociais.

A Educação Popular, na visão freireana, busca problematizar a realidade com base na dialogicidade, pois, “o homem não é uma ilha, é comunicação. Logo, há uma estreita ligação entre comunhão e busca”. (FREIRE, 2011, p. 34). Com isso em mente, entende-se que o conhecimento dos educandos é construído e reconstruído por meio de um processo de conscientização e na condição de seres históricos e inacabados e aptos para intervir no mundo como agentes políticos. Políticos no sentido de que, por meio da Educação Popular, devem participar ativamente na transformação do mundo e de sua própria história, como seres autônomos engajados coletivamente em um projeto de sociedade (FREIRE, 1987).

Um dos pilares da pedagogia da Educação Popular desenvolvido por Freire (1987, p. 69) é a ideia de que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo”. Neste sentido, a educação, passa a ser um ato coletivo, solidário, não pode ser imposta. Na sua visão, educar é uma tarefa de trocas entre pessoas, “Não há educadores puros”, “nem educandos”. Ensinar e aprender é uma “via de mão dupla”, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. Lado a lado se ensina e aprende. “Não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum” (BRANDÃO, 2013b, p. 23).

Foi por meio da Educação Popular que várias instituições e governos deram suporte ao pensamento de Paulo Freire, enquanto um dos seus mais importantes fundadores teóricos, disseminando e implantando suas ideias e seus métodos, conforme reporta Brandão (2013b):

o trabalho pioneiro do MCP do Recife, do SEC da Universidade Federal de Pernambuco, da Campanha Nacional de Alfabetização do MEC, em 1964 (pensado e não realizado), do governo chileno durante alguns anos, do governo popular de Guiné-Bissau ou de São Tomé e Príncipe. [...] as pequenas iniciativas de estudantes que aqui e ali, alfabetizam adulto com o método. Os educadores iam as comunidades populares “do campo e da cidade” em busca de condições de implantação de círculo de cultura. Algumas vezes, mesmo a nível comunitário, os trabalhos de alfabetização eram parte

de um programa de mais amplo de *desenvolvimento comunitário* ou de *mobilização popular*. Outras vezes podiam ser, até mesmo, um compromisso isolado de um educador, com algumas pessoas de uma comunidade com que ele tinha um relacionamento político profissional ou afetivo (p. 89, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a Educação Popular tem sido reconhecida como uma corrente pedagógica e um movimento educativo com origem fortemente influenciada pelo pensamento de Paulo Freire, com estreitos e fortes vínculos com América Latina, que continua influenciando educadores a partir de reflexões e práticas educacionais dialógicas concretas, problematizantes, rebeldes, críticas diante da ordem social opressora dominante e emancipadora dos mais diferentes setores sociais (MIJÍA, 2010).

Portanto, a Educação Popular é uma das mais belas contribuições da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Em toda medida, isso se deve à sólida divulgação realizada por Paulo Freire durante anos peregrinando por diversos países. Sua insistência em difundir ideias de uma educação emancipadora semeou internacionalmente o pensamento latino-americano de libertação do povo oprimido.

1.7 O EDUCADOR POPULAR

Não há um lugar específico para “formar” o educador ou educadora popular, estes formam-se em seu próprio ambiente de atuação, é no cotidiano de sua prática pedagógica que se aprende e se ensina a formação humana que “é inseparável da produção mais básica da existência, do trabalho, das lutas por condições materiais de moradia, saúde, terra, transporte, por tempos e espaços de cuidado, de alimentação, de segurança” (ARROYO, 2003, p. 31). Assim, o próprio movimento social torna-se um sujeito formador, independentemente da formação acadêmica, a partir do envolvimento em processos formativos informais que o educador ou educadora popular, identificando-se com as histórias de vida do grupo social e alimentando-se do movimento de sua práxis, inicia, perdurando sua formação popular por toda sua vida e a vida de todos.

Assim, a própria dinâmica da vida, em seu movimento próprio, torna-se o ambiente formador tanto do educador quanto do educando, em comunhão mútua, vendo-se como seres inconclusos, que ambos têm muito que aprender e que ensinar. Assim, conforme Brandão (2013a, p.7), “para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar, para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias mistura-se a vida com a educação”. A Educação Popular não é algo separado da vida, mas confunde-se com a própria vida cotidiana, deve ser capaz não

somente de romper, mas propor novos paradigmas comprometidos com o processo de mudança social.

Qual a incumbência de um educador popular? A principal atribuição de um educador popular é envolver-se no processo de “produção e reprodução de um saber popular” (BRANDÃO, 2012, p. 92), às vezes, até mesmo incorporando conhecimentos acadêmicos e eruditos às práticas de Educação Popular. Esta caracteriza-se por permitir que o povo elabore seu próprio saber, independentemente do sistema formal de ensino, e o use como instrumento de luta pela transformação popular, política e social. É no enfrentamento da distribuição social dos saberes que ele se torna instrumento emancipatório.

Afinal, quem é o educador popular? O certo é que o educador popular não é aquele especialista que faz oposição aos demais educadores tradicionais, nem mesmo existe como uma entidade permanente, pois ele pode emergir “em qualquer contexto em que se luta pela igualdade, pela justiça social e pelo reconhecimento do diferente”. Logo, esse sujeito pedagógico pode ser achado nos mais diversos ambientes: “nos movimentos populares, nas escolas e universidades, na execução das políticas sociais, na educação de jovens e adultos, nas organizações não governamentais (ONGs), entre outros lugares” (STRECK, 2014, p. 23-24).

O educador popular, que nem sempre tem formação específica, segundo Streck (2014), possui intrinsecamente um certo projeto alternativo emancipatório de sociedade que traduz os interesses da comunidade em que ele atua. Sua ação é coletiva e de caráter político, manifestada através das vindicações dos direitos do povo oprimido e direciona práticas educativas que valorizam o saber popular, que articula e mobiliza a ação das classes populares.

O desejo por uma sociedade incluyente está estreitamente relacionado ao fazer educativo do educador popular, que, ao despertar processos de construção de autonomia, projeta esse ideal. Tal autonomia diz respeito ao potencial implícito individual de poder enxergar, refletir, dialogar e fazer as próprias opções, deixando de ser a “massa de manobra” social (STRECK, 2014, p.86).

Portanto, o educador popular é uma peça fundamental e necessária no processo de mudança da realidade do educando, ele potencializa e provoca a reflexão que desencadeia a ruptura do velho para dar espaço ao novo, cria condições para que os sujeitos construam sua cidadania e promova o bem-estar coletivo utilizando-se da Educação Popular.

1.8 RELAÇÃO ENTRE OS EDUCADORES POPULARES DO SERTÃO E O SEMIÁRIDO NORDESTINO

A região semiárida do Nordeste brasileiro é caracterizada geograficamente pela incidência de secas periódicas e de grande intensidade, com registros feitos desde século XVI, porém seus efeitos e impactos sobre a população e a economia da região somente passaram a ser estudados e discutidos a partir do século XIX. Nesse contexto, o entendimento de seca “vai desde a falta de precipitação, deficiência de umidade no solo agrícola, quebra de produção agropecuária, até impactos sociais e econômicos negativos em geral, ou seja, identificação de áreas secas em função de causas e efeitos, com diversos níveis de abrangência” (GONDIM *et al.*, 2017, p. 278).

Mapa 1 – Delimitação do Semiárido nordestino



Fonte: Agência Nacional de Águas (ANA), 2018.

Ocupando uma área de 981 mil km², a região do Semiárido brasileiro é formada de 1.135 municípios, acomodando quase 24 milhões de habitantes, ou seja, quase 12% da população do País. Dessa população cerca de 10 milhões moram na zona rural. Apesar de em sua maioria os centros urbanos serem caracteristicamente de pequeno porte, há vários centros urbanos com população expressiva que ultrapassa os 250 mil habitantes (MEDEIROS *et al.*, 2016).

Diante desse cenário, no início da década de 1990, um grupo de pessoas ligadas primeiramente à Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e depois à Pastoral da Terra, ambos movimentos ligados à Igreja Católica, partindo da premissa de mudar a realidade local

do homem do campo do Semiárido nordestino, uniram-se às lutas sociais por meio da Educação Popular. À medida que o movimento foi ganhando robustez, ele rompeu o vínculo institucional com a Igreja e passou a atuar de forma independente no cenário social e político do Sertão pernambucano em prol dos excluídos e marginalizados, principalmente, pelo efeito das secas.

A PJMP tinha suas raízes na Teologia da Libertação, que mobilizava a juventude da Igreja nas lutas sociais buscando o aprofundamento e crescimento na fé ao mesmo tempo que promovia a libertação dos oprimidos a partir da transformação de sua realidade. Assim, a Teologia da Libertação teve grande importância e contribuição no estabelecimento da Educação Popular no Sertão de Pernambuco.

Além disso, a Teologia da Libertação, como Educação Popular, é uma prática e uma teoria que se elabora com os setores populares. É uma reflexão sobre a fé, sobre a experiência de Deus vivida em um contexto de opressão. É uma reflexão feita à luz do evangelho, sobre a práxis dos pobres e daqueles que se identificam com eles. A Teologia da Libertação está situada socialmente, postula que o fato de levar a sério a opressão sob uma perspectiva socioeconômica, cultural e religiosa, conduz a uma nova maneira de fazer teologia (PREISWERK, 1997, p. 215).

Assim sendo, foi nesse ideário da Teologia da Libertação e da Educação Popular que nasceu o Núcleo de Educadores do Sertão de Pernambuco (NEPS), como entidade não governamental, com sede no município de Dormentes – PE. Formada por jovens do próprio Semiárido que tinham como principal missão discutir o abandono social em que viviam, a partir de sua própria realidade social, política e cultural, o NEPS pretendia lutar para mudar esse contexto estabelecendo ações de convivência digna do homem do campo com o Semiárido nordestino.

Dentre as ações desenvolvidas pelo NEPS está a Educação Popular voltada para a convivência do homem do campo com a terra, com o meio ambiente e com sua subsistência no Semiárido, por meio de geração de renda, valorização da cultura local e de outras questões políticas e sociais que afetam o sertanejo, como por exemplo, a emigração na época das secas e a própria “indústria da seca”. Outra ação dos educadores populares é a utilização da cultura popular regional como meio de discutir a educação de forma contextualizada em projetos como: a puxada do bode, o festival das águas e os terreiros culturais.

No que diz respeito à chamada “indústria da seca”, Carvalho (2012) observa os seguintes aspectos:

[...]eleva-se a um problema econômico e político no Nordeste respaldando-se enquanto arma política, como argumento quase incontestável, quase irrefutável para conseguir benesses, investimentos, carregamentos de recursos, construção de obras, frentes de trabalho, cestas básicas e etc., favorecendo uma elite nordestina que passa a mobilizar e capitanear ações para a região. É a conhecida “indústria da seca” (CARVALHO, 2012, p. 05).

Desta forma, a população sertaneja oprimida tem suas mazelas como fonte de poder e domínio das elites regionais, que exploram política e economicamente as consequências da seca, característica do Nordeste brasileiro.

É neste contexto que os educadores populares fazem Educação Popular no Sertão de Pernambuco, sendo este o nosso objeto de estudo. A libertação do homem sertanejo consiste em sua autonomia na convivência com o Semiárido, que inclui a preservação do meio ambiente, fontes alternativas de renda, a preservação de sua identidade cultural e a aquisição de novas tecnologias para o campo e para sua produção e subsistência.

É praticamente impossível desenvolver Educação Popular no Semiárido nordestino desvinculada da produção, pois é na luta pela subsistência que esses setores demonstram seu saber e sua criatividade popular. Neste sentido, seria um equívoco separar Educação Popular comunitária e economia popular, “pois são dois aspectos chaves e complementares da mesma realidade” (GADOTTI, 2005, p. 7).

O conceito e a prática da Educação Popular comunitária parte do princípio de que o trabalhador e, em particular, os setores da sociedade, para atingir a melhor qualidade de vida, educam-se ao mesmo tempo que trabalham, isto é, produzem (GADOTTI, 2005, p. 8).

Na concepção de Gadotti (2005, p. 8), “a Educação Popular comunitária se baseia no reconhecimento da diversidade cultural, na economia popular, na multiculturalidade, no desenvolvimento da autonomia de pessoas, grupos e instituições e na promoção da cidadania”. Portanto, é neste contexto, que a Educação Popular é desenvolvida no Sertão de Pernambuco.

CAPÍTULO 2 – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

2.1 O CENÁRIO ATUAL DA EDUCAÇÃO

Foi com a emergência da revolução industrial que conceberam o protótipo de escola como a conhecemos na contemporaneidade. Na época, a revolução industrial trouxe consigo novas demandas sociais e, como resposta a suas necessidades, surgiu a escola pública, pois o tipo de homem que tal sociedade manufatureira necessitava “nem a família nem a igreja eram capazes, por si só, de facultar” (FINO; SOUSA, 2001, p. 3), ou seja, a educação não podia ser oferecida somente pela família ou pela igreja, era urgente a intervenção do Estado na formação de cidadãos qualificados para atender aos anseios de um outro corpo social que despontava naquele momento.

Neste caso, que perfil a escola deveria ter para ser eficiente em preparar pessoas para atender às reais necessidades da estrutura fabril que afluía?

A solução só podia ser um sistema educacional que, na sua própria estrutura, simulasse esse mundo novo. Tal sistema não surgiu logo; ainda hoje conserva elementos retrógrados da sociedade pré-industrial. No entanto, a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de gênio industrial (TOFFLER, 1970, p. 393).

Assim, criou-se um modelo de escola que se assemelhava ao próprio sistema de produção de uma fábrica, com toda a sua rigidez, burocracia e autoritarismo, para se atingir a finalidade de uma educação em massa.

Fino (2000) esclarece que esta íntima conexão entre escola e fábrica se estabeleceu a medida em que

[...] as classes dirigentes tomaram consciência de que a grande máquina da escolaridade era susceptível de encaminhar os jovens em direção a uma sociedade adulta, onde a estrutura de empregos, hierarquia e instituições são, em tudo, semelhantes à escola. Não se tratando apenas de aprender coisas, mas de viver de uma maneira que antecipava o ambiente em que os alunos iriam viver no futuro. [...] o que mais importava era vivência de um grupo (escola-fábrica) e de um tempo (síncrono) impostos pelas necessidades da civilização industrial (FINO, 2000, p. 28).

No entanto, o terceiro milênio trouxe consigo um novo modelo de sociedade, claramente caracterizado pelo desenvolvimento e por rápidas e constantes mudanças tecnológicas, científicas, culturais, políticas e sociais, fruto de um longo processo histórico, influenciado pelas mudanças paradigmáticas da ciência.

O modelo atual de educação escolar é praticamente o mesmo desde sua criação no auge da revolução industrial, permanecendo com seus alunos “organizados nas carteiras, divididos por filas, de preferência em silêncio, sem questionar, sem expressar seu pensamento, aceitando com passividade o autoritarismo e a impossibilidade de divergir” (BEHRENS, 2013, p. 23). Deste modo, seus procedimentos metodológicos estão centrados na repetição, na memorização de conteúdos e na execução de tarefas repetitivas que, frequentemente, não apresentam nenhum nexos para quem as executa.

Neste contexto, a escola tradicional, segundo Popper (1990), perdeu sua atratividade ao padronizar e homogeneizar tudo e todos, como forma de manter poder e autoridade por meio de um paradigma valorizado apenas por algumas classes sociais historicamente privilegiadas. Assim sendo, o paradigma educacional fabril, por enaltecer a homogeneidade, não consegue harmonizar-se com uma sociedade cada vez mais heterogênea, em constante transformação e evolução. Logo, tal descompasso não será eliminado “[...] mantendo-se um sistema educacional altamente homogeneizado, enquanto o resto da sociedade caminha velozmente rumo à heterogeneidade” (TOFFLER, 1970, p. 343). É preciso que se prepare indivíduos para que estejam permanentemente prontos para lidar com novas situações e contextos diferentes.

A educação escolar sempre esteve ligada aos aspectos sociais, políticos e econômicos de cada período histórico. Neste sentido, a decadência na educação que estamos presenciando atualmente teve sua origem no momento em que a sociedade passou a desenvolver novos meios de organização e a escola permaneceu inalterável e acorrentada a um paradigma que não mais representava às premissas do mundo pós-moderno, desencadeando um distanciamento entre a cultura escolar e a cultura social (PINTO *et al.*, 2000).

Por isso, diante do contexto em que a educação atualmente se apresenta, o desafio de se buscar práticas pedagógicas inovadoras que superem a fragmentação e a reprodução mecânica do conhecimento está posto. Segundo Behrens (2013, p. 55), não se pode conceber mais o processo ensino-aprendizagem sem o envolvimento ativo dos educandos como sujeitos cognoscente, valorizando “a reflexão, a ação, a curiosidade, o espírito crítico, a incerteza, a provisoriabilidade, o questionamento”, diante da própria realidade e do contexto social do educando. Assim, é urgente a promoção de uma educação que se conecte com uma visão sistêmica de homem e sociedade.

Por isso, A educação deve assumir um novo papel diante da realidade social que se apresenta, estreitar urgentemente sua finalidade com as exigências da sociedade pós-moderna, pois, assim como “[...] a diversidade genética favorece a sobrevivência das espécies, a diversidade educacional aumenta as possibilidades da sobrevivência das sociedades” (PRENSKY, 2001, p. 343). Segundo Sousa (2002, p. 669), “vive-se hoje em um momento de aceleradas transformações tecnológicas decorrentes de uma acumulação de conhecimentos sem precedentes,” e este é outro motivo para uma mudança urgente no paradigma educacional atual.

A escola não pode, por isso, silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado, uma vez que não opera no vazio. Não vale a pena pretender unificá-la de maneira abstrata e formal, quando ela se realiza num mundo profundamente diverso. É por isso que penso que os que ensinam terão de ter consciência de que os que aprendem são, tal como eles próprios, seres sociais portadores de um mundo muito especial de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos lá fora e que importa contemplar (SOUSA, 2000, p. 3-4).

Nesta perspectiva, Sousa (2000), mostra a necessidade de ruptura com este padrão de educação, pois, a escola contemporânea não está garantindo aos estudantes o devido preparo com o conhecimento indispensável que a sociedade pós-industrial requer de seus cidadãos. Assim, de acordo com Prensky (2001), os estudantes de hoje diferem em muito dos estudantes para quem o nosso sistema educacional foi planejado, ele argumenta que as mudanças propostas na educação devem visar promover diversificadas oportunidades para a construção do conhecimento,

[...] instruindo os estudantes como aprender, desaprender e reaprender. A nova educação deve ensinar o indivíduo como classificar e reclassificar as informações, como avaliar a sua veracidade, como alterar as categorias quando necessário, como examinar os problemas de uma nova direção – como ensinar-se a se mesmo. O analfabeto de amanhã não será o homem que não sabe ler; será o homem que não chegou a aprender a prender (PRENSKY, 2001, p. 346).

No entanto, de acordo com Valente (1999), não há como prever com precisão como será a escola do futuro, mas podemos imaginar que não será nos moldes tradicionais que conhecemos hoje, ou seja, grande parte da aprendizagem deverá ocorrer em outros ambientes fora da escola; o conhecimento será construído de forma contextualizada, com base na realização concreta de uma ação que produz um resultado palpável, considerando a realidade de quem o produz; o professor terá um papel de facilitador ou consultor do educando, ajudando este a converter a grande quantidade de informação adquirida em conhecimento aplicável na resolução de problemas de seu interesse; o estudante deverá ser proativo, estar constantemente interessado no aprimoramento de suas ideias, deverá ser um pesquisador, ter autonomia, saber

pensar, criar, aprender a aprender, de forma que sempre esteja aprimorando suas ideias e ações, mesmo que já tenha “saído da escola”, isso será extremamente fundamental para sobreviver na sociedade pós-moderna, ou, sociedade do conhecimento; e por fim, podemos afirmar que as novas tecnologias terão um papel fundamental na nova pedagogia e na formação dos estudantes.

Assim sendo, nesta nova conjuntura de sociedade, a escola tradicional já não é a única detentora do conhecimento e nem a mais importante fonte. Ela perdeu o monopólio do conhecimento, não é mais nela que o conhecimento reside. A escola está em descompasso com a sociedade pós-moderna e, praticamente, não mais atende a seus anseios (FINO, 2008a).

Portanto, é possível afirmar que o conhecimento pode se materializar nos mais distintos ambientes de aprendizagem e contextos sociais, sejam eles formais, informais ou não formais, e que “é preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e “receituário para a eficiência”, e defender a educação no sentido da autorreflexão, do esforço crítico, da perspectiva problematizante e da emancipação” (ADORNO, 2011, p. 27).

2.2 A NECESSÁRIA QUEBRA DO PARADIGMA EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO

Partindo do princípio que não se pode compreender a escola sem compreender a sociedade em que ela está inserida, e esta é altamente tecnológica e competitiva, com valores fundamentados na economia, conclui-se que o sistema educativo está em crise, que a escola não tem apresentado eficiência em preparar seus educandos para a sociedade da informação e do conhecimento.

As transformações ocorridas nos últimos anos no mundo do trabalho afetaram diretamente as diferentes esferas da vida do homem, inclusive em sua formação apontando novas necessidades formativas para acompanhar a nascente e explosiva sociedade da informação e do conhecimento (FERREIRA, MEDEIROS, 2012, p. 2).

Assim, o que se percebe é que, os avanços que acontecem na educação são morosos e quase insignificantes. Valente destaca que mesmo em países mais ricos, como a França e os Estados Unidos da América, onde se podem verificar enormes avanços tecnológicos, “onde a mudança é real e palpável”, levando em consideração os avanços pedagógicos, essa mudança é, praticamente, ínfima. “ela é sempre apresentada no nível do desejo e não do que realmente acontece” (VALENTE, 1999, p. 29).

Neste contexto, considerando que a educação escolar ainda é norteada pelo paradigma fabril e não prepara seus estudantes para as exigências da sociedade pós-moderna; considerando

que, de acordo com Kuhn (2006), se a mudança na Educação é lenta e quase imperceptível, a mudança em outros segmentos da nossa sociedade, como no sistema produtivo, é rápida e visível, afetando drasticamente o nosso comportamento e, principalmente, o modo de trabalhar e, por conseguinte, o modo de pensar, torna-se premente a quebra do paradigma educacional corrente para dar lugar a um novo que se alinhe às profundas transformações que a sociedade vem passando.

Mas, afinal, o que vem a ser paradigma? Esse termo ganhou destaque nos anos setenta por meio da obra intitulada - A estrutura das revoluções científicas, do filósofo e historiador da ciência, Thomas Kuhn. Para ele, paradigma significa “a constelação de crenças, valores e técnicas etc., partilhadas pelos membros de uma determinada comunidade” (KUHN, 2006, p. 220). Nesse contexto, Moraes (2012, p. 31) comentando essa ideia de Kuhn, esclarece que “paradigma se refere a modelos, padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade. É mais do que uma teoria; implica uma estrutura que gera novas teorias. É algo que estaria no início das teorias”.

Segundo Behrens e Oliari (2007), os paradigmas são essenciais numa sociedade, pois fornecem um referencial que possibilita sua organização. Porém, eles podem limitar nossa visão de mundo quando resistimos à mudança e nos apegamos a um paradigma conservador. São os paradigmas que nos permitem fazer uma leitura da realidade e nos indicam o que é “certo” ou “errado”, o que aceitamos ou rejeitamos como “verdade”. Assim, muitas vezes, a mudança paradigmática pode ser lenta e traumática, e até mesmo forçada, visto que, para aceitação de um novo paradigma, é necessário romper com ideias, conceitos e valores antigos.

Diferentemente do significado apenas epistemológico atribuído por Kuhn (2006) à categoria “paradigma”, seu sentido deve ser ampliado, considerando que, em seu bojo, a realidade é lida e interpretada coletivamente e de forma fundamentalmente subjetiva pelos atores sociais, transpondo todas as dimensões: gnosiológicas, política e prática. Além disso, a dimensão emancipatória promovida recentemente pela Educação Popular, a qual não é exclusivamente sua, não pode ser oferecida fora da área político-pedagógica e de sua acumulação própria e alternativa de conhecimentos. Neste sentido, segundo Carrillo (2013), todas as experiências educativas populares, com suas lutas e movimento sociais, produzem saberes e práticas emergentes que devem ser reconhecidas como de grande potencial emancipatório das populações subalternas.

Na perspectiva de educação como prática de liberdade e emancipação, como expressa na pedagogia do oprimido de Freire (1987), um novo paradigma educacional deve se opor à educação atual e às condições sociais desiguais da sociedade e, em seguida, tornar-se um meio de emancipação e transformação da realidade social e política de um povo, conforme corrobora Brandão (2012, p. 94) na seguinte fala:

Primeiro um novo paradigma da educação se volta contra a educação. Depois ele se volta contra as condições sociais da sociedade desigual. Mais adiante ele se afirma como a possibilidade de a educação ser um instrumento que opera no domínio do conhecimento a serviço do processo de passagem do povo, de sujeito econômico a sujeito político, capaz de transformar as relações sociais de que as da educação são apenas um símbolo, uma artimanha e uma dimensão.

Neste contexto, a Educação Popular apresenta-se como uma alternativa na construção de novos paradigmas educacionais emancipatórios ao revisar e atualizar práticas pedagógicas com novos conceitos e significados, considerando que vivemos numa época de instabilidades, provocada pela conjuntura hegemônica mundial do capitalismo.

Logo, a clara crise do paradigma fabril evidencia que é impreterível e imprescindível uma mudança no paradigma educacional vigente, porém, este novo paradigma não virá com um passe de mágica, sem que haja uma fonte propulsora e causadora de tal ruptura com o velho paradigma.

No entanto, um paradigma não é quebrado facilmente, pois significa o abandono de ideias, conceitos e valores já estabelecidos, por isso, a aceitação de um novo paradigma não é instantânea, ela acontece paulatinamente (MORIN, 2000). Desta forma, não se pode afirmar certamente como será a educação do futuro, o certo é que não será como a conhecemos hoje, segundo Fino (2001), não se pode ao menos afirmar se no futuro a sociedade precisará de qualquer espécie de educação institucionalizada, como se conhece na atualidade, pois, se a “humanidade foi capaz de sobreviver milênios sem precisar de uma escola de massas, controlada pelo estado, talvez, no futuro, reaprenda a prosseguir sem ela” (FINO, 2001, p. 3).

Além disso, não se pode esperar que a mudança de paradigma educacional ocorra no campo do currículo por vontade daqueles que governam. Segundo Apple (2006), o currículo é um instrumento de controle social e intelectual, ele tornou-se um conjunto de procedimentos para seleção e organização do conhecimento escolar, ou seja, os procedimentos e os conhecimentos a serem trabalhados pelos professores e educadores são determinados pelo

currículo, e este, elaborado pelas classes dominantes, que selecionam o que a sociedade deve aprender na escola.

Neste sentido, pode-se dizer que a quebra de paradigma de um modelo de educação é indispensável para que aconteça Inovação Pedagógica. Em outras palavras, Fino (2008a) considera a existência de Inovação Pedagógica somente quando houver quebra de paradigma, criação de contextos incomuns de aprendizagem em contraponto aos tradicionais contextos de ensino. Conforme defende o construcionista Seymour Papert (2008), o professor deve utilizar o mínimo de ensino para provocar o máximo de aprendizagem, ou seja, esse professor deve criar contextos de ensino-aprendizagem com o máximo de nutrientes cognitivos. Desse modo, Papert (2008), ao estabelecer sua teoria construcionista em contraste ao paradigma fabril atual, destaca a arte de aprender (matética) em detrimento da arte de ensinar (didática).

Portanto, os desafios são muitos. É incontestável. O “conhecimento pós-moderno” configura-se por um conjunto de ciclos de vida cada vez menor, as certezas de hoje já não as serão amanhã, o saber torna-se a cada dia mais complexo e transdisciplinar, a aprendizagem implica na capacidade de novas competências e o domínio da metacognição como essencialmente indispensável a educação. Neste caso, como afirma Correia (1989, p. 22), “o conceito de aprender é substituído pelo conceito de aprender a aprender.” Daí a necessidade de se quebrar o paradigma educacional contemporâneo e a Inovação Pedagógica torna-se basilar neste processo.

2.3 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA COMO RUPTURA PARADIGMÁTICA

Evidentemente, não se pode apresentar a Inovação Pedagógica como uma mudança essencialmente técnica ligada as novas tecnologias da informação e comunicação, pois, tais ferramentas cognitivas favorecerão a Inovação Pedagógica se, de fato, forem objeto de ampliação das capacidades de aprendizagem dos estudantes, levando-os a serem autônomos no pensar, desafiadores e criativos. Dessa forma, “a mudança requer uma experiência de computador muito mais contínua e social do que é possível com duas máquinas ao fundo da sala” (Papert, 2008, p. 50).

Neste sentido, Inovação Pedagógica está relacionada a profundas mudanças nas práticas pedagógicas, quebra-se um paradigma para dar início a um novo; porém, nem sempre, práticas pedagógicas diferentes constituem Inovação Pedagógica.

Ora, diferença e mudança são componentes importantes da inovação pedagógica, mas existem diferenças e mudanças, nomeadamente de natureza quantitativa – mais tecnologia, maior rapidez, mais eficiência – que não são propriamente inovação, cujo sentido é bastante mais comprometido com critérios de natureza qualitativa e, mesmo, de natureza cultural, uma vez que a inovação pedagógica implica mudanças nas culturas escolares. (FINO, 2011b, p. 5).

Por isso, mesmo diante de tanta tecnologia, tanto conhecimento sobre didática e conhecimento sobre controle de qualidade, a escola do presente não consegue inovar em sua prática pedagógica e proporcionar relevantes mudanças no processo de aprendizagem. Muitos pedagogos e teóricos da educação no passado tentaram efetuar mudanças com novos métodos, porém, sem sucesso, a escola continua rigidamente com seus pressupostos paradigmáticos. Por esta razão, segundo Fino (2013, p. 69), a “instituição escolar encontra-se perante o dilema de ter de escolher entre a obsolescência e a mudança”.

A mudança que Fino (2013) se refere deve provocar um salto, uma descontinuidade do velho paradigma fabril, “implica em mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais” (FINO, 2008a, p. 01), novos contextos de aprendizagem são criados.

Neste contexto, a Inovação Pedagógica, na visão de alguns autores, assume algumas características que a define: pela lógica de ruptura paradigmática de Kuhn (2006), Inovação Pedagógica é uma superação a antigos paradigmas, uma descontinuidade ao velho, em que educadores e educandos se movem em um contexto de aprendizagem contrário aos pressupostos originários do paradigma fabril; é uma mudança intencional e evidente, uma ruptura com velho paradigma, como define Toffler (1984), sendo imperativo uma inovação voltada para o presente e para o futuro, para a formação de indivíduos capazes de atuar com celeridade e exatidão em uma sociedade que se encontra em constante transformação, onde o objetivo da educação “deve ser aumentar a capacidade de luta do indivíduo” (p. 324); requer um esforço deliberado e consciente, assumido tanto por professores quanto por educandos, para que essas mudanças possam ocorrer internamente ou externamente, criando novos contextos de aprendizagem (SACRISTÁN, 1999).

No entanto, Para Kuhn (2006) qualquer mudança que desestabilize as bases do velho paradigma será sempre vista com desconfiança, rotulada como inconveniente e encarada com muita resistência, pois, “a novidade somente emerge com dificuldade (dificuldade que se manifesta através de uma resistência) contra um pano de fundo fornecido pelas expectativas” (KUNH, 2006, p. 91). Assim sendo, uma ruptura paradigmática é resultado de uma mudança

profunda, somente obtida por uma revolução na forma de (re)pensar uma certa realidade, uma vez que “quando os paradigmas mudam ocorrem alterações significativas nos critérios que determinam a legitimidade, tanto dos problemas como das soluções propostas” (Kuhn, 2006, p. 144). Nesse contexto de ruptura paradigmática, Fino (2008a), enfatiza que:

[...] a inovação pedagógica pressupõe um salto, uma descontinuidade. Nesse caso, descontinuidade relativamente ao velho e onnipresente paradigma fabril, tal qual é descrito por Toffler (1970) e Gimeno Sacristán (1985), e acontece localmente, isto é, no espaço, físico ou virtual, onde se movem aprendizes e professores, funcionando estes, deliberadamente, como agentes de mudança. E consiste na criação de contextos *de aprendizagem*, incomuns relativamente aos que são habituais, nas escolas, como alternativa à insistência nos contextos *de ensino* (FINO, 2008a, p. 1, grifos do autor).

Ainda segundo Fino (2008a), no que se refere a Inovação Pedagógica, é necessário estar consciente de possíveis constrangimentos que esse processo possa vir a proporcionar, a princípio pela imagem da escola, concebida anteriormente e consolidada no decorrer tempo, conservada pelo “invariante cultural” e tão enraizada no censo comum, tanto da sociedade quanto dos próprios educadores. Somente tendo isto em mente, acrescenta o autor, “[...] o professor inovador estará apto a imaginar uma instituição (ou nenhuma instituição) educativa diferente” (p. 14).

Nesta perspectiva, é fundamental que os educadores inovadores estejam conscientes e atentos aos eventos que envolvem o processo de mudança de paradigma, pois, somente assim, poderão manifestar, genuína e conscientemente, práticas pedagógicas inovadoras que desencadeie uma ruptura paradigmática. Assim sendo, “durante o período de transição haverá uma grande consciência (embora nunca completa) entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e os que podem ser resolvidos pelo novo” (KUHN, 2006, p. 116).

Isto posto, uma ruptura paradigmática, no contexto da Inovação Pedagógica, somente ocorrerá de fato se o foco principal de uma mudança for intencional e bem planejada, consciente, criativa e crítica, que venha a favorecer a criação de situações diferenciadas de aprendizagens, nas quais o educando seja o foco principal da ação, aprimorando, assim, as práticas pedagógicas.

2.4 DISCUSSÃO SOBRE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Etimologicamente, inovação deriva do vocábulo latino *innovatio* que tem o significado de novidade ou renovação. O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2013, p. 421) dá quatro significados a esta palavra, a saber: “1. Ato ou efeito de inovar. 2. Criação de algo novo;

novidade. 3. Mudança; renovação. 4. Botânica. Rebento que renova um musgo”. Em contextos sociais, a palavra inovação é frequentemente utilizada em circunstâncias relativas a invenções e ideias que não se referem aos padrões normalmente aceitos e usados por certo grupo de indivíduos.

Neste contexto, caracterizando inovação, no uso dos seus significados dicionarizados, pode-se afirmar que:

[...] inovar é renovar, tornar novo, inventar, adquirindo diferentes interpretações, de acordo quer com os modelos pelos quais pode ser analisada, desde os de natureza técnica aos de índole pessoal, quer com as tipologias específicas, por exemplo, ao nível da abrangência e no modo como radicalizam a mudança (PESTANA E PACHECO, 2013, p. 47-48).

Logo, a Inovação caracteriza-se pela superação de um paradigma velho por um novo. É uma ruptura com o passado, numa revolução de todo o sistema de pensamento anterior, mudança do modo de pensar e organizar a prática pedagógica da escola (SOUSA; FINO, 2001). Essa ruptura não está necessariamente ligada inserção das novas tecnologias, pois elas podem estar presentes na escola e não mudar em nada a concepção do ensino e nem sua prática pedagógica. A escola pode permanecer copiando, reproduzindo informação, exercitando a obediência ao exercício de fixação e o educando acumulado e reproduzindo conteúdo do mesmo jeito que antes.

Por conseguinte, Inovação Pedagógica não pode ser vista como uma mudança pontual ou superficial no processo de ensino-aprendizagem, mas uma mudança abrangente e profunda do paradigma educacional e pedagógico vigente. Nessa perspectiva, Edgar Morin (2000), defende uma mudança de pensamento, pois o cerne do problema está no conhecimento do mundo, que é uma questão fundamental da educação. “Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo é necessário à reforma do pensamento” (p. 35). Para isso, é necessário e primordial ter acesso às informações sobre o mundo, saber organizar, articular e processar criticamente tais informações. Por isto, Fino esclarece que será preciso repensar as atribuições de professores e aprendizes.

Romper com os contextos do passado e criar o contexto de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, a função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas, que bem poderiam ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares e organizacionais deliberadas, embora essa seja outra questão (FINO, 2011b, p. 7).

Fino (2001) faz uma ilustração interessante para entendermos os papéis dos professores e dos estudantes em um cenário de Inovação Pedagógica. Para ele, o professor teria um papel secundário na aprendizagem enquanto o estudante assumiria o papel principal.

Ora, provocar o máximo de aprendizagem com um mínimo de ensino pressupõe a criação de contextos “ricos em nutrientes cognitivos” [...], em que o aprendiz tem uma grande autonomia, e onde o professor assume um papel mais periférico, servindo de assistente, recurso, guia, agente metacognitivo, muito mais do que de transmissor. Dizendo de outra maneira, este professor inovador, se estivesse a correr para os Óscares, não de Hollywood, mas da educação, seria candidato ao prêmio de melhor actor secundário, enquanto o aprendiz seria o candidato natural a melhor actor principal (FINO, 2001, p. 2).

Assim, Para Fino (2008a), Inovação Pedagógica pressupõe criar situações de aprendizagem centradas nos estudantes, como alternativas e em oposição aos habituais contextos de ensino da escola. Ela deve provocar uma ruptura de cunho cultural, abrindo espaço para novas culturas estanhas às tradições, portanto, a inovação é primariamente heterodoxa.

2.5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

A educação está presente em todos os estágios de nossa vida, ela pode ser definida como um conjunto de atividades que permite cada indivíduo desenvolver suas capacidades intelectuais, os valores, normas, comportamentos, assim como apropriar-se de conhecimentos que promovam a sua integração na sociedade. Tendo isto em vista, a grande maioria das pessoas trazem a mente a escola como a única promotora de educação. No entanto, Brandão (1994) deixa claro que não há uma forma ou padrão único de educação, assim como também a escola não é a única fonte e talvez nem seja a melhor.

Diante da divisão e hierarquização do saber, não se pode ignorar totalmente as formas livres e comunitárias de educação existentes na sociedade. Neste sentido, a educação está presente nos mais diversos espaços não escolares; a aprendizagem não depende do ensino especializado como uma forma de prática social; onde ainda não há rígida fragmentação social do trabalho e exercício desigual de poder entre classes há educação sem escola e práticas pedagógicas próprias. Nestes espaços, o saber é materializado no viver e no fazer de cada indivíduos (BRANDÃO, 2013a).

À medida que a sociedade foi se tornando cada vez mais complexa, os mais variados espaços formativos foram aparecendo para atender a demanda social por educação em todo os seus contextos, Franco (2011). Assim, a educação não formal destaca-se das demais por atuar

independente da rede oficial de ensino com objetivo de responder as demandas de aprendizagem de alguns grupos específicos da sociedade (TRILLA, 2008), a exemplo de ONG, empresas, igrejas, e outras instituições que, fora dos muros escolares, fazem educação.

Logo, a educação não formal prepara os sujeitos para o exercício da cidadania em sua própria realidade social, por meio de práticas pedagógicas que valorizam os interesses e as necessidades dos próprios educandos, fundamentada em princípios de igualdade e justiça social para transformação emancipatória da realidade (GOHN, 2010).

Como instrumento intencional de ações de libertação e de emancipação social, a educação não formal está presente, sobretudo, nos movimentos sociais. Pode-se dizer que ela é

[...] aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas e acrescenta: a educação não formal, ao contrário não é herdada, é adquirida. Ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimentos sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades dos que participam (GOHN, 2010, p. 19).

Assim, a prática pedagógica em espaços não escolares, de acordo com Veiga (1994), é uma prática social direcionada por objetivos, finalidades e conhecimentos. Logo, “a prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições necessárias à sua realização” (p. 16).

No entanto, na visão do senso comum sobre prática pedagógica e sobre prática docente, percebe-se que há uma confusão de conceitos. Para Souza (2009), prática pedagógica não é sinônimo de prática docente. Prática pedagógica está relacionada ao trabalho coletivo de todos os atores envolvidos nas diversas instituições, enquanto a prática docente está relacionada ao trabalho do professor em sala de aula e de acordo com a prática pedagógica aplicada nas instituições. É, portanto, nesta lógica, que Veiga (1994, p. 16) esclarece que “[...] A prática pedagógica é uma dimensão da prática social” que envolve paradoxos e peculiaridades socioculturais prevalente na sociedade.

A práxis pedagógica são processos educativos em realização, historicamente situados no interior de uma determinada cultura, organizados, de forma intencional, por instituições socialmente para isso designadas, implicando práticas de todos e de cada

um dos seus sujeitos na construção do conhecimento necessário à atuação social, técnica e tecnológica (SOUZA, 2009, p. 34).

Isso posto, considerando a prática pedagógica como atividade histórica e culturalmente desenvolvida, Castro (2009, p. 5) destaca que:

Cada período da história é definido pelas ferramentas que existem na época e pelas maneiras como essas ferramentas são usadas. A transição para um novo século nos dá uma pausa para definir como o aprendizado – e talvez o aprendiz – tem mudado, e as possibilidades de trazer o melhor que podemos oferecer para educar nosso mundo, oportunizando uma nova visão e condições de se viver, aprender e trabalhar, a fim de que a vida se torne cada vez mais humana e humanizada.

Para Brandão (1981), as práticas pedagógicas inovadoras são aquelas capazes de estimular a criação e recriação do saber, podem ser encontradas praticamente em todos os espaços: em casa, nas igrejas, nas organizações, nas mídias, entre outros. Demo (2000) ressalta que, nestes contextos de aprendizagens, a educação é reinventada por meio práticas pedagógicas que traduzem novos projetos políticos de sociedade e que indivíduos se envolvem diretamente no processo de transformação social para o desenvolvimento de suas comunidades.

Para Fino (2008a), inovação não é originada externamente, porém, é um processo interno, uma alternativa individual e local que, normalmente, implica ameaça ao currículo estabelecido, também não se confunde com inovação tecnológica ou com uma prática pedagógica meramente incomum.

Do mesmo modo, segundo Fino (2008a), não se pode confundir os conceitos de conhecimento e informação. O conhecimento é construído pelo aprendiz de forma contextualizada com sua realidade, enquanto a informação está a apenas um *clic* de qualquer pessoa que assim deseje adquiri-lo, o lócus da informação é o mundo. Assim sendo, as antigas práticas pedagógicas de transmissão de informação devem ceder o lugar para as práticas pedagógicas inovadoras que coloquem o aprendiz como centro do processo de aprendizagem e construção do conhecimento.

Portanto, é de se esperar que ambientes de interação social e de aprendizagem não formais abriguem práticas pedagógicas inovadoras, pois neles são desenvolvidas práticas de apropriação cultural, social e econômica que indicam quebra de paradigma das práticas tradicionais, evidenciando a presença de Inovação Pedagógica (FINO, 2008a).

2.6 CONSTRUCIONISMO E A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

A teoria desenvolvida por Seymour Papert teve influência de educadores como Jean Piaget, Lev Vygotsky, Montessori, John Dewey e Paulo Freire. Ao elaborar sua concepção de aprendizagem, Papert utilizou-se da teoria construtivista de Piaget e Vygotsky, porém, se afastou da psicologia do desenvolvimento, construindo uma teoria direcionada para a intervenção pedagógica, ele próprio a definiu como uma reconstrução do construtivismo e a denominou de Construcionismo. Neste sentido, na concepção papertiana, numa abordagem construcionista,

as crianças farão melhor descobrindo ('pescando') por si mesmas o conhecimento específico de que precisam; a educação organizada ou informal poderá ajudar mais se certificar-se de que elas estarão sendo apoiadas moral, psicológica, material e intelectualmente em seus esforços. O tipo de conhecimento que as crianças mais precisam e o que as ajudará a obter mais conhecimento (PAPERT, 2008, p. 135).

Assim, Papert (2008), a partir da ideia de Piaget de que a construção do conhecimento baseia-se na ação do sujeito sobre o meio exterior, defende que o aprendiz deve conduzir e construir sua própria aprendizagem a partir de sua ação sobre este mesmo meio, uma vez que o próprio ato de ensinar retira do estudante a chance de experimentar e descobrir por si só e, como ser pensante, ser construtor de suas próprias estruturas cognitivas.

Porém, antes dum aprofundamento sobre o Construcionismo e compreender de que realmente ele se trata, é preciso que fiquem claras as ideias de Instrucionismo e Construtivismo, já que foram a partir delas que Papert elaborou sua teoria.

No Instrucionismo pressupõe-se que a aprendizagem se dá por intermédio da relação do sujeito com o meio (behaviorismo), nele a aprendizagem é desenvolvida por meio da assimilação e repetição das informações. Neste sentido, o computador, por exemplo, é usado como uma "máquina de ensinar", suas informações são transmitidas ao educando no formato de um tutorial, exercício prática ou jogo, a exemplo dos experimentos de Skinner (1972), estes sistemas podem fazer perguntas e receber respostas com o propósito de averiguar se a informação foi assimilada.

No Construtivismo, teoria influenciada pelas ideias de Jean Piaget, o educando se envolve ativamente no seu próprio aprendizado. O Construtivismo parte do princípio de que a inteligência humana se desenvolve pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. Esta ideia é

sustentada pelo fato de que o homem não nasce inteligente, mas, também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde, de maneira cada vez mais aprimorada, aos estímulos externos que agem sobre ele, resultando na produção e sistematização do seu próprio conhecimento.

Já o Construcionismo de Papert (1997) configura-se pela relação educando-objeto, ou seja, através duma linguagem de programação computacional o educando aprende fazendo, a exemplo do Logo. Esta teoria baseia-se no construtivismo, com a diferença que o Construcionismo introduz a necessidade de construção de um objeto externo. A imersão num ambiente construcionista de aprendizagem preconiza um processo basicamente construído do concreto para o abstrato, desta forma, é um caminho inverso ao cognitivismo piagetiano e da teoria da aprendizagem de L.S. Vygotsky que advoga exatamente o contrário.

Nesta perspectiva, Edgar Morin (2000) enfatiza que cabe à escola oferecer um ambiente propício para estimular as aptidões naturais da mente dos estudantes, a fim de expandir suas faculdades cognitivas no uso total da inteligência e na construção do seu próprio conhecimento.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede livre exercício da curiosidade, da faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar (MORIN, 2000, p. 39).

Todavia, segundo Papert (2008), a escola com seus planos de aula, currículos e testes padronizados, além de outros formalismos, resulta, quase sempre, limitando a aprendizagem a uma sucessão de atividades mecânicas, tornando o professor em um simples especialista em sala de aula e, caso este tente fazer diferente, humanizando todo o processo de aprendizagem, mantem-se em constante estado de tensão pela oposição que encontra.

Na concepção construcionista, cada indivíduo é responsável pela construção de seu próprio conhecimento, vale salientar a necessidade de “materiais” que intermediam essa construção, favorecendo a elaboração de conceitos e a experimentação, para que se concretize da melhor forma possível o processo de aprendizagem. Tais “materiais”, que fornecem um meio concreto para construção do conhecimento e promovem uma nova aprendizagem, são denominados por Papert (1986) de “objetos para pensar com” e os espaços onde a aprendizagem acontece ele os chama de “micromundos”.

Fino (2000, p. 84) corrobora com a concepção de Papert (1986) ao declarar que “a aprendizagem depende do contexto no qual ocorre, de modo que são mais significativas as aprendizagens que ocorrem durante o desempenho de atividades autênticas.” Assim, a ação construcionista se baseia na ideia de que se pode produzir o máximo de aprendizagem consistente utilizando-se do mínimo de ensino, valorizando a construção mental de cada indivíduo e sua concepção de mundo.

Desta forma, foi levando em conta este contexto de aprendizagem que Papert (1986) fundamentou um dos princípios de sua teoria: garantir ao estudante espaços ativos de aprendizagem que possibilitem a eles testarem suas ideias, teorias ou hipóteses. Neste sentido, o educador, no ponto de vista construcionista, não impõe seu conhecimento ao educando, todavia, o encoraja, aconselha, assiste e aprende em conjunto.

Na concepção de Vygotsky (1991, p. 87), “O aprendido é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente ao desenvolvimento”. Foi nesta perspectiva, que Vygotsky desenvolveu o conceito que ele denominou de Zona de Desenvolvimento Proximal, que segundo ele:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros capazes (VYGOTSKY, 1991, p. 97).

Assim, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é entendida como a distância do que o indivíduo já conhece e o potencial que ele possui para aprender. Neste sentido, a educação, a partir do domínio do conhecimento da ZDP, se depara com um ambiente rico para se desenvolver. Por isso, uma análise minuciosa no reconhecimento da Zona de Desenvolvimento proximal torna-se muito importante para direcionar o processo de aprendizagem em espaços educativos. Logo, com o devido conhecimento da utilização da ZDP e alinhando-se a concepção de Papert (2008), o professor pode mediar a aprendizagem do estudante entre o desenvolvimento proximal e o desenvolvimento real na construção de novos conhecimentos e no desenvolvimento de novas competências.

Na verdade, a ZDP quando potencializada pelo professor com instrumentos e práticas pedagógicas adequadas, tais como, segundo Vygotsky (1991), as mais importantes ferramentas a serviços da aprendizagem e do desenvolvimento: a linguagem e o contexto cultural, se tornam uma excepcional janela de oportunidades no sucesso da aprendizagem.

Assim sendo, o professor se torna aquele que media entre o estudante e os objetos e junto aos estudantes e seus pares. Uma vez que o professor entenda que as atividades propostas às crianças não podem ultrapassar a Zona de Desenvolvimento proximal, elimina-se o risco de elas não compreenderem a atividade, não estarem aptas a realizarem, ou se realizarem, realizarem de forma incorreta. Portanto, pode-se utilizar como estratégia de mediação a formação de grupos de aprendizagem colaborativa composto por crianças em diversos níveis de aprendizagem, utilizando-se de objetos externos, da linguagem e do contexto cultural no decorrer da atividade.

As ideias de Seymour Papert foram inovadoras, pois se distanciaram das teorias contemporâneas que se centravam no ensino e no professor, ao invés disto, o Construcionismo focou no aprendiz. O Construcionismo requer do professor, do educando e da escola uma conduta diferente diante do ensino-aprendizagem, ele exige um novo referencial pedagógico. A adesão ao Construcionismo conduz uma mudança drástica no currículo escolar, na forma de ensinar e de aprender, como também, no modo de lidar com as tecnologias da informação e comunicação em sala de aula. Para Papert (1997, p. 103), “o escândalo da educação reside no fato de sempre que ensinamos algo estamos a privar a criança do prazer e do benefício da descoberta”.

Portanto, tanto o Construcionismo quanto a Inovação Pedagógica, ambos se encontram na autonomia de ser, fazer e pensar de forma crítica dos que fazem a educação e produzem conhecimento. Neste sentido, segundo Fino (2008a), se os professores não buscarem inovar em suas práticas pedagógicas estarão fadados a trabalharem em um local obsoleto que não atende as reais necessidades da sociedade do conhecimento. O professor inovador exerce o posto de agente metacognitivo, permitindo “que o aprendiz tenha autonomia de construir seu conhecimento num ambiente rico em nutrientes cognitivos” (FINO, 2008a, p. 278).

II PARTE – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Sendo as culturas escolares historicamente estabelecidas como “coadjuvantes” da educação, a Inovação Pedagógica caracteriza-se pela interrupção de práticas e rotinas que sustentam tais culturas. Desta forma, a Inovação Pedagógica estabelece novas situações de aprendizagem, inéditas, como alternativa aos contextos de educação do paradigma tradicional contemporâneo.

Com isso em mente, o pesquisador etnográfico fez sua pesquisa em busca desta Inovação Pedagógica ao investigar a prática pedagógica dos educadores populares do Sertão de Pernambuco.

O esclarecimento do que serão, ou não, práticas pedagógicas inovadoras é algo a cargo de um enquadramento conceptual exterior à etnografia, o qual tem de estar presente permanentemente na mente do investigador que olha para as práticas pedagógicas para as interpretar como se fosse um nativo delas, dentro da dialéctica de se tornar nativo, para conhecer, e de ser estrangeiro, para interpretar (FINO, 2011b, p. 04).

Assim, o próprio termo Inovação Pedagógica é, por muitos, mal compreendido. Ele não está ligado à prática docente ou ao ensino em si, ou até mesmo às inovações curriculares, tecnológicas ou educacionais, mas, aos contextos de aprendizagem e às práticas pedagógicas que favorecem a aprendizagem.

Portanto, neste contexto, “A Prática Pedagógica da Educação Popular no Sertão de Pernambuco”, se tornou o objeto de estudo desta pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu entre os meses de dezembro de 2017 a maio de 2019, totalizando dezessete meses de investigação. A coleta de dados, incluindo observações, entrevistas e análise documental, aconteceu em diversos ambientes onde se estendiam as ações de Educação Popular do NEPS, tais como: na própria sede do NEPS; no Centro Casa da Roça; no pátio de eventos de Dormentes, Sítio Baixa da Lagoa de Baixo, na comunidade de Cacimbas; nas escolas Maurício José Rolim Cavalcanti, Senador Nilo Coelho e Casa da Criança Santa Maria.

3.1.1 Definição do problema e questões de investigação

Partindo do pressuposto que toda pesquisa tem como base um problema a ser solucionado, este estudo teve como questão norteadora a seguinte indagação: no contexto atual de aprendizagem da Educação Popular, se efetivam práticas pedagógicas inovadoras? Este questionamento de partida fundamentado numa problemática, norteou todos os elementos produzidos durante esta investigação etnográfica. Cabe aqui ressaltar que,

A inovação pedagógica não é induzida *de fora*, mas um processo *de dentro* que implica reflexão, criatividade e sentido crítico e autocrítico. A inovação pedagógica ainda que inspirada ou estimulada por ideias ou movimentos, que extravasam do âmbito local, é sempre uma opção individual e local (FINO, 2008a, p. 02, grifo do autor).

Levando-se em conta estas considerações, a fim de alcançar os objetivos propostos pelo investigador, este estudo etnográfico foi desenvolvido no intuito de responder à questão da pesquisa: há inovação nas práticas pedagógicas (não formais) da Educação Popular?

Uma vez delimitado o problema inicial da pesquisa, Afonso (2005) esclarece que a questão principal deve ser aprofundada por outras questões mais específicas as quais farão parte dos eixos da análise desta investigação. Neste sentido, a partir da questão inicial, seguiram-se algumas questões específicas: quais práticas pedagógicas são utilizadas pelo NEPS na Educação Popular? A Educação Popular contribui significativamente para a aprendizagem dos educandos? Em que medida a Educação Popular (educação não formal) pode originar práticas pedagógicas inovadoras? De que modo práticas pedagógicas não tradicionais desenvolvidas entre educadores e educandos podem originar uma ruptura paradigmática?

Assim, tendo em vista responder as questões de pesquisa acima apresentadas, o pesquisador procurou investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas no Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS), aplicadas pelos educadores populares, almejando verificar se estas práticas pedagógicas por eles vivenciadas no processo de aprendizagem constituem Inovação Pedagógica enquanto ruptura paradigmática.

3.1.2 Campo da Pesquisa

A pesquisa teve como foco principal as práticas pedagógicas do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS), com sede no Município de Dormentes, Estado de Pernambuco. Por se tratar de um espaço não formal de aprendizagem que vivencia educação e

cultura popular, construindo e reconstruindo o saber do povo e para o povo, tornou-se objeto deste estudo.

Dormentes é um município brasileiro localizado na região nordeste do país, no Estado de Pernambuco, na mesorregião do São Francisco pernambucano, microrregião de Petrolina. Segundo dados de 2018, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Dormentes está situado a 649 km de Recife, capital do Estado, possui uma altitude de 492 m, clima semiárido, tem uma área geográfica de 1.537,588 km², com uma população estimada em 18.734 habitantes, densidade demográfica de 12,18 hab./km². Foi emancipado em 01 de janeiro de 1993. Seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) é baixo: 0,589.

Mapa 2 – Mapa de Pernambuco com destaque para o município de Dormentes



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dormentes#/media/File:Brazil_Pernambuco_Dormentes.location_map.svg

Apesar de o NEPS estar sediado no município de Dormentes, sua atuação abrange outros municípios do Sertão do Vale do São Francisco no intuito de fortalecer e consolidar seu trabalho com a Educação Popular em cada município. Suas ações são promovidas em parcerias com escolas, associações de produtores rurais, igrejas, sindicatos, Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), e, principalmente, em seus próprios espaços: Biblioteca Popular, que abriga acervo voltado para a cultura e as produções do campo e serve como espaço de educação, interação, letramento e pesquisa para o homem camponês; o Centro Casa da Roça, que abriga um Museu que preserva a história da entidade e a memória cultural do homem sertanejo e serve de espaço de aprendizagem para agricultores em suas práticas agroecológicas e de convivências com o Semiárido, além de servir como ponto de cultura para eventos da comunidade; e a Sede Administrativa, onde são realizadas as reuniões de planejamento e capacitações dos educadores populares.

A Sede e a Biblioteca do NEPS estão localizadas na Rua Ambrósio da Silva, nº 53, Bairro Dedé Damasceno, cidade de Dormentes, Estado de Pernambuco, já o Centro Casa da

Roça funciona em uma escola desativada, doada pela prefeitura municipal e reformada, localizada da zona rural no Sítio Caldeirão I, nas proximidades da rodovia PE 630, km 26.

Neste contexto, os educadores populares, por intermédio do NEPS, promovem diversas atividades pedagógicas de Educação Popular junto aos estudantes da Rede Municipal de Ensino por meio de parcerias firmadas, como exemplo: o terreiro cultural; a puxada do bode e o festival das águas.

O *lócus* da pesquisa sempre está carregado de um complexo de signos com seus significados, os quais deverão ser interpretados de acordo com o referencial teórico do pesquisador etnográfico e da ótica e da cultura dos sujeitos investigados, pois somente assim, o que muitas vezes aparentemente é enigmático pode ser compreendido com exatidão. Neste sentido, o *lócus* desta investigação foi o Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS). O pesquisador também realizou suas investigações na sede administrativa, no Centro Casa da Roça, em momentos de aprendizagem nas comunidades, escolas e em eventos culturais, locais onde ocorreram ações de Educação Popular do NEPS.

3.1.3 Sujeitos da Pesquisa

Esta investigação utilizou os referenciais da crítica temática como orientação, considerando que ela não segue os padrões usuais onde “numa perspectiva de pesquisa clássica, o fim último é a produção do conhecimento como atividade prioritária” (MACEDO, 2012, p. 45), porém, foram considerados diferentes aspectos e finalidades antropossociais, tais como, políticas, culturais, estéticas e éticas, pois, de outra forma poderia descaracterizar e esconder o real objetivo da pesquisa, visto que,

[...] o fundante não é uma racionalidade técnica e sim um *ethos* e uma ética do tipo: atores sociais não são idiotas culturais, são para todos os fins práticos, instituintes ordinários das suas realidades; são teóricos e sistematizadores dos seus cotidianos e, com isso, edificam as ordens sociais em que vivem; [...] (MACDO, 2012, p. 22).

Assim sendo, os sujeitos da pesquisa foram considerados e valorizados como indivíduos que pensam e se expressam no seu dia a dia, como aqueles que são autores de sua própria história (MACEDO, 2012). Para Lapassade (2005, p. 19), “[...] as pessoas são produtoras de suas próprias ações e significações. Elas vivem num ambiente material, mas os objetivos desse mundo têm um ‘sentido’ particular para cada uma, conforme os momentos”.

Considerando a natureza da pesquisa qualitativa, o parâmetro de escolha da amostra tem suas especificidades e não se relaciona somente a um número de sujeitos, mas, de acordo com Minayo (1998), os sujeitos sociais que possuem as características que se almeja investigar precisam ser considerados em número satisfatório, a ponto de permitir a reincidência das informações, sem ignorar outras informações relevantes; o conjunto de informantes deve ser diversificado a ponto de possibilitar a assimilação de semelhanças e diferenças; e a definição do local e do grupo de observação deve comportar o conjunto das experiências e expressões que se deseja pesquisar.

Assim, os participantes desta pesquisa foram os educadores e educandos populares do Sertão de Pernambuco, estes últimos, constituídos por agricultores e pessoas das comunidades do Sertão nordestino que participaram de momentos de aprendizagem por meio da Educação Popular e/ou de eventos culturais populares promovidos pelo NEPS ou em parceria com este. Ainda foram sujeitos da pesquisa, coordenadores, professores e estudantes de escolas públicas do município de Dormentes que mantem parceria com o NEPS na promoção da Educação Popular.

Neste contexto, em relação às entrevistas etnográficas, o pesquisador utilizou-se de cinco estudantes, considerando que este número de estudante foi suficiente para a compreensão do que ele precisava para sua pesquisa. Os estudantes entrevistados eram do ensino fundamental e médio que participaram do Festival das Águas, Puxada do Bode e da Tenda Cultural. Todos foram escolhidos para serem entrevistados de acordo com critérios de participação ativa e significativa nas ações do NEPS e com a disponibilidade em participar das entrevistas.

Assim sendo, pretendendo preservar a identidade dos participantes, o pesquisador conferiu um código para cada entrevistado, ou o identificou com seu cargo ou função, em suas notas de campo, assim, no corpo deste trabalho apareceram identificados conforme a sequência, os estudantes entrevistados foram identificados por letras, gênero e idade: estudante A: gênero masculino, 14 anos; estudante B: gênero feminino, 14 anos; estudante C: gênero masculino, 15 anos; estudante D: gênero feminino, 16 anos e estudante E, gênero feminino, 16 anos.

Considerando que durante este estudo o NEPS estava focando seus trabalhos em projetos desenvolvidos em parcerias com escolas da rede pública de ensino, foram entrevistados quatro professores que estavam envolvidos diretamente com estes projetos promovidos pelo NEPS. Todas as entrevistas ocorreram com êxito. Os professores foram entrevistados na

seguinte sequência: professor A: gênero feminino, 46 anos; professor B: gênero feminino, 39 anos; professor C: gênero masculino, 38 anos e professor D: gênero feminino, 48 anos. Foram ainda entrevistados dois coordenadores: coordenador A: gênero feminino, 39 anos e coordenador B: gênero feminino, 43 anos. Participaram também da pesquisa como entrevistados: diretora de escola pública parceira do NEPS, gênero feminino, 54 anos; coordenador no NEPS, gênero masculino, 53 anos; educando popular, gênero feminino, 59 anos; ex-secretária de educação do município de Dormentes, gênero feminino, 46 anos; educador popular, gênero masculino, 35 anos.

Apesar desta pesquisa identificar o gênero dos sujeitos pesquisados, ela não se propôs a avaliar a variável gênero como elemento significativo para a questão da Inovação Pedagógica, visto que o pesquisador não considerou esta variável como significativa no decorrer da investigação, logo, esse não foi um critério para escolha dos entrevistados, mas a sua participação ativa e significativa nas atividades educacionais do NEPS e a predisposição em participar desta investigação.

3.1.4 Acesso ao campo de investigação

Independentemente do método de investigação adotado, o acesso ao campo de pesquisa, segundo Lapassade (1992), deve ser negociado pelo pesquisador, evitando-se, de início, o registro de informações e primando pelo estabelecimento de boas relações.

Assim sendo, o ingresso ao campo de investigação se deu por meio de negociação entre o pesquisador e o coordenador no NEPS durante sondagem etnográfica no primeiro contato. Conforme Lapassade (2005), faz-se necessário uma negociação para que seja facilitado o ingresso no grupo, mesmo que durante essa negociação, o pesquisador já esteja dentro dele.

A sondagem etnográfica implica geralmente uma negociação de acesso ao campo. Mas quando se negocia o acesso ao campo, já se está no campo. Ao mesmo tempo, é preciso sempre negociar tal 'acesso'. A relação com as pessoas deve ser constantemente negociada e renegociada ao longo da pesquisa e não apenas uma vez. Nada é jamais negociado de forma definitiva e global (LAPASSADE, 2005, p.70).

Assim, mesmo após a negociação inicial de acesso ao campo de investigação, foi essencial durante a pesquisa, sempre que necessário, uma renegociação, à medida que foram surgindo novos contatos e novas situações, garantindo, assim, o bom desenvolvimento dos trabalhos do pesquisador em campo.

Logo, não houve obstáculo ou resistência para o pesquisador no campo, a ele foi dada permissão formal de acesso às dependências da instituição como aos eventos de ações dos educadores populares. Quanto à confiança adquirida dos membros dos educadores populares e dos educandos ela foi facilitada graças ao empenho do coordenador geral do NEPS, sendo o pesquisador bem acolhido, o que o deixou bem à vontade para realizar as observações e as entrevistas etnográficas *in loco*.

3.2 METODOLOGIAS DE PESQUISA

Antes da realização de uma pesquisa é essencial desenvolver um processo de reflexão que determine a forma como a pesquisa será realizada. Isto inclui, fundamentalmente, os temas a serem apresentados, os referenciais teóricos que fundamentarão as discussões desenvolvidas, a concepção metodológica, os sujeitos envolvidos na pesquisa, os instrumentos e a forma como os dados serão coletados e como serão analisados.

Neste sentido, para se gerar conhecimento científico, é indispensável elaborar um itinerário e um planejamento para a pesquisa, a isto chamamos de metodologia. Para Rodrigues (2007, p. 25), metodologia “é um conjunto de decisões que se referenciam na tradição e na experiência de pesquisa consolidada - ou em decurso – entre os pares que atuam na área”. Assim, numa pesquisa onde se quer produzir conhecimento acadêmico é necessário que o pesquisador siga regras e práticas sistemáticas e estruturadas e já aceitas pela comunidade científica. Sobre este assunto, Rodrigues (2007) esclarece que,

a atividade de produção do conhecimento científico, como o conjunto de práticas sistemáticas e articuladas teoricamente, exige do pesquisador envolvido neste intento, reflexões e comprometimentos com determinadas perspectivas epistemológicas e filosóficas. [...] É necessário ainda que ele assuma um discurso acadêmico, decorrente do espírito científico, caracterizado por um conjunto de conceitos, regras, normas e convicções que gozem de razoável legitimidade e aceitação por parte da comunidade científica e acadêmica de uma época (p. 25).

Nesta lógica, Fino (2008a) sustenta que a inovação é cognoscível somente *in loco*, ou seja, estudada no próprio local, mediante dispositivos de observação participante, que visem entender os acontecimentos de dentro. Assim sendo, o pesquisador procurou em todos os momentos que vivenciou na pesquisa, conforme Lapassade (2005, p.75), encontrar um “equilíbrio sutil entre o distanciamento e a participação”.

Nesta perspectiva, pretendendo realizar este estudo e encontrar processos de Inovação Pedagógica nas práticas dos educadores populares do Sertão de Pernambuco, o pesquisador fez

uma imersão nas atividades pedagógicas do NEPS, grupo pesquisado, para coletar o máximo de dados possíveis. Os dados coletados permitiram ao investigador assimilar, compreender, analisar e interpretar toda a dinâmica dos processos de aprendizagem da Educação Popular, objeto deste estudo, e responder as questões desta pesquisa.

3.2.1 Pesquisa de natureza qualitativa

A evolução histórica do conhecimento científico é marcado pelo raciocínio qualitativo, que aflorou a partir de rupturas advindas da insuficiência em interpretar os dados e os significados presentes no campo da pesquisa somente pelo viés quantitativo, tendo em vista que a pesquisa qualitativa “[...] baseia-se principalmente na percepção e compreensão humana” (STAKE, 2011, p. 11).

Neste sentido, a pesquisa qualitativa teve sua origem no final do século XIX, como resultado de questionamentos de cientistas sociais no que se refere ao uso dos métodos de investigação das ciências naturais e físicas como modelo de investigação para os fenômenos sociais e humanos (ANDRÉ, 2012).

No entendimento de Galeffi (2009, p. 46), “o que se chama hoje de pesquisa qualitativa é na verdade um produto da modernidade epistemológica. É resultante de um movimento de diversificação de disciplinas ocorrido no século XIX [...]”. Para este autor, uma pesquisa de natureza qualitativa propicia um meio de reconhecer as verdadeiras concepções desenvolvidas em um certo ambiente e que confluem para pontos que não podem ser tratadas a partir de um único olhar.

Nesta perspectiva, Macedo et al. (2009) ressaltam que é fundamental nunca perder de vista o aspecto “qualitativo” quando se trata de etnopesquisa, para ele,

o qualificativo de uma pesquisa indica, de modo imediato, a historicidade de sua área de atuação e sua distinção em relação a outras formas de pesquisa. A terminologia pesquisa qualitativa é logicamente distinta de pesquisa quantitativa. O qualificativo aqui faz toda a diferença (p.16).

Desta forma, “posso fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas na análise que faço desses dados estarão sempre presentes o meu quadro de referência, os meus valores e, portanto, a dimensão qualitativa” (ANDRÉ, 2012, p. 24).

Por conseguinte, cinco características são atribuídas por Bogdan e Biklen (1994) à investigação qualitativa como essenciais:

1. Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais.
2. A investigação qualitativa é descritiva. Os resultados escritos da investigação contêm citações com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação.
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou informar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso desse tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas (pp. 47-50).

Assim, numa investigação de natureza qualitativa é fundamental que se estenda o contato com a situação pesquisada e a coleta de dados necessita ser feita com base nas percepções dos atores pesquisados, com um olhar integral do fenômeno, a ponto de permitir interpretar fielmente o ambiente investigado, através do diálogo entre o investigador e a realidade pesquisada, “[...] tal qual a vivem e a significam os sujeitos em observação, pois levam em linha de contas as suas crenças e os seus valores face ao mundo em que vivem” (SOUSA, 1997, p. 7).

Portanto, a metodologia usada nesta pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, do tipo etnográfica. Segundo Macedo *et al.* (2009, p.16), a pesquisa qualitativa, “não pode deixar de lado o sujeito humano e suas peculiaridades transcendentais, o que permite compreender a facticidade de tal pesquisa e sua elaboração conceitual avançada, assim como suas consequências éticas, no sentido radical e inalienável liberdade conjuntural”. Neste sentido, este tipo de pesquisa possui como atributos centrais a observação participante, a entrevista semiestruturada e a interpretação do fenômeno em estudo.

3.2.2 Investigação etnográfica

Fazer etnografia, muitas vezes, não é uma tarefa fácil, pois requer do pesquisador esforço e atenção para um trabalho minucioso, dinamismo e conhecimentos essenciais do assunto pesquisado, sensibilidade de enxergar o que passa despercebido aos olhos das pessoas comuns. Portanto, segundo Geertz (2011, pp. 04-07),

praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. [...] O

que o etnógrafo enfrenta, de fato, a não ser quando (como deve fazer naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados, é uma multiplicidade de estruturas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico [...] escrever seu diário. Fazer a etnografia é como ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

No entanto, nesta ótica surgem questões importantes: como o pesquisador compreenderá as novas perspectivas educacionais na linha etnográfica? Como compreendê-la sem nela submergir e olhar para dentro? Na concepção de Fino (2008b), para superar esta contradição aparente é preciso afastar-se para ser estranho e integrar-se para (voltar a) ser uno como o objeto de estudo, e, a partir de então, compreender as práticas culturais locais.

A etnografia como parte de uma etnopesquisa crítica de natureza qualitativa busca compreender a realidade humana e cultural a partir da perspectiva dos próprios atores sociais. Segundo Bogdan e Biklen (1994) e Macedo (2000), o cenário e campo de estudo tornam-se a própria fonte de dados. Neste caso, o Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS), com todos os seus atores e contextos, foram o campo natural para a pesquisa e a coleta de dados, como também, durante o estudo, com seus retornos ao campo pelo pesquisador para maior compreensão dos fenômenos de forma contextualizada, um local de releitura e confirmação do que se estava sendo compreendido durante a pesquisa.

Para Fino (2011b), a etnografia é um método capaz de fornecer meio para investigar, questionar, descrever e compreender as práticas culturais imersas na intersubjetividade dos educandos e educadores e expressas por meio de práticas pedagógicas das instituições ou da sociedade. Porém, definir se essas práticas pedagógicas são inovadoras ou não compete a ela, mas ao investigador por meio de sua interpretação e confrontação com sua bagagem teórica. “Para se fazer etnografia da educação, nomeadamente para investigar Inovação Pedagógica, não basta saber etnografia, nem é suficiente ser portador do senso comum sobre educação” (FINO, 2011b, p. 4).

No que se refere ao investigador etnográfico, Macedo (2010) também destaca que este deve sempre

[...] buscar novas respostas e novas indagações para o desenvolvimento do seu trabalho; valorizando a interpretação do contexto; retratando a realidade de forma densa, refinada e profunda; estabelecendo planos de relações com o objeto

pesquisado, revelando-se aí a multiplicidade de âmbitos e referências presentes em determinadas situações ou problema; usando uma variedade de informação (p. 89).

Um outro aspecto levantado por Fino (2003, p. 99) é: “não correrá o investigador o risco de introduzir os seus valores na situação que estuda, devido ao seu grau relativamente elevado de implicação?” É evidente que o conhecer demasiada e antecipadamente a realidade a ser pesquisada por meio de uma análise etnográfica, pode induzir o pesquisador a antecipar os resultados. Para Kuhn (2012), o pesquisador pode ter uma inclinação natural para antecipar os resultados da pesquisa pelo fato de achar que já conhecer o bastante para elaborar suas conclusões, no entanto, esta é uma atitude que pode ser inapropriada, pois, possui uma grande chance de ser tendenciosa, exatamente por incluir valores e referências intrínseca do pesquisador, os quais trarão distorções à análise e à compreensão da realidade em que o investigador está inserido.

Quer o seu trabalho seja predominantemente teórico, quer seja experimental, o cientista normalmente parece conhecer, antes do projeto de investigação estar razoavelmente avançado, pormenores dos resultados que serão alcançados com tal projeto. Se o resultado aparece rapidamente, ótimo. Se não, ele lutará com os seus instrumentos e com as suas equações até que, se for possível, forneçam-lhe os resultados que estejam conformes com o modelo que ele tinha previsto desde o começo (KUHN, 2012, p. 23).

Portanto, esta pesquisa de enfoque etnográfico foi realizada em 03 etapas, que estão assim descritas: (1) a análise documental (projetos, planos e registros de atividades, publicações, etc.); (2) realização de um levantamento de informações a respeito das atividades realizadas pelo NEPS a partir de entrevistas etnográficas com educadores, educandos e pessoas envolvidas no processo de Educação Popular com a finalidade de responder as seguintes inquietações: quais práticas pedagógicas são utilizadas pelo NEPS na Educação Popular?; a Educação Popular contribui significativamente para a aprendizagem dos educandos?; em que medida a Educação Popular (educação não formal) pode originar práticas pedagógicas inovadoras?; de que modo práticas pedagógicas não tradicionais desenvolvidas entre educadores e educandos podem originar uma ruptura paradigmática? (3) realizar observação participante de atividades educativas e culturais do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco – NEPS para identificar se há práticas pedagógicas inovadoras.

3.3 TÉCNICAS DE PESQUISA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Em qualquer trabalho de investigação, segundo Bogdan e Biklen (1994), é indispensável recolher e compilar dados para que, a partir deles, o pesquisador possa refletir apropriada e

intensamente a respeito das questões cotidianas que pretende investigar, contudo, sem modificar a realidade.

No método etnográfico, os dispositivos técnicos de coleta de dados são delineados para auxiliar o etnopesquisador a compreender e interpretar os fatos ou fenômenos respondendo os objetivos de sua pesquisa.

Assim sendo, a compreensão mais apurada se deu a partir dos dados coletados do cotidiano dos próprios atores sociais em suas práticas pedagógicas e registrados em diário de campo, áudios e imagens fotográficas. Desta forma, o pesquisador, utilizou-se da descrição para reconstruir o cenário, compreender e interpretar o processo de aprendizagem. Neste processo, os atores sociais, de acordo com as observações e as conversas informais, a partir de seu contexto e sua realidade, constroem seu próprio conhecimento com o auxílio dos educadores populares.

Portanto, durante esta investigação, foram empregadas como técnicas de pesquisa observação participante, entrevistas não estruturadas e a análise documental, e como instrumentos de coleta de dados, câmera fotográfica, gravador de áudio, e para anotações dos dados, o diário etnográfico ou registro de campo, para uma posterior triangulação dos dados coletados.

3.3.1 Entrevista etnográfica

No que se refere à entrevista, ela pode ser entendida como o “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1997, p. 86). Para esta pesquisa foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada. Conforme Alvarenga (2010, p. 88), “nesta modalidade da entrevista tem-se preparado as perguntas abertas, onde o entrevistado responde com liberdade”.

Neste sentido, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 135), “nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos”. Assim sendo, o entrevistado tem a liberdade de inverter a ordem das perguntas e a alternativa, se quiser, de aprofundar algum tema que ele considere como significativo para sua pesquisa.

No entanto, a riqueza de dados depende de se fazer uma boa entrevista. Sobre isto, Bogdan e Biklen (1994) esclarecem que,

as boas entrevistas caracterizam-se pelo fato de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista. As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos. Um bom entrevistador comunica ao sujeito o seu interesse pessoal, estando atento, acenando com a cabeça e utilizando expressões faciais apropriadas. [...] O processo de entrevista requer flexibilidade. Experimente diferentes técnicas, incluindo piadas e desafios ligeiros (pp. 136-137).

Assim, entrevistar não se resume a coletar informações, deve haver interação aberta e livre de tensão entre entrevistador e entrevistado, do contrário, as informações podem ser maculadas profundamente pela relação entre ambos (KANDEL, 1981, p. 178). Logo, o objetivo da entrevista qualitativa é fornecer dados elementares que permita ao pesquisador compreender as relações entre os atores sociais. Esta compreensão, pormenorizada, se refere as crenças, atitudes, valores e motivações, no que concerne aos comportamentos dos sujeitos em seus próprios espaços sociais (BAUER; GASKELL, 2008, p. 65).

Neste sentido, a entrevista semiestruturada foi utilizada durante a investigação de campo com “a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados” (ANDRÉ, 2012, p. 28). Esta técnica de coleta de dados foi uma ferramenta fundamental para se entender a realidade pesquisada, segundo Macedo (2010), ela possibilita colher as informações sobre diversos itens com vários entrevistados.

Portanto, ao fazer as entrevistas com os sujeitos da pesquisa, o registro delas foi feito em áudio para assegurar a exatidão das palavras dos entrevistados (apêndice B). Todos os áudios foram transcritos “ipsis litteris”, porém, os excessos e os vícios de linguagem foram deletados para proporcionar o máximo de clareza a redação (apêndice A). As entrevistas foram produzidas entre os meses de dezembro de 2017 a maio de 2019, pois foi necessário esperar surgir os momentos mais convenientes enquanto se fazia as observações, pois, conforme Lapassade (1992), tanto as entrevistas como as observações participantes devem estar ancoradas na confiança e estimuladas pela curiosidade, pois, somente assim, o pesquisador poderá ter acesso as crenças, valores e concepção que os sujeitos da pesquisa possuem em relação aos fenômenos investigados.

3.3.2 Observação Participante

Foi somente no século XX, mais precisamente entre os anos 50 e 60, baseado nos trabalhos etnossociológicos que tratavam sobre este tema, que surgiu o conceito de observação participante (SABIRÓN-SIERRA, 2001). Bogdan e Taylor (1996, p.31) esclarecem que a observação participante como “la investigación que involucra la interacción social entre el investigador y los informantes en el milieu de los últimos, y durante lo cual se recogen datos de modo sistemático y no intrusivo”.

Na concepção de Lapassade (1992), a expressão “observação participante” vai muito mais além do que algumas idas ao campo de pesquisa para observar.

O termo "observação participante" refere-se ao trabalho de campo como um todo, a partir da chegada do pesquisador no campo, quando ele começa a negociar o acesso a ele, até que ele o deixa após uma longa permanência (LAPASSADE, 1992, p. 3, tradução nossa).

Neste sentido, a observação participante tem a finalidade de colaborar substancialmente em conhecer o conjunto de valores e regras que os sujeitos expressam cotidianamente em seu universo vivencial. Para Macedo (2010, p. 97), “O envolvimento deliberado do investigador na situação da pesquisa é não só desejável, mas essencial, por ser essa forma a mais congruente com os pressupostos da observação participante”.

Se tratando de observação participante, o observador pode ser participante externo ou interno. Lapassade (2005) explica a distinção entre estes dois tipos de participação do observador durante sua pesquisa.

A oposição entre dentro e fora percorre o conjunto dos trabalhos contemporâneos sobre a observação participante, mas não está suficientemente sistematizada. Pode se distinguir dois papéis, que em geral não são apresentados como tais na literatura etnográfica: o do observador participante externo (OPE), por um lado, e o do observador participante interno (OPI), por outro. A OPE provém de fora, é condição habitual do pesquisador: ele chega por um tempo limitado, o tempo da sua pesquisa, solicita o direito de entrar no campo, fica alguns meses, raramente anos, depois deixa o campo e redige sua tese ou relatório. Na OPI, ao contrário, o pesquisador é, em primeiro lugar, “ator” no grupo no qual já tem o seu lugar, no meio que ele vai estudar, ou na instituição onde exerce uma função (pp. 74-75).

Considerando que o pesquisador não desempenha nenhuma função na entidade onde fez a observação, pode-se, então, qualificá-lo como observador participante externo (OPE), uma vez que o observador permaneceu apenas um período de tempo na entidade, somente o suficiente para realizar sua pesquisa. Logo no contato inicial com o ambiente da pesquisa, foi

revelado o propósito da observação e seu objetivo em está naquele espaço. Lapassade (2005, p. 77) “afirma que na observação declarada em geral o pesquisador mostra suas cartas: ele revela às pessoas sua identidade profissional”.

No que se refere a observação como um dos métodos qualitativos, ela pode ser subdividida em observação participante periférica e observação participante ativa. A primeira é aquela em que “os observadores consideram necessário um certo grau de implicação na actividade do grupo que estudam, de modo a compreenderem essa actividade, mas sem serem, no entanto, admitidos no centro dessa actividade” (FINO, 2003, p. 98). A segunda, observação participante ativa, o observador participa efetivamente do grupo, porém, “mantendo uma certa distância”.

Assim, o pesquisador realizou todas suas observações *in loco*, em diversos momentos dos pesquisados, se mantendo no espaço investigado por tempo suficiente, em interação com ambiente através da observação participante, tomando nota de tudo que foi relevante para pesquisa, considerando que, segundo Spradley (1980), as atitudes das pessoas investigadas se expressam das mais diversas maneiras, seja na linguagem, no comportamento ou em suas ações, sempre levando em contas uma tríade essencial da vivência individual das pessoas pesquisadas: o que faz; o que sabe e o que constrói.

Neste sentido, conforme as distinções apresentadas, o pesquisador deste estudo optou pela participação na pesquisa por meio da observação participante de implicação periférica, totalizando 10 (dez) observações, em um período de dezessete meses em que durou a pesquisa. Assim, o pesquisador desempenhou suas atividades de pesquisa no NEPS, participando de suas ações como se fosse um deles, porém não estava no centro das atividades (LAPASSADE, 1992; FINO, 2003).

3.3.3 Análise documental

Mais que uma fonte permanente de informações, a análise documental pode apresentar novos pontos a respeito de um fenômeno em particular, por meio dos etnotextos. Assim, uma investigação na área da educação, os registros escritos desempenham uma importante fonte, em razão de possuírem informações oficiais que retratam seus indivíduos e suas prioridades, todavia, é necessário que se tenha prudência ao ocupar-se deste material, pois eles são hirtos em suas composições, contudo, sua análise e pesquisa não denota inclinação positivista.

Outro aspecto da análise documental é o fato dela poder aumentar as evidências de outras fontes de informações, “no sentido de contextualizar o fenômeno, explicar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas de outras fontes” (ANDRÉ, 2012, p. 28). De acordo com Yin (2010, p. 128), “os documentos são úteis mesmo que não sejam sempre precisos e possam apresentar parcialidades. Na realidade, os documentos devem ser usados, cuidadosamente, e não devem ser aceitos como registros literais dos eventos ocorridos”.

Assim sendo, a análise documental consiste numa abordagem de dados qualitativos muito eficaz à observação, uma vez que viabiliza perceber alguns aspectos a respeito do tema ou problema da pesquisa. Lapassade (1992) considera duas categorias de documentos que podem ser utilizados para análise complementar na investigação qualitativa em educação: documentos oficiais e pessoais. E, na mesma obra, esclarece os tipos de documentos que podem ser analisados em cada caso:

- 1) Documentos oficiais - São registros, horários, atas de reuniões, documentos confidenciais de estudantes, livros didáticos, periódicos e revistas, registros escolares, arquivos e estatísticas, quadros de avisos, cartas oficiais, documentos de exame, planilhas, fotografias.
- 2) Documentos pessoais - Estes são diários, livros de exercícios dos alunos, grafites, cartas e notas pessoais. As produções pessoais dos alunos, especialmente quando contêm um aspecto pessoal importante, podem fornecer informações valiosas sobre suas opiniões e atitudes em relação a diversos tópicos [...] (LAPASSADE, p. 31-32, tradução nossa).

Lapassade (1992) evidencia também a relevância dos documentos gerados pelo investigador no decurso da pesquisa, principalmente as notas de campo e as entrevistas, visto que estes documentos podem possuir minúcias a respeito de como a investigação foi estruturada e desenvolvida, como também mostrar como se estabeleceu a relação entre investigador e participantes da pesquisa, as negociações, até mesmo os erros e falhas cometidos.

Os documentos a que o pesquisador teve acesso para análise foram publicações a respeito do NEPS, o Estatuto da ONG, Atas de fundação e de eleição da diretoria do NEPS, edital, Cronograma de atividades, ofícios e panfletos. A grande maioria das atividades não possuem registros, ficando na oralidade, este fator, dificultou um pouco a análise documental deste estudo.

Para nortear a análise documental desta pesquisa, foi seguindo alguns parâmetros, conforme respalda Foucault (2002, p. 2): “organizar, recortar, distribuir, identificar, ordenar e

repetir em níveis, estabelecendo séries, fazendo a distinção do que é importante e descrevendo as relações”. Outro autor de referência embasou este estudo ao definir análise documental, Bardin (2011, p. 31) a define como “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência”, o autor acrescenta que a análise de documentos pode ser também definida “enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados”, visando “dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação”, afinal de contas,

o propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo). A análise documental é, portanto, uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados (BARDIN, 2011, p. 31).

Assim sendo, os dados registrados como resultado das entrevistas etnográficas e das observações participantes foram complementados por meio da análise documental, esta análise foi feita em quaisquer materiais que continha informações a respeito do fenômeno estudado.

Neste contexto, a análise documental desta investigação foi realizada por meio cartazes, ofícios, atas, editais, produções de estudantes, cronogramas de atividades (ANEXO F) e fotografias (ANEXO B).

3.3.4 Diário etnográfico

A utilização de elementos de escrita pode constituir uma fonte de dados muito relevante para a investigação. Neste sentido, o investigador deve ter sempre consigo algo em que possa fazer suas anotações, “[...] e enquanto estamos escrevendo, outras idéias podem vir e devemos tomar nota delas também, imediatamente, às vezes com uma única palavra de referência” (LAPASSADE, 1992, p. 24, tradução nossa).

No entanto, não basta somente fazer as anotações durante a investigação, é preciso que o investigador compreenda de forma nítida e isenta as anotações de campo. Para isto, Macedo (2010) recomenda seis importantes fatores para se ter boas notas de campo durante uma pesquisa qualitativa, a saber:

a) *tempo*: este fator é primordial para se fazer uma boa pesquisa, afinal de contas, quanto maior for o tempo em que o investigador passar com o grupo maior também é a possibilidade de se aprofundar na vivência dos participantes;

b) *lugar*: importante fator, considerando que as anotações precisam ser realizadas *in loco*, pois é no local que as ações são atualizadas;

c) *circunstâncias sociais*: descrever as circunstâncias experienciadas pelo grupo, suas reações, conflitos e estratégias, são extremamente imprescindíveis para uma investigação etnográfica;

d) *linguagem*: para que o investigador apure as interpretações com relação ao meio, é preciso primeiro conhecer intimamente a linguagem do ambiente pesquisado;

e) *intimidade*: é necessário para o pesquisador “penetrar no mundo” dos pesquisados para assimilar a experiência com profundidade;

f) *consenso social*: se refere ao fato de que à medida que o investigador se demorar exposto à cultura investigada, às práticas e à ordem social, a forma como elas são concebidas e conservadas é assimilada e compreendida de dentro desta mesma cultura.

Neste sentido, caso o pesquisador se atente para estes fatores no decurso de suas observações e no instante das anotações em campo, conseqüentemente, facilitará sua análise e compreensão dos dados coletados, visto que, segundo Macedo (2010, p. 95), “em todo esse processo impõe-se uma constante reflexão sobre os caminhos e os resultados obtidos durante a investigação”.

Portanto, no decorrer desta pesquisa, o investigador adotou o diário de campo (apêndices A) como instrumento para registrar suas observações, comentários e informações importantes que posteriormente vieram a respaldar a transcrição e a análise dos dados coletados em campo, conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 150), ele reflete “o relato escrito daquilo que o investigador vê, ouve, pensa e experimenta no percurso da coleta, refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Além do diário de campo, nesta pesquisa também foi utilizado celular como instrumento para anotações, gravação de áudio, fotos e filmagens de situações e elementos considerados relevantes que subsidiaram na organização e interpretação das informações.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

Em qualquer estudo científico, é obrigatório que o pesquisador seja rigoroso durante a coleta de dados e a forma como estes serão apresentados e analisados, pois é preciso retratar a realidade da maneira mais fiel possível. Assim sendo, tratar corretamente os dados coletados foi imprescindível, e isso implicou analisá-los, classificá-los e organizá-los (MARTINS, 2008).

Numa pesquisa etnográfica, de acordo com Spradley (1979), a coleta e a análise dos dados devem ser feitas simultaneamente, esta atitude do pesquisador lhe traz flexibilidade à medida que precise obter novos elementos para continuar se aprofundando na investigação, visto que, segundo Bogdan e Biklen, (1994, p. 205), “a tarefa de interpretar e tornar compreensíveis os materiais coletados parece monumental quando alguém se envolve em um primeiro projeto de investigação”.

Outro aspecto importante durante a análise dos dados é a capacidade interpretativa do pesquisador, pois, conforme Fino (2003), não se consegue analisar uma cultura longe dela, para este mesmo autor, é preciso fazer parte do grupo e se relacionar com seus membros, presenciar suas relações entre si e com o ambiente que os cerca.

Neste sentido, durante todo o processo de análise dos dados, foi essencial para pesquisa ter sempre em consideração as crenças, valores, rotinas e elementos que integravam a cultura investigada. De acordo com Fino (2003), existem elementos culturais de grande relevância que não podem ser deixados de lado no decorrer da coleta e do tratamento dos dados, neste sentido, ele elenca os principais: os papéis sociais desempenhados pelos participantes da pesquisa; as rotinas do grupo; as ocupações típicas desenvolvidas pelos integrantes do grupo investigado; a negociação e a partilha do saber construído, tendo sempre em mente as crenças e os valores pessoais; os aparatos e utensílios; e, a influência cultural local sobre o grupo pesquisado.

Assim sendo, os dados nesta investigação foram analisados à medida que eram coletados enquanto o investigador achava-se ainda em campo. O método indutivo deu suporte ao tratamento dos dados coletados, tendo como base a observação participante e as entrevistas.

Nesta perspectiva, antes de desenvolver o processo de análise de dados, o investigador necessitou seguir alguns passos fundamentais:

Leituras preliminares e estabelecimento de um rol de enunciados; escolha e definição das unidades analíticas: tipos de unidades, definição e critérios de escolha; processo

de categorização; análise interpretativa dos conteúdos emergentes; interpretações conclusivas (MACEDO, 2010, p. 147).

Desse modo, as práticas pedagógicas da Educação Popular do Sertão de Pernambuco foram analisadas e compreendidas por meio do processo de análise das informações, coletadas pelas técnicas e dispositivos complementares, os quais foram utilizados durante o processo de análises dos dados pelo viés da triangulação, verificando o que se devia descartar ou validar na etnopesquisa, considerando todo o referencial teórico escolhido para este estudo.

3.4.1 Validação dos dados

Assegurar a validade dos dados coletados pelo pesquisador qualitativo é um trabalho árduo, na verdade, é um enorme desafio para uma pesquisa científica, pois, “[...] a validade e a riqueza de significados dos resultados obtidos dependem diretamente e em grande medida da habilidade, disciplina e perspectiva do observador, e é essa, simultaneamente, a sua riqueza e a sua fraqueza” (FINO, 2008b, p. 4).

Nesta perspectiva, Coutinho (2008) esclarece que, para o pesquisador assegurar a validação dos dados em uma pesquisa qualitativa, é preciso que ele ora avance e ora retroceda, confrontando o projeto e o desenvolvimento da pesquisa, assegurando a coerência entre a questão da pesquisa, a fundamentação teórica e a coleta e análise dos dados, visto que, “uma pesquisa é tão boa quanto o investigador” (p. 12). Neste sentido, para garantir a validade do seu trabalho, o pesquisador deve valer-se de boas técnicas de verificação e aguçar sua sensibilidade, perícia, criatividade e flexibilidade.

Assim, para assegurar a fidelidade e autenticidade dos dados coletados, foi preciso utilizar-se da contrastação das diferentes informações por meio da triangulação. conforme Lapassade (2005, p. 121), “para chegar a isso, o investigador seguirá um conjunto de regras, cuja finalidade é garantir que eventuais distorções, ligadas a essa situação de encontro, sejam dominadas”. Para isto, diferentes aspectos foram considerados a partir das entrevistas semiestruturadas e da observação participativa periférica.

A triangulação consiste em combinar dois ou mais pontos de vista, fontes de dados, abordagens teóricas ou métodos de recolha de dados em uma mesma pesquisa de forma que possamos obter como resultado final um retrato mais fidedigno da realidade ou uma compreensão mais completa do fenômeno a analisar (COUTINHO, 2008, p. 9).

Assim sendo, a triangulação foi o procedimento metodológico utilizado para validar os dados deste estudo. Isto porque, para aprimorar a validação dos resultados de qualquer pesquisa, seja qual for o viés filosófico, epistemológico ou a metodologia usada pelo investigador, o confronto dos dados coletados nas diversas fontes é primordial.

Neste sentido, a triangulação dos dados permitiu ao investigador interpretar e elaborar argumentos, a partir de indícios encontrados, e verificar se os fenômenos sociais estudados estavam apresentados de modo correto considerando o âmbito da pesquisa. Assim, segundo Stake (2011, p.47), “devemos sempre ‘triangular’ os dados para aumentar a certeza de que interpretamos corretamente como as coisas funcionam”.

Portanto, tendo o pesquisador assumido o posto de observador participante durante todo o período em que esteve em campo realizando este estudo, traz garantia da veracidade dos dados coletados, uma vez que estes foram analisados e reanalisados várias vezes, conforme houvesse necessidade, para alcançar os resultados mostrados no capítulo 4 desta dissertação.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados do estudo a respeito das práticas pedagógicas dos educandos e educadores populares do Sertão de Pernambuco. Após minuciosa análise dos dados colhidos no decorrer da pesquisa em campo, através de observação participante das práticas pedagógicas, entrevistas etnográficas e análise documental, foram registrados os aspectos considerados relevantes pelo pesquisador para o estudo.

Assim, o capítulo está dividido em duas seções. A primeira voltada ao processo de categorização dos dados, culminando na organização das informações coletadas em categorias, resultantes dos indicadores apresentados na análise do conjunto empírico da pesquisa. A segunda seção, por meio da triangulação dos resultados materiais obtidos mediante análise de dados e de denso embasamento teórico, o pesquisador busca descrever e responder às questões propostas nesta pesquisa.

4.1 CONTEXTO DA PESQUISA

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu entre os meses de dezembro de 2017 a maio de 2019, totalizando dezessete meses de investigação.

A coleta de dados, incluindo observações, entrevistas e análise documental, aconteceu em diversos ambientes onde se estendiam as ações de Educação Popular do NEPS, tais como: na própria sede do NEPS; no Centro Casa da Roça; no pátio de eventos de Dormentes, Sítio Baixa da Lagoa de Baixo, na comunidade de Cacimbas; nas escolas Maurício José Rolim Cavalcanti, Senador Nilo Coelho e Casa da Criança Santa Maria.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISES DE DADOS

Ao abordar uma pesquisa de natureza etnográfica, procurou-se explicar a cultura estudada apoiando-se na perspectiva dos participantes, com olhar de membro. No entanto, segundo Spradley (1979), a análise e a interpretação dos dados recolhidos, geralmente, provocam certa inquietação, seja quem for o investigador.

Uma explicação para isto, de acordo com Fino (2003), é que neste tipo de pesquisa, na maioria das vezes, o recolhimento dos dados não acontece de maneira estruturada, pois as

categorias que serão usadas na interpretação dos hábitos dos investigados não são definidas antecipadamente.

Assim, diferentemente da organização clássica da pesquisa, com suas quatro fases bem definidas: preparação, coleta de dados, análise, e relatório final (LAPASSADE, 1992), na realização de um trabalho etnográfico não são rigorosa e previamente definidas todas as fases da investigação. Porém, apesar de este tipo de pesquisa não se basear na recolha de dados de maneira estruturada, “não significa que a investigação não seja sistemática, mas que os dados são recolhidos em bruto, segundo um critério tão inclusivo quanto possível” (FINO, 2003, p. 98).

Neste contexto, a análise dos dados coletados aconteceu do princípio até final da investigação, considerando sempre a relevância dos dados e refletindo neles até saturá-los, o que assinalou o início da análise e da interpretação conclusiva do estudo.

Após certo tempo de imersão em campo – tempo que pode variar segundo a problemática do objeto pesquisado e/ou de suas especificidades de contexto – o pesquisador deve indagar-se sobre a relevância dos seus “dados”, tomando como orientação suas questões de pesquisa norteadoras e intuições saídas do contato direto com o objeto pesquisado. Tal reflexão aponta para o recurso denominado *saturação dos “dados”*, indicativo da suficiência das informações e da possibilidade do início da análise e da interpretação final do conjunto do *corpus* empírico (MACEDO, 2010, p. 136, grifo do autor).

Dessa forma, considerando a saturação dos dados oriundos das observações participantes e suas notas de campo, das transcrições das entrevistas etnográficas e das análises documentais, conforme orienta Bogdan e Biklen (1994), o pesquisador tratou em classificar os dados descritivos obtidos em categorias de interesses. Assim, o pesquisador começou sua abordagem inicial pela apreciação das anotações de campo (apêndice A) e as transcrições das entrevistas etnográficas (apêndice A), pretendendo fazer uma análise detalhada de todos os registros feitos, agregando a isto, observações e inferências a respeito de questões que não se apresentavam de maneira conclusiva. Logo, conforme Lapassade (1992, p. 33, tradução nossa), “é nesta etapa onde a massa de dados que compõe anotações de campo, as transcrições, os documentos devem ser classificados de forma mais sistemática. Isso geralmente é feito por meio de classificação e categorização”.

Neste sentido, as categorias temáticas surgiram como resultado desta primeira fase de análise e interpretação dos dados, as quais, de acordo com Macedo (2010, p. 136), podem “estar contidas no cerne nas questões formuladas já na elaboração do projeto de pesquisa”. Assim, o

que se pretende nesta fase, conforme Lapassade (1992, pp. 33-34, tradução nossa), “é dar ao material coletado uma estrutura que nos permita avançar para a análise final, a produção de conceitos e teorias: daí a necessidade de primeiro ordenar os dados de maneira consistente, completa, lógica e sucinta”.

Nesta perspectiva, procurando ordenar os dados de forma sucinta, consistente e lógica, como indica Lapassade (1992), o pesquisador agrupou palavras e frases de uma relevância maior, a partir de suas anotações e transcrições de entrevistas, que denotavam uma compreensão mais significativa da relação vivenciada entre os sujeitos investigados.

Assim, o *corpus* empírico da investigação foi organizado por categorias, as quais formam o conjunto geral da pesquisa. Entretanto, estas categorias não foram concebidas logo de início, mas somente durante as observações *in loco* é que elas se tornaram consideráveis. Segundo Fino (2014, p. 5), “as categorias de análise emergem da interação do pesquisador com os sujeitos e com a cultura existente no campo da pesquisa”.

Neste sentido, as categorias de análises descritas a seguir estão alinhadas com os fundamentos teóricos desta pesquisa da mesma maneira que também estão em conformidade com os resultados desta investigação. Todavia, durante o processo de análise, algumas indagações e categorias foram descartadas em detrimento de outras, porém, o pesquisador buscou as respostas da forma mais fidedigna possível ao investigar em imersão na cultura e vivência dos sujeitos da pesquisa.

É claro que semelhante listagem de elementos é problemática, não só porque se correrá o risco de não serem considerados alguns de particular relevância que tenham eventualmente escapado, mas sobretudo porque a cultura, sendo um fluido dinâmico e contínuo, é pouco susceptível de ser paralisada e desmembrada para poder ser objecto de análise (FINO, 2003, p. 102).

Desse modo, é possível que algum ponto importante tenha sido passado por alto, contudo, acredita-se que a listagem a seguir seja a que mais se aproxima dos objetivos da pesquisa: a) educandos e educadores em seu contexto social; b) a cultura regional; c) a cultura popular no processo de aprendizagem; d) Educação Popular; e) práticas pedagógicas e aprendizagem; f) inovação e prática pedagógica na Educação Popular; g) o Festival das Águas; h) a Puxada do Bode; i) os Terreiros Culturais; j) integração entre Educação Popular e ensino formal; l) a atuação social e educativa dos educadores populares nas comunidades.

No que se refere à triangulação e discussão dos resultados, inevitavelmente algumas questões foram levantadas pelo pesquisador, e, por meio da análise cuidadosa dos dados e elementos coletados em campo, buscou-se responder a cada uma delas, a saber: a) quais práticas pedagógicas são utilizadas pelo NEPS na Educação Popular?; b) a Educação Popular contribui significativamente para a aprendizagem dos educandos?; c) em que medida a Educação Popular (educação não formal) pode originar práticas pedagógicas inovadoras?; d) de que modo práticas pedagógicas não tradicionais desenvolvidas entre educadores e educandos podem originar uma ruptura paradigmática?

Assim como na educação formal do sistema de ensino tradicional, na Educação Popular, educação não formal, a cultura é um fator que pode influenciar e ser influenciada pelas convicções dos educadores e educandos populares. Neste sentido, as manifestações culturais que permeiam os atores da Educação Popular foram consideradas e analisadas para uma melhor compreensão de todo o seu processo aprendizagem, haja vista, que toda e qualquer pessoa está imersa em um sistema de crenças, rotinas e valores que norteia sua vida.

Não é possível ignorar-se toda uma série imensa de rotinas, artefactos, crenças, valores e outros que, interagindo, dão substância e significado a essa cultura. Mas também não se pode ignorar que cada cultura é um sistema dinâmico, em que cada um dos seus elementos interage com os demais, decorrendo da alteração mesmo de um único desses elementos uma modificação cultural (FINO, 2003, p. 101).

Portanto, levou-se em consideração alguns itens ou categorias de análise tidos como relevantes para a compreensão das manifestações culturais identificadas no decorrer do processo de imersão no grupo, por meio de falas, das vivências e práticas sociais, os quais descreveremos neste capítulo.

4.2.1 Educandos e educadores populares em seu contexto social

A Educação Popular no Sertão de Pernambuco vem ganhando destaque pela atuação dos educadores populares, que desenvolvem seu trabalho por meio do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS), uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 04 de Outubro de 1997, que promove o saber e a cultura popular sertaneja, numa perspectiva não formal de aprendizagem, em cerca de sete municípios da Microrregião do Médio São Francisco (14), Semiárido pernambucano.

Mapa 3 – Mapa de Pernambuco com destaque para suas Microrregiões

Fonte: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=77>.

O Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS) surgiu como protagonista na discussão sobre a convivência com o Semiárido em um cenário de mobilização social para emancipação do homem do campo, da promoção do desenvolvimento local, do combate à pobreza, da geração de renda, da preservação do meio ambiente, da utilização de forma racional das riquezas da Caatinga e na discussão de questões políticas para melhoria de vida do povo nordestino, viabilizando uma educação não formal, contextualizada por meio da Educação Popular.

Neste sentido, conforme Gadotti (2005, p. 100), é partindo do enfoque educativo, que as estratégias pedagógicas da Educação Popular norteiam suas ações voltando-se para “as relações inerentes aos processos econômico-produtivos e aos processos econômicos-organizativos”. Logo, é uma “educação socialmente produtiva com o processo integrador de três elementos-chaves: a produção, a organização e a educação”. Assim sendo, a Educação Popular tem como premissa basilar partir da realidade, analisando-a e voltando a ela para transformá-la. Isto pode ser constatado por meio da fala do coordenador pedagógico B entrevistado.

O trabalho dos educadores populares pode ser visto em todo o nosso município. Eles foram de suma importância para o desenvolvimento do município de Dormentes. Um divisor de águas. Suas ações são vistas em tudo: na questão da economia; na questão da sustentabilidade; na questão da valorização do nosso povo, da nossa terra, em tudo que nós produzimos. Então, tudo isto não existia antes, foram os educadores populares que puderam abrir nossos olhos e nos ensinar a fazer e saber que é possível conviver mesmo diante períodos difíceis de estiagem, é possível se manter, é possível sobreviver e sobreviver bem (CPB, ENTREVISTA Nº 11, 09/04/2018).

É nessa perspectiva que Freire (2001) defende que a percepção crítica da realidade vai além de uma operação cognitiva, exige vontade, criticidade e objetividade na ação que conduz a transformação. “Se na realidade não estou no mundo para me adaptar a ele, e sim para transformá-lo, não é possível mudá-lo sem com certo sonho ou projeto de mundo” [...] (FREIRE, 2001, p. 43). Freire (2001) defende ainda que é necessário que os sujeitos assumam uma postura ética e política tendo clareza dos obstáculos que a realidade lhes impõe, no entanto é preciso também ser “sujeitos de poder, saber e vontade para não cair no determinismo fatalista, nem no voluntarismo ingênuo”. Por isso, Freire é enfático na indispensabilidade de se construir utopias, pois, para ele, a esperança depende da visão de futuro que se tem: “O exercício constante de uma leitura de mundo, que existe na compreensão crítica da realidade, supõe, por um lado, sua denúncia e, por outro, o anúncio do que ainda não existe” (FREIRE, 2001, p.52).

Assim, foi neste contexto que surgiu a preocupação do NEPS com o homem do campo do Sertão nordestino, pelo fato de não haver ações efetivas por parte do poder público que lhe garantisse condições mínimas de sobrevivência ou subsistência, forçando este a migrar para centros urbanos na busca de uma vida melhor, mesmo que, muitas vezes, terminasse em frustração e em péssimas condições de vida nas periferias das cidades. Conforme fala de educador popular do Sertão, a Educação Popular valoriza a região e leva os educandos a enxergar o que de melhor ela pode oferecer.

A Educação Popular é voltada para a valorização de nossa Região, a educação formal influencia na desvalorização da minha comunidade, principalmente aqui no Nordeste, ela, de certa forma, influencia muito na migração. Os livros didáticos apresentam as belezas e as oportunidades das grandes metrópoles, não mostram o lado ruim, para nós, nordestinos do Semiárido, vemos como se fosse às mil maravilhas, despertando em nossos jovens a emigração para essas regiões, muitas vezes, somente para alimentar as periferias e passar mais dificuldades do que se permanecesse aqui no Sertão nordestino (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019).

Por esse motivo, o NEPS dedica-se em promover educação e ações sociais populares que estejam contextualizadas com a realidade do homem com o Semiárido, visando sua emancipação, partindo do pressuposto que o fenômeno das secas que aflige a Região semiárida é algo certo e inevitável, que as políticas implementadas pelo poder público são insuficientes e, na maioria das vezes, apenas eleitoreiras, no entanto, tais efeitos dos ciclos meteorológicos escassos podem ter seus efeitos minimizados por ações práticas de convivência, assim, esta se tornou uma das bandeiras dos educadores populares.

Neste sentido, o NEPS concluiu que no Sertão faltava mais que chuvas, que “o problema do Semiárido não é a falta de chuva e sim a falta de políticas públicas adequadas para a Região”

(BALEEIRO; FEITOSA, 2013, p. 61), sentimento também expresso na fala de uma estudante durante observação participante nº 04.

Países mais secos que o Nordeste, como é o caso de Israel, existe prosperidade, a agricultura é forte e o verde brota no deserto. Então, esta é a mensagem que queremos levar: a denúncia da falta de honestidade e de vontade política para que nosso Sertão nordestino seja prospero, que a nossa gente tenha dignidade, ou seja, o que realmente falta no Nordeste não é água, é honestidade e vontade política para investir em políticas públicas para a convivência com o Semiárido (ESTUDANTE, OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 04, 03/04/2018).

Para Freire (2001), a Educação Popular deve ser um ato político que procure desenvolver a criticidade, numa perspectiva dialética política-pedagógica permanente. Neste sentido, segundo Carrillo (2013), Freire defende que é preciso que os sujeitos tenham a faculdade e o desejo de conhecer e se envolver com o que se aprende e, a partir de uma realidade crítica, de se indignar. Educação Popular envolve propósito intimamente ligado a um projeto emancipador, com práticas pedagógicas que agucem o pensamento e a subjetividade crítica e rebelde diante do mundo, para que então, os problemas que limitam a ordem social e o potencial humano, que os desafiam e os condicionam, sejam superados.

Assim, A Educação Popular utiliza-se da própria cultura dos educandos para trabalhar a realidade deles, conforme vista em letra da música do cantor Flávio Leandro (2013), utilizada por estudantes durante apresentação cultural no Festival das Águas.

Figura 1 – Música usada por estudantes em apresentação cultural**Chuva de honestidade – Flávio Leandro**

Quando o ronco feroz do carro pipa
 Cobre a força do aboio do vaqueiro
 Quando o gado berrando no terreiro
 Se despede da vida do peão
 Quando verde eu procuro pelo chão
 Não encontro mais nem mandacaru
 Dá tristeza ter que viver no Sul
 Pra morrer de saudades do sertão

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
 Mas tem mão boba enganando a gente
 Secando o verde da irrigação
 Não, eu não quero enchentes de caridade
 Só quero chuva de honestidade
 Molhando as terras do meu sertão

Eu pensei que tivesse resolvida
 Essa forma de vida tão medonha
 Mas ainda me matam de vergonha
 Os currais, coronéis e suas cercas
 Eu pensei nunca mais sofrer da seca
 No Nordeste do século vinte e um
 Onde até o voo troncho de um anum
 Fez progressos e teve evolução

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
 Mas tem mão boba enganando a gente
 Secando o verde da irrigação
 Não, eu não quero enchentes de caridade
 Só quero chuva de honestidade
 Molhando as terras do meu sertão

Israel é mais seco que o Nordeste
 No entanto se investe de fartura
 Dando força total à agricultura
 Faz brotar folha verde no deserto

Dá pra ver que o desmando aqui é certo
 Sobra voto, mas, falta competência
 Pra tirar das cacimbas da ciência
 Água doce que regue a plantação

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
 Mas tem mão boba enganando a gente
 Secando o verde da irrigação
 Não, eu não quero enchentes de caridade
 Só quero chuva de honestidade
 Molhando as terras do meu sertão

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
 Mas tem mão boba enganando a gente
 Secando o verde da irrigação
 Não, eu não quero enchentes de caridade
 Só quero chuva de honestidade
 Molhando as terras do meu sertão

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/frank-jr/chuva-de-honestidade/>, Acessado em: 03 abr. 2018.

Logo, a política de combate às secas, há bastante tempo, tem sido utilizada como meio de dominação. Para isso, a imagem do Semiárido é apresentada ao mundo de forma distorcida da realidade, como se fosse uma Região que não apresentasse nem mesmo meios para a sobrevivência humana ou animal. Nesta lógica, apresentar uma imagem do Semiárido de forma

equivocada, segundo Malvezzi (2007), é maneira astuciosa de se tirar proveito político da Região.

É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos três retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração. É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos (MALVEZZI, 2007, p. 14).

Neste sentido, os discursos a respeito das secas sustentam outros discursos, encucando na população do Semiárido a legitimidade de uma política discriminatória e vil. Porém, na contramão desta conjuntura política, de acordo com um educador popular do Sertão (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019), “o NEPS tem um trabalho voltado para a Região semiárida dentro do contexto da seca, onde a gente trabalha a questão da seca na perspectiva de convivência e não de combate”. Assim, o NEPS tem desenvolvido práticas pedagógicas por meio da Educação Popular que articulam saberes, sentimentos e valores das comunidades, numa construção coletiva de um conhecimento emancipador e libertador que tem transformado a forma do homem do campo viver no Sertão.

Podemos citar o caso de famílias que sempre migravam em período de seca para procurar trabalho em outras regiões, e, por meio do aprendizado de simples técnicas, rodas de conversas e palestras, hoje já vemos famílias produzindo em suas propriedades sem necessidade de sair para buscar outra fonte de renda fora (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019).

Fotografia 1 – Aula de campo em quintal produtivo



Fonte: Arquivo do NEPS

Fotografia 2 – II Seminário de Agricultores do Sertão de Pernambuco - Centro Casa da Roça



Fonte: Arquivo do NEPS

Assim, é neste contexto, enquanto movimento social atuante junto as comunidades do campo, que os educadores populares vêm quebrando paradigmas, especialmente nesses últimos anos em que o Semiárido vem passando por severas estiagens, pois é notória a diminuição de migrações do homem sertanejo para outras regiões, ou até mesmo pessoas morrendo de fome, como ocorreram em décadas passadas. Pelo contrário, o homem do campo tem aprendido a conviver e sobreviver respeitando os fenômenos naturais sem ter sua cidadania e sua dignidade afetada, graças ao trabalho promovido pelos educadores populares.

4.2.2 A cultura regional

A cultura regional do Sertão de Pernambuco é bastante diversificada, tendo recebido influência de povos africanos, indígenas e colonizadores europeus. Por isso, ficaria muito extenso descrever neste trabalho toda a cultura regional da área de atuação do NEPS, como também não é este o objeto desta pesquisa.

Assim sendo, conforme Arantes (2012, p. 35), o significado de cultura é bastante amplo, pois,

o significado das culturas implica em reconstituir, em sua totalidade, o modo como os grupos se representam nas relações sociais que os definem em enquanto tais, na sua estruturação externas e nas relações com outros grupos e com a natureza, nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo.

No entanto, uma vez que cultura envolve uma teia complexa de expressões de grupos sociais, como por exemplo: saberes, costumes, artes, crenças, cultos religiosos, hábitos, danças,

literatura popular, entre outras manifestações culturais, a seguir serão apresentadas algumas manifestações culturais do Sertão pernambucano identificadas nesta pesquisa como as que mais se destacaram, somente a título de exemplo, tais como: a cavalgada em Poço do Dantas; a quadrilha junina de Dormentes; o reisado de Lagoa Comprida e o culto a São Gonçalo no Sítio Caldeirão. Apesar que se poderia acrescentar tranquilamente a elas: a literatura de cordel, as festas de romaria a santos católicos, a poesia popular, o baião, a medicina popular, a história do cangaço e as comidas típicas. Assim, quando neste trabalho se falar de cultura popular, dentre outras manifestações culturais, estas são as principais.

Sequência fotográfica 3 – Cavalgada da solidariedade em Poço Dantas



Fonte: Arquivo do NEPS

Fotografia 4 – Apresentação de quadrilha junina em Terreiro cultural



Fonte: Arquivo do NEPS

Fotografia 5 – Festa de Reisado em Lagoa Comprida



Fonte: Arquivo do NEPS

Sequência fotográfica 6 – Culto a São Gonçalo - Centro Casa da Roça



Fonte: Arquivo do NEPS

Assim sendo, uma das mais expressivas manifestações culturais são as festas populares. Pessoa (2013) coloca em evidência a festa popular como campo fértil de produção e comunicação de saberes.

A dimensão educativa da festa expressa-se, especialmente, numa ambiguidade que lhe é intrínseca: a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões (PESSOA, 2013, p.39).

As celebrações festivas populares em si mesmas são experiências de ensinar e aprender, por meio da simbologia que as envolvem. São espaços especiais de socialização para as novas

gerações. Assim sendo, “danças, cânticos, ornamentos e objetos simbólicos acontecem também como comunicação da compreensão de mundo elaborado pelo grupo” (PESSOA, 2013, p. 206). Além disso, expressam a capacidade de compreensão, por meio de fantasias, para fora da dureza do mundo presente. Esse universo simbólico, aprendido, reaprendido e reconhecido pelo grupo, expressa aspectos da vida cotidiana, consegue formar uma consciência política, cultural e de pertencimento nos sujeitos.

Desta forma, conforme Pessoa (2009), a festa popular é o ápice, no que se refere às manifestações culturais populares, “é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e se compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho ou novo. Sem o novo paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias” (p. 44).

Neste sentido, as festividades populares incluem, verdadeiramente, ação pedagógica e práticas educativas emancipadoras, importantes para que os sujeitos se reafirmem no mundo como seres históricos, autônomos e críticos. Cox (1974, p. 68) corrobora esse pensamento ao afirmar a importância da fantasia para o progresso da humanidade. “A abertura do homem para o futuro realmente novo depende de sua capacidade de fantasia [...] Isto nos sugere que olhar para o futuro e estar pronto para progredir requer talvez um elemento de alienação de nossa sociedade atual”.

Neste sentido, os educadores populares vivenciam a Educação Popular valorizando e promovendo as culturas locais. Manifestações culturais populares são utilizadas para manter viva a memória da comunidade como forma de resistência a perda de identidade do homem camponês. Logo, segundo fala de coordenador do NEPS entrevistado, “A nossa luta, a nossa ação, é do ponto de vista de permanecer com essa identidade, porque o povo sem uma identidade cultural perde o estímulo para existir” (CN, ENTREVISTA Nº 13, 02/05/2019).

Portanto, uma das ações do NEPS, o projeto Terreiro Cultural, sobre o qual trataremos neste trabalho mais especificamente em outra categoria, procura reunir, como forma de valorização e reafirmação da identidade sertaneja e construir aprendizagens. Assim, todas as manifestações culturais: “a roda, a poesia, a rezadeira, as plantas medicinais, os grupos culturais, ele permite estar juntos ao saber popular e ao conhecimento científico, são duas coisas que devem andar juntas, para a gente poder se contextualizar dentro de um processo histórico” (CN, ENTREVISTA Nº 13, 02/05/2019).

4.2.3 A cultura popular no processo de aprendizagem

É no processo de prática e de aprendizagem que a natureza humana se forma para se viver em sociedade. É também nesse processo que são acumuladas representações da realidade cotidiana e das mais diversas áreas do conhecimento humano, o que denominamos de cultura, e que o homem se torna capaz, em sua construção histórica de originar constantemente, numa renovação contínua, não somente bens materiais, mas também bens imateriais (PALUDO, 2009).

Neste sentido, esta pesquisa identificou que a fonte do conhecimento da Educação Popular é a própria cultura produzida pelo povo ao longo do tempo, e sua própria prática pedagógica se alimenta das lutas de resistência e da criatividade, ou seja, o conhecimento produzido está intimamente ligado às “suas maneiras de ensinar e aprender, de acordo com as mais variadas visões de mundo e sua concepção de ser humano e de sociedade” (STRECK, 2014, p. 22).

Muitas vezes, o processo de exploração das massas se dá por meio da dominação cultural, assegurada através de organizações sociais, sejam elas econômicas, políticas ou até mesmo educacionais. Isto fica evidente por meio da já consolidada “indústria da cultura” que tem influenciado substancialmente as subjetividades das pessoas e moldado valores e comportamentos sociais (TRINDADE, 2009). Por isso, este estudo identificou que é extremamente importante para os movimentos sociais associar a Educação Popular ao resgate e reinterpretação da cultura popular que, valorizando e reafirmando valores, contribui para a emancipação das classes populares e para a transformação social.

Nesta perspectiva, “o NEPS procura sempre levar esse contexto voltado para convivência com a Região em que vive, baseado na educação que Paulo Freire queria, uma educação contextualizada” (EPS, ENTREVISTA N° 16, 23/05/2019). Assim, para os educadores populares, uma das melhores maneiras de se contextualizar um assunto é utilizando a cultura popular. Ela permite que se trabalhe além do cognitivo, incluindo outras habilidades e competências que formam o todo do ser humano. “A cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária, um tipo de ação sobre a realidade social” (GULLAR, 1965, p. 84).

Neste contexto, uma diretora escolar entrevistada, (DE, ENTREVISTA N° 05, 04/04/2018), defende que contextualizar parte do pressuposto que não basta conhecer

superficialmente o lugar onde se vive, mas é trazer para o dia a dia da sala de aula práticas permanentes de convivências com as manifestações culturais e os saberes das comunidades, é vivenciar a realidade local sem desprezar os conhecimentos empíricos preservados por gerações, pela história e por tradições por elas construídas, ampliando a visão de mundo dos educandos. A fala da estudante D (ED, ENTREVISTA Nº 07, 06/04/2018), corrobora com esta ideia: “posso dizer que o saber e a cultura popular permitiram ampliar minha visão de mundo”.

Muitas vezes, a escola se preocupa somente com o cognitivo, mas a gente deve formar cidadão, considerando todas as dimensões do ser humano. Assim, Quando se utiliza a cultura popular para trabalhar um tema que a criança vivencia no seu dia a dia, quando você consegue colocar ela para se expressar, para se questionar, ela vai refletindo, talvez ela nem perceba que está refletindo, sobre o que está acontecendo ao redor dela, mas acreditamos que ela vai ter uma ação futura sobre o contexto que está sendo trabalhado, porque são coisas que não estão distantes de sua realidade, nem hoje e nem no futuro (DE, ENTREVISTA Nº 05, 04/04/2018).

Outro ponto a ser considerado a respeito da cultura popular identificado neste estudo é o fato de que o próprio processo irreversível de globalização tem provocado uma mudança paradigmática nas relações humanas e nos signos em que se constroem suas identidades. Toffler (1970) chama de “choque do futuro” a consequência de mudanças sociais aceleradas que resultam no desequilíbrio do sujeito ao perder suas referências culturais habituais. É como se seu mundo fosse substituído por outro, as coisas já não funcionam como antes e o sujeito não sabe muito bem como se situar. Por isso, as questões culturais são tão importantes na vida social e no processo educacional das pessoas. A cultura é o que cada povo tem de específico, o que lhe identifica, e o direito de preservá-la e se desenvolver conforme suas raízes é inalienável. Na história, toda violência cultural contra pessoas ou outras culturas marginalizadas provocou sentimentos irreconciliáveis entre oprimidos e opressores.

Portanto, para os educadores populares, a população do campo necessita de uma educação que se relacione diretamente com as reais necessidades do seu cotidiano, que considere as peculiaridades do espaço geográfico e sua cultura.

4.2.4 Educação Popular

O NEPS promove Educação Popular nos sete municípios que fazem parte da sua área de atuação. No entanto, a função social do NEPS não é a educação formal, mas oferecer educação não formal contextualizada nos mais diversos espaços e lugares na perspectiva da convivência das comunidades rurais com o Semiárido. Logo, “não se pode definir a Educação Popular a partir dos conteúdos dos programas feitos em seu nome. Os conteúdos não são

populares em si, mas em função dos atores, das finalidades e do método” (PREISWERK, 1997, p. 69).

Neste contexto, o NEPS tornou-se uma entidade referência no Sertão do Estado de Pernambuco propositora de debates e de práticas que inserem escolas, igrejas, associações, cooperativas, sindicatos e pessoas comuns do meio rural, numa perspectiva de educação contextualizada para o homem do campo do Semiárido, onde os educandos, através dos projetos educacionais, vivenciam a Educação Popular, seja por ações diretamente ligadas as comunidades ou entidades citadas acima, como por exemplo, escolas de educação formal. Assim, é possível afirmar que “diante do fracasso das políticas de combate à seca e sabendo que a seca é um fenômeno natural, o qual não é possível combater, a sociedade civil e movimentos sociais indicam sobre outra ótica: a convivência” (BALEIRO; FEITOSA, 2013, p. 63).

Mapa 4 – Área de atuação do NEPS - municípios da Microrregião do Médio São Francisco



Fonte: (CASTRO; SANTOS, 2013, p. 162).

Neste sentido, por meio de ações efetivas e da Educação Popular contextualizada, os educadores populares vêm promovendo transformações na realidade dos trabalhadores rurais, dando-lhes voz ativa nas questões sociais e política, como expressou uma diretora escolar entrevistada: “é admirável quando se ver todo esse trabalho. Ver as pessoas descobrindo seu potencial, expondo seu trabalho, sua arte e descobrindo que eles têm voz, que eles podem se expressar e lutar por seus direitos e por algo melhor” (DE, ENTREVISTA Nº 05, 04/04/2018).

Vivemos no Semiárido nordestino, mas o currículo não tem suas bases aqui, ele é baseado no Sul e Sudeste, então, nós somos obrigados a estudar o Sul e o Sudeste. Para o aluno do campo, os conteúdos são voltados para a cidade, dificilmente o aluno vai ver lá no livro a expressão “minha roça”, “meu sítio”, ele vai ver “minha rua”, “meu bairro”, porque os livros didáticos são voltados para esse contexto e não para o nosso (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019).

Neste sentido, o educador popular do Sertão expressou que é preciso que a educação parta da realidade, fuja da neutralidade e da inocência, pois, cabe aos educadores, os quais são formadores de opinião e estão próximos aos educandos e a comunidade, promover uma educação crítica e emancipadora e não esperar que burocratas em seus gabinetes sejam agentes de transformação por meio da Educação.

O povo do campo tem direito a uma Educação que seja no e do Campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais (MOURA; PEREIRA, 2013, pp. 123-124).

Nesta perspectiva, para se ter uma educação contextualizada no Sertão, este estudo observou que é preciso romper com o modelo tradicional de educação, principalmente, as que atendem as populações do campo, uma reprodução da educação dos grandes centros urbanos que está longe das necessidades educacionais que os camponeses necessitam. Assim, segundo Martins (2006, p. 37), “a educação não pode se dar ao luxo de ignorar o chão que pisa”. Não pode ser colonizadora, muito menos descontextualizada, afinal, não estamos sozinhos no “paraíso”, nem vivemos nele e muito menos em ilhas, antes vivemos na coletividade. É neste pensamento que os educadores populares fazem educação.

Assim, notadamente se verificou que os educadores populares têm se comprometido em promover reflexão para a contextualização da educação para a convivência com o Semiárido. Entre as ações concretas propostas pelo NEPS por meio da Educação Popular, está a Biblioteca Popular, espaço de letramento e inserção da leitura no meio rural; a Feira de Saberes e Sabores do Sertão; a Puxada do Bode; o Reisado de Lagoa Comprida; o Programa Cisternas na Escola; a Cavalgada da Solidariedade em Poço Dantas; os Museus: Pai Chico, Poço Dantas e Casa da Roça; e o Natal das Comunidades.

A contextualização dos saberes tem sido a fundamentação metodológica em suas diferentes maneiras de usá-la pelas institucionalidades que se agregam à convivência, especialmente ao associar as ações produtivas e organizacionais às ações educativas (CARVALHO; REIS, 2013, p. 31).

Nesta perspectiva, mesmo não interferindo no currículo oficial da escola formal, o NEPS propõe projetos às escolas para que dialoguem com seus estudantes, considerando seu

contexto social, cultural, político e da realidade cotidiana de onde vivem. Logo, tem se visto certa flexibilidade por parte das escolas em manter parcerias com a Educação Popular, pois, conforme o professor C entrevistado, “a escola não pode se fechar em si mesma, não pode trazer um currículo engessado” (PC, ENTREVISTA Nº 10, 06/04/2018).

4.2.5 Práticas pedagógicas e aprendizagem

A Educação Popular, enquanto metodologia educacional voltada para a conquista dos direitos sociais, culturais e políticos, por meio de uma prática pedagógica problematizadora e geradora de possibilidades, ajuda a mostrar a realidade vivida por grupos ou comunidades e aponta caminhos para superação de problemas encontrados, é uma ferramenta que ajuda na luta por justiça e dignidade e incentiva a realização de mudanças sociais (PALUDO, 2001).

Esta pesquisa verificou que os educadores populares do Sertão de Pernambuco contam com dois espaços próprios para desenvolver suas práticas pedagógicas: o primeiro é a Biblioteca Popular, com acervo voltado para produção do campo, criação de animais, produção de alimentos e processos de captação e armazenamento de água, ela tornou-se um dos poucos espaços no Vale do São Francisco a promover aprendizagem contextualizada sobre a convivência com o Semiárido, sendo um Ponto de Leitura na Roça, reconhecido pelo Ministério da Cultura (OBSERVAÇÃO Nº 06, 06/04/2018).

Fotografia 7 – Biblioteca Popular do NEPS



Fonte: o autor, 2019.

O Segundo espaço é o Centro Casa da Roça, reconhecido pelo Ministério da Cultura, que abriga a história dos educadores populares e como Ponto de Memória do homem sertanejo integrando um espaço maior que é a própria Casa da Roça, local onde há um auditório e ocorrem

as formações, capacitações, palestras, seminários, encontros de ricas aprendizagens para os agricultores (OBSERVAÇÃO Nº 06, 07/04/2018).

Sequência fotográfica 8 – Centro Casa da Roça



Fonte: o autor, 2019.

Ademais, os educadores populares levam às escolas da rede pública Educação Popular por meio de temas de interesse social para serem vivenciados de forma que valorize a cultura popular sertaneja e reafirme a identidade de seus estudantes diante da convivência no Semiárido brasileiro, dentro daquilo que Carvalho *et* Reis (2013) aponta como metodologia dialógica e interdisciplinar para se pensar a realidade.

Sequência fotográfica 9 – Participação de professores, estudantes e comunidade no XVI Festival das Águas de Pernambuco



Fonte: o autor, 2018.

Assim, conforme observação participante nº 06, verificou-se que o educando é envolvido a partir de sua realidade de forma que participe ativamente de todo o processo de

aprendizagem. Pesquisam, discutem com o apoio de professores e apresentam em equipes para a comunidade o que aprenderam, de forma crítica e utilizando-se da cultura popular, como por exemplo a música, para transmitirem sua mensagem. Segundo Papert (1997, p. 43) “a aprendizagem é mais bem-sucedida quando o aprendiz participa voluntária e empenhadamente” de todo processo de aprendizagem, sozinho ou com ajuda do professor. Logo, é neste sentido que as práticas pedagógicas dos educadores populares são desenvolvidas para concretizar o processo de aprendizagem dos seus educandos, envolvendo estes em todo o processo de forma espontânea e livre.

4.2.6 Inovação e prática pedagógica na Educação Popular

A Inovação Pedagógica dar-se-ia a partir do surgimento de uma “crise” no padrão vigente de educação, ela exige a criação de outro referencial para o entendimento dos mesmos conceitos, ou seja, um novo paradigma, visto que “o surgimento das crises consiste exatamente no fato de que indicam que é chegada a ocasião para renovar os instrumentos” (KUHN, 2006, p. 105).

A Educação Popular parte do princípio de que todas as pessoas possuem saberes que são muito importantes, no entanto, a sociedade capitalista desqualifica e ignora estes saberes das classes populares e a Educação Popular faz o caminho inverso, trazendo para dentro do espaço de aprendizagem os saberes populares, valorizando-os. Neste sentido, o educador popular possui um papel fundamental na provocação da reflexão sobre as experiências das classes populares, como alternativa ao sistema educacional tradicional.

Assim, a inovação no campo educacional, intitulada Inovação Pedagógica, deve acontecer em uma perspectiva mais abrangente do que um mero avanço natural ou uma simples incorporação tecnológica, pois, segundo Fino (2008a),

a inovação implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças sempre envolvem um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação, ainda que se possa apoiar nesses factores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizados (p. 1).

Todavia, como as novas experiências e saberes populares são trazidos para dentro do espaço de aprendizagem pelos educandos e educadores populares no Sertão de Pernambuco? Durante a pesquisa verificou-se que “o trabalho em equipe é incentivado e o professor é apenas um orientador no processo de aprendizagem, respeitando os saberes prévios do estudante, sua

criatividade e autonomia na construção do seu próprio conhecimento” (C.O., OBSERVAÇÃO Nº 06, 06/04/2018). Isto está de acordo com o pensamento de Brandão (2013b), pois para ele, primeiro é preciso que se desfaça hierarquia entre educador e educandos e se estabeleça o diálogo entre as pessoas, neste sentido, a formação de círculo entre os sujeitos permite que se estabeleça um diálogo com igualdade, onde todas os indivíduos têm experiências importantes para partilhar e que devem ser o ponto de partida das reflexões do grupo.

Outro aspecto importante no processo de aprendizagem da Educação Popular, verificado neste trabalho, é o acolhimento, onde as pessoas se apresentam e expõem suas expectativas, são instigadas a sempre trazer um elemento novo sobre suas vidas que o grupo desconhece mesmo no convívio do dia a dia. O trabalho de grupo é uma ferramenta muito importante para que todos participem, porém, é muito importante que o educador popular faça perguntas bem elaboradas, objetivas e claras, que instigue o grupo a refletir e trazer para o grande grupo o máximo de contribuição para o debate e para a aprendizagem coletiva (C.O., OBSERVAÇÃO Nº 03, 23/03/2018).

Sequência fotográfica 10 – Oficina com agricultores e mobilização para o XVI Festival das Águas na comunidade de Cacimbas



Fonte: o autor, 2018.

Assim sendo, o investigador pôde perceber que os educadores populares do Sertão desenvolvem tem suas Práticas Pedagógicas ancoradas nestes preceitos, conforme observação participante nº 03 na comunidade de Cacimbas.

O educador popular, foi capaz de auxiliar o coletivo a construir uma síntese de tudo que foi apresentado, ao ponto de provocar mais reflexão, fazendo estranhamento, levando os educandos a compreenderem o porquê eles responderam de determinada maneira suas indagações (C.O., OBSERVAÇÃO Nº 03, 23/03/2018).

Logo, ficou evidente durante a pesquisa que o intercâmbio de experiências na Educação Popular é muito importante para conhecer as experiências dos outros, para que cada um crie certo estranhamento em relação a sua própria experiência e amplie seus horizontes.

Outra característica marcante na Educação Popular identificada neste estudo é fazer-se avaliação de todo o processo ao final de uma formação, ela ajuda ao grupo encerrar aquele momento de aprendizagem e ao educador refletir, rever algumas formas de atuação e qualificar melhor suas próximas ações e práticas pedagógicas nos encontros seguintes. Neste sentido, conclui-se que o diagnóstico e o planejamento são essenciais para o êxito da Educação Popular.

Portanto, ao relacionar todo este processo da Educação Popular com a transformação social que os educadores populares têm proporcionado aos seus educandos, levanta-se forte evidência de Inovação Pedagógica frente às práticas pedagógicas tradicionais (C.O., OBSERVAÇÃO Nº 03, 23/03/2018).

4.2.7 O Festival das Águas

Promovido anualmente desde o ano de 2002, o Festival das Águas é antecedido pela Semana das Águas com atividades de Educação Popular junto às comunidades com o objetivo de mobilizá-las sensibilizá-las para a necessidade de preservação dos mananciais, açudes, lagoas, cacimbas e outras fontes d'águas, principalmente, pelo valor desse bem tão escasso na Região semiárida. Conforme destaca coordenador do NEPS,

O Festival das Águas é um evento que reúne formação dentro dos aspectos climáticos, hídricos e ambientais, ou seja, seu maior objetivo é trazer a discussão a problemática da água de forma sistematizada. Ele é um evento que reúne toda a luta pela Região semiárida. Assim, além de festejar a cultura nordestina, torna-se um espaço de denúncia (CN, OBSERVAÇÃO Nº 02, 08/03/2018).

Fotografia 11 – Cartaz de divulgação e mobilização para a XVI Semana das águas



Fonte: o autor, 2018.

Assim, o Festival das Águas é um instrumento em que o NEPS promove nas escolas públicas, comunidades e pastorais da Igreja Católica, a importância da água para a sobrevivência do homem no Semiárido nordestino, durante o mês que antecede o Festival. “Desde o ano 2009, temos recebido o apoio e a parceria de todas as escolas do município na realização deste evento”, comenta o coordenador do NEPS (CN, OBSERVAÇÃO Nº 02, 08/03/2018). Assim,

O Festival das Águas é a culminância da Semana da Água, onde se junta todo mundo, todas as comunidades que foram trabalhadas durante aquele mês e se faz um dia de discursos, de palestras, de convivência, de muita cultura popular, de muita arte (CN, ENTREVISTA Nº 13, 02/05/2019).

Durante a culminância do evento, o Festival das Águas, ônibus escolares com estudantes, professores e pessoas de todas as comunidades chegavam um após outro. Uma longa fila se formou em frente ao Centro Casa da Roça para fazerem seus cadastramentos. Havia muitos jovens estudantes, e em pouco tempo todas as cadeiras do Centro estavam ocupadas, mas, ainda continuavam a chegar caravanas de muitas outras localidades e municípios vizinhos, estimando-se que houvesse no local cerca de duas mil pessoas.

Fotografia 12 – Fila de pessoas para participarem do Festival das Águas.



Fonte: o Autor, 2018.

Fotografia 13 – Grande plenária durante XVI Festival das Águas.



Fonte: o autor, 2018.

Durante a observação participante nº 07, o pesquisador observou que as pessoas estavam atentas a cada discussão, momento de bastante aprendizagem e reflexão. Após a grande plenária com palestras, as pessoas participavam com posicionamentos e direcionamentos com questões que lhes eram familiares e próximas da sua realidade cotidiana. Os estudantes participavam com apresentações culturais de assuntos debatidos e estudados nas suas respectivas unidades de ensino, chamando-se a este momento de Tenda Cultural dentro do Festival das Águas.

Sequência Fotográfica 14 – Apresentações culturais de estudantes durante o Festival das Águas



Fonte: o autor, 2018.

Assim, foram muitas as apresentações, todas produzidas por estudantes de escolas da rede pública, sobre os mais variados temas, envolvendo a cultura e os problemas sociais do povo do Semiárido nordestino ligados à problemática da água.

Neste sentido, questões de grande relevância para o Sertão foram pesquisadas, discutidas e trabalhadas pelos estudantes e professores de escolas públicas para culminar com produções apresentadas à comunidade por meio do Festival das Águas. Assim, é neste contexto que a Educação Popular ganha vida nas escolas públicas por meio do Festival das Águas.

4.2.8 A Puxada do Bode

Considerado como um evento cultural dentro das ações de Educação Popular do NEPS, a Puxada do Bode é realizado como forma de promover as comunidades criadoras de ovinos e caprinos, sendo realizado no período da maior feira de caprinos e ovinos do Nordeste, a Caprishow, conforme fala de um educador popular do Sertão.

A Puxada do Bode, por exemplo, não é só colocar o bode lá no meio da rua, mas uma forma de mostrar para a população que nós somos capazes de conviver e produzir no Semiárido, e produzir com qualidade. Então, através desse evento, que é uma cultura sertaneja, a criação de bode, mostramos que é possível conviver com o Semiárido (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019).

Além de chamar a atenção para a principal vocação econômica do município, a Capriovinocultura, a Puxada do Bode envolve a cultura popular e traz à tona diversos problemas sociais da Região para serem discutidos ou pelo menos chamar a atenção da sociedade. É um momento feito não só com seriedade, mas, também, com muita alegria, uma verdadeira festa. Em 2018, contou com a presença de três bandas de fanfarras, uma do próprio município de Dormentes, outra vinda dos municípios vizinhos de Afrânio e Petrolina (OBSERVAÇÃO Nº 08, 17/05/2018).

Sequência Fotográfica 15 – Alas da Puxada do Bode pelas ruas da cidade de Dormentes



Fonte: o autor, 2018.

Outro objetivo da Puxada do Bode é chamar a atenção do poder público local para criação de políticas que fomentem os pequenos e médios produtores rurais e para os agricultores familiares de subsistência, uma vez que eles precisam de incentivos e subsídios para continuar melhorando seus plantéis e, conseqüentemente, sua qualidade de vida. Neste contexto, de acordo com o pensamento de Gadotti (2005, p. 100), “tanto a produção quanto a organização devem ser vistas como processos relacionais. Em outras palavras: as estratégias pedagógicas têm a ver com as relações inerentes aos processos econômicos-produtivos e aos processos político-organizativos”.

Por isso, a Puxada do Bode, enquanto ação da Educação Popular, conforme coordenador no NEPS, é também discutida e vivenciada juntamente com as escolas públicas.

Na Puxada do Bode trazemos para estar presente também as escolas, isto já vem acontecendo há três anos em Dormentes, onde as escolas trabalham temas relacionados ao Semiárido, às queimadas, à gestão da água, à história do cangaço, temas importantes que estão sendo esquecidos como a luta pela vida do Rio São Francisco e a própria história do município de Dormentes (CN, ENTREVISTA Nº 13, 02/05/2019).

Assim, a Puxada do Bode percorreu as principais ruas da cidade ao som de bandas de fanfarras enquanto a população assistia atentamente a tudo nas calçadas das residências e do comércio local. O Ponto final foi o pátio de evento, onde se havia instalado um palco com as autoridades dos municípios e grande número de pessoas concentradas. Foi neste ponto que algumas alas fizeram suas apresentações, algumas apenas liam a ementa para que todos assimilassem a mensagem que os educandos estavam passando para a sociedade (OBSERVAÇÃO Nº 08, 17/05/2018).

Sequência Fotográfica 16 – Apresentação das Alas da Puxada do Bode diante do palco com autoridades



Fonte: o autor, 2018.

Portanto, a Puxada do Bode possibilita à população urbana e ao poder público verem o que o campo tem produzido para abastecer a cidade e Região vizinha e sua importância para a economia do município, uma vez que o município de Dormentes é um dos maiores produtores de caprinos e ovinos do Estado de Pernambuco.

4.2.9 Os Terreiros Culturais

As comunidades possuem uma riqueza cultural muito grande que se manifesta por meio de danças, rezas, músicas, literatura de cordel, poesias. Assim, como exemplos de manifestações culturais populares fortemente difundidas nas áreas rurais do Semiárido brasileiro, pode-se citar: as festas do reisado, as festas juninas e as de São Gonçalo. Neste sentido, na área de atuação do NEPS, o encontro das comunidades para participar destas manifestações culturais populares, de entre outras, foi “batizado” de Terreiro Cultural.

Fotografia 17 – Apresentação de quadrilha junina em Terreiro Cultural



Fonte: arquivo do NEPS, 2017.

Assim, o evento acontece anualmente no Espaço Casa da Roça, porém, nesse ano de 2018, aconteceu no pátio de eventos da cidade. Logo, ele pretende resgatar e preservar o acervo cultural popular da Região e, a partir dele, trabalhar a questão da convivência do homem com o Semiárido, preservando sua riqueza cultural em sua diversidade, e fortalecer a identidade cultural do sertanejo. Durante a observação em campo do projeto Terreiro Cultural, o pesquisador observou que

cada apresentação era feita de forma muito simples. Do povo, pelo povo e para o povo. As pessoas se viam nas músicas, nas dramatizações e nas apresentações culturais ali no palco. As pessoas se divertiam bastante. Foi um momento de reafirmar a identidade

de ser sertanejo, de ser nordestino, povo forte, povo aguerrido (C.O., OBSERVAÇÃO Nº 09, 18/05/2018).

Ao criar o Terreiro Cultural, o NEPS pretendia criar um espaço onde as manifestações culturais populares das comunidades rurais pudessem ser valorizadas e ao mesmo tempo ser um instrumento de mobilização para os problemas sociais vividos pelo homem do campo. Neste sentido, o NEPS vem trabalhando em mapear, registrar e pesquisar as manifestações culturais e os acervos das comunidades tradicionais do Sertão de Pernambuco.

Durante a realização do evento os estudantes da rede pública participam maciçamente de toda a programação. Neste sentido, o Terreiro Cultural torna-se um ambiente rico de aprendizagem, interação com as comunidades e troca de experiências por meio dos saberes populares partilhados em momentos de Educação Popular, tanto entre as comunidades em si, como também com as novas gerações representadas pelos alunos participantes do evento.

4.2.10 Integração entre Educação Popular e ensino formal

A convivência com o Semiárido brasileiro está relacionada a uma educação diferenciada em vários aspectos. Primeiro, é necessário trazer para o debate esta questão, pois é pela educação que as transformações começam; segundo, o educando precisa entender que habita uma Região seca, com chuvas escassas, com sérios problemas de infraestrutura, saneamento básico, falta de moradias dignas, falta de segurança, sistema de saúde pública com atendimento insatisfatório, escassez do bem mais básico para a sobrevivência: a água.

Neste sentido, o NEPS não concebe levar a Educação Popular contextualizada para convivência com o Semiárido sem discutir tais questões, principalmente, nas áreas rurais. Assim, é na zona rural que as pessoas precisam se emanciparem, e a Educação Popular é um instrumento poderoso para isto, visto que a educação formal a elas oferecidas é totalmente descontextualizada das políticas do campo, ou para libertação de suas condições de opressão.

Nesta perspectiva, os conhecimentos prévios dos alunos são muito importantes para o processo de aprendizagem na Educação Popular, os saberes trazidos pelos educandos exigem respeito, como ressalta o grande educador Paulo Freire (2001, p.33):

porque não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.

A partir desta lógica apresentada por Freire (2001), de que a educação deve ser contextualizada e partir da realidade do aluno, que o NEPS, de acordo com esta pesquisa, busca nas manifestações culturais populares das comunidades uma forma de abordar temas importantíssimos para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural das comunidades por meio da Educação Popular e leva às escolas projetos com ações que permitem os estudantes compreenderem as riquezas que existem no Semiárido e que não são trabalhadas em sala de aula.

Assim, considerando que a escola é um espaço legítimo de aprendizagem, os educadores populares têm procurado firmar parceria com as instituições de educação formal para despertar e construir nos estudantes uma consciência ecológica, fazendo provocações e dando voz às inquietações para desadormecer sentimento de solidariedade e de respeito, ante as questões ambientais ligadas ao Semiárido.

O NEPS sempre buscou manter parcerias com as escolas, sejam elas municipais ou estaduais, em cada município, por exemplo, o Festival das Águas é promovido com uma forte parceria com o alunado, principalmente, do município de Dormentes que sedia o Festival, que além de participarem com eventos culturais participam de palestras voltada para a convivência com o Semiárido (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019).

Neste sentido, Freire (1994, p. 44), se referindo à dialogicidade como âmagô da Educação Popular e das práticas de liberdade, apresentou numa discussão sobre o silêncio a seguinte ideia: “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho e na ação-reflexão”. Neste contexto, a escola não pode ser um lugar de silêncio diante das opressões que as famílias dos estudantes passam, mas um lugar de debate e reflexão para a emancipação e para a liberdade, um espaço para dar voz ao oprimido para que fale de suas reais necessidades, como um ato de amor por aquele que sofre a opressão. Assim, para Freire (1994, p. 45), “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”.

Outra questão igualmente importante é o fato de o currículo nas escolas rurais ter sido construído sem a participação do homem do campo, ele vem pronto nos moldes urbanos, sem levar em conta os saberes locais, para ser implementado por um professor que, na maioria das vezes, também é da cidade, com toda sua bagagem e olhar urbano, conforme fala de educador popular do Sertão.

Na verdade, eu não concordo muito com a educação do jeito que está aí, num país na dimensão do Brasil, com um currículo a nível nacional, onde a gente tem cinco regiões

grandes, cada uma com contextos diferentes e que se estuda lá no Amazonas seja o mesmo que estudamos aqui no Sertão de Pernambuco, no Sertão nordestino (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019).

Assim sendo, levantar o debate de questões que não estão no currículo oficial escolar, mas que são essenciais para a preservação e convivência das novas gerações com o Semiárido, é de vital importância, pois, “assim como a vida é maior do que a *forma*, a *educação* é maior do que o *controle formal* sobre a educação” (BRANDÃO, 2013a, p. 108, grifo do autor). Por isso, os educadores populares têm feito parcerias com a educação formal promovida pelas escolas públicas e proposto temas para despertar a consciência e o sentimento de responsabilidade, identidade e autonomia sobre a realidade da sociedade em que se vive, os estudantes “têm autonomia para se expressar e falar o que achar mais pertinente sobre o tema trabalhado”, afirma coordenador pedagógico B (CPB, ENTREVISTA Nº 14, 09/04/2018).

Dessa forma, verificou-se que o NEPS consegue envolver as escolas na discussão dos eixos temáticos apresentados neste capítulo, apoderando-se de toda a riqueza, pouco explorada, das comunidades, tais como riquezas sociais, culturais e ambientais, levando os alunos a construir seus conhecimentos a partir da sua própria realidade.

4.2.11 A atuação social e educativa dos educadores populares nas comunidades

A Educação Popular desenvolvida pelo NEPS é acompanhada de ações concretas que têm mudado a vida do povo sertanejo. Pode-se citar, a título de exemplo, como ações efetivas do NEPS: a construção de milhares de cisternas, pelo Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC), para captação e armazenamento de água da chuva, tanto para consumo humano como de animais; os Quintais Produtivos; a tecnologia de reutilização de águas domésticas para serem utilizadas na forma de irrigação por gotejamento em pomares, pastagem para animais, palmas forrageiras para alimentação do rebanho de cada família em sua propriedade rural; o biodigestor, equipamento que utiliza insumos da própria área produtiva das famílias rurais, produz gás de cozinha a baixíssimo custo, adubo para as plantas e pastagens, e contribui para a preservação do meio ambiente, uma vez que o agricultor não precisará desmatar a caatinga para retirar lenha para preparar seu alimento.

“A Educação Popular já se incorporou na vida e na cultura do homem do Semiárido. Ela está no campo quando se fala de reuso hídrico, está na construção de cisternas, está no não uso do agrotóxico, está na proteção do roçado para evitar erosão” (CN, OBSERVAÇÃO Nº 02, 08/03/2018).

No que concerne aos Quintais Produtivos, partindo da premissa do associativismo, algo muito forte na Região, o NEPS deu início no ano de 2002 a seu projeto de hortas comunitárias e familiares, fortalecendo os agricultores rurais dos municípios de Dormentes e Afrânio. A princípio as hortas eram coletivas, porém os canteiros individuais. Foi uma iniciativa barata que garantia comida de qualidade para as famílias e o excedente era vendido nos supermercados das duas cidades. Assim, eram produzidas verduras, frutas e plantas medicinais. No ano de 2005, este projeto já atendia cerca de 60 (sessenta) famílias.

Por conseguinte, em 2006 o NEPS recebe o apoio da ASA, e o formato do Projeto ganha outra dimensão. Assim, o modelo de produção comunitária, apesar de estar dando resultados, estava afastando o pequeno produtor de sua propriedade, o que poderia quebrar o vínculo forte com seu principal meio de produção e renda. Dessa forma, o NEPS, em parceria com a ASA, passou a incentivar e transformar os quintais das propriedades em áreas de produção e renda. Os encontros para troca de experiências e fortalecimento dos conhecimentos técnicos aconteciam mensalmente nas associações comunitárias de cada localidade e nos próprios Quintais produtivos.

Sequência Fotográfica 18 – Aula de campo de Educação Popular e Comercialização de produtos de quintais produtivos em feira agroecológica



Fonte: arquivo do NEPS, 2017.

Estas trocas de experiências estão de acordo com o conceito de Educação Popular, definida por Brandão (1986, p. 26),

um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas – imersas ou não em outras práticas sociais, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua Educação Popular.

Outro aspecto positivo dos Quintais Produtivos é que eles se tornaram espaços pedagógicos para as crianças. Freire (1989) relata que foi no quintal de sua casa, no bairro de Casa Amarela, em Recife, que teve sua iniciação ao conhecimento de mundo. Ele descreve isto em “a importância do ato de ler”, onde ele contextualiza seu pensamento com o espaço geográfico e físico de sua infância.

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, Rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais doces à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avenças de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do Sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá -, nas danças das copas das árvores soprando pro fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre as cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto ... Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de suplicia ou de raiva; Joli, o velho cachorro negro de meu pai, seu mau humor toda vez que um dos gatos incautamente se aproximava demasiado do lugar em que se achava comendo e era – “estado” – desportivamente perseguiu, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó (FREIRE, 1989; pp. 12-13).

Nesta mesma lógica de Freire (1989), o Quintal Produtivo pode se tornar um local de aprendizagem excepcional, proporcionando às crianças da Zona Rural a possibilidade de conviver com animais e plantas da forma mais pedagógica e natural possível.

4.3 TRIANGULAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao findar o trabalho de campo, cabe ao pesquisador a responsabilidade de efetuar o tratamento dos dados (BOGDAN; BIKLEN, 1994), o que de início assusta, e de fato, foi a parte mais trabalhosa deste estudo.

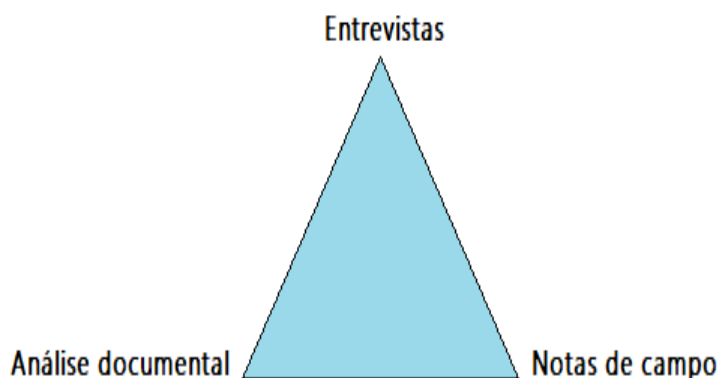
O primeiro passo após a coleta de dados foi classificar todo o material colhido durante a pesquisa em categorias similares (SPRADLEY, 1979; LAPASSADE, 1992; MACEDO, 2010), e, a partir de um olhar etnográfico, fazer a triangulação dos dados sempre levando em conta como os participantes se comportavam e se relacionavam.

Neste sentido, ter um olhar etnográfico analítico, segundo Spradley (1979), significa considerar os contextos sociais pesquisados, a fim de revelar como se estabelecem o que é primordial no momento da análise e compreensão dos dados recolhidos. Nesta ótica, utilizando-se do cruzamento de dados, mediante a triangulação, o propósito central é descobrir os paradigmas culturais existentes nos ambientes observados, relacionando-os com a fundamentação teórica usada na investigação.

No que se refere a triangulação numa pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, o pesquisador deve ter em mente o real sentido que ela representa para sua pesquisa. De acordo como Macedo (2010), a triangulação

[...] é um dispositivo ao qual o etnopsiquisador apela durante a construção de seu instrumental analítico para os diversos meios, as diferentes abordagens e fontes, visando compreender e explicar um dado fenômeno, utilizando uma autêntica abordagem multirreferencial [...] é um recurso sistêmico que dá valor de consistência às conclusões da pesquisa, pela pluralidade de referências e perspectivas representativas de uma dada realidade (p. 140-141).

Nesta perspectiva, a análise e a interpretação dos dados deste estudo realizaram-se por intermédio da triangulação, conforme figura a seguir.

Figura 2 – Triangulação dos dados da pesquisa

Fonte: o autor, 2019.

Assim, a triangulação dos dados coletados em campo permitiu ao pesquisador compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos atores da pesquisa envolvidos na Educação Popular, procurando encontrar respostas nítidas e precisas para as perguntas da investigação, conforme serão apresentadas a seguir.

4.3.1 Quais práticas pedagógicas são utilizadas pelo NEPS na Educação Popular?

A ferramenta pedagógica que possui maior destaque como estratégia utilizada pelo NEPS para se trabalhar a Educação Popular em suas práticas pedagógicas é o resgate e a valorização da própria cultura da comunidade local e nordestina, propiciando construção de conhecimento a partir “do cotidiano daqueles alunos, baseado no sensório, no afecto, no imediato e no concreto” (SOUSA, 2003, p. 122).

Neste sentido, a pesquisa verificou que o NEPS desenvolve suas práticas pedagógicas a partir da cultura e da realidade do dia a dia dos próprios educandos, permitindo que a cultura nordestina e a local seja valorizada e explorada como fonte de construção de conhecimento. De acordo com Giroux e Simon (1995), a cultura popular acha-se entranhada no cotidiano dos educandos e é ela que valida suas experiências, porém, frequentemente, ao invés de servir de suporte à produção de novos conhecimentos, ela “[...] é vista como o banal e o insignificante da vida quotidiana e, geralmente é uma forma de gosto popular considerada indigna de legitimação acadêmica ou alto prestígio social” (GIROUX *et.* SIMON, 1995, p. 97).

Trechos das entrevistas revelaram, quando os entrevistados foram questionados sobre a importância da cultura popular no processo de aprendizagem, nitidamente a preocupação dos

educadores populares em desenvolver nos educandos novas competências, habilidades e saberes apoiando-se em vivências culturais dos próprios educandos.

Eu vejo de forma muito positiva, porque podemos aproveitar o resgate e a valorização de culturas para trabalhar o estudante como um todo, de forma integral (PB, ENTREVISTA Nº 09, 06/04/2018).

Quando perdemos os nossos valores, perdemos também a nossa identidade. Não podemos deixar nossa identidade ser roubada por pessoas que querem nos fazer ser iguais a eles, até mesmo do nosso sotaque nordestino devemos nos orgulhar (EPS, ENTREVISTA Nº 16, 23/05/2019).

Eu acredito que o maior aprendizado que eu recebi foi o fato de realmente se trabalhar em parceria, em equipe, e poder aprender a colocar em prática aquilo que eu estava estudando em sala de aula (ED, ENTREVISTA Nº 07, 06/04/2018).

Assim, a Prática Pedagógica da Educação Popular de incluir a cultura popular no processo de aprendizagem aumenta nos educandos o interesse pelos temas trabalhados e a sua visão de mundo, conforme fala de diretora escolar, “a criança deverá fazer uma leitura não somente de letras, mas de mundo” (DE, ENTREVISTA Nº 05, 04/04/2018). Este pensamento pode ser confirmado por meio de trechos de um cordel de produção coletiva de estudantes, conforme figura 3.

FIGURA 3 – Fragmento de Cordel de autoria coletiva de estudantes.

Temos um bem precioso, que necessitamos para viver,
É a água que mata a sede, sem ela podemos morrer...
É a água que vem dos céus, que está nos rios e no mar,
Que surge em pequenas nascentes, pra nossa sede matar.

...

A água que hoje temos e que chega em nosso lar,
Mata a sede e nos banha, serve até pra cozinhar,
Mas o homem quando desmata, faz essa fonte secar,
Só vai valorizar esse bem, no dia que acabar.

Saiu o semeador a semear.
Semeou o dia todo,
E a noite o apanhou ainda
Com as mãos cheias de sementes.
Ele semeava tranquilo
Sem pensar na colheita
Porque muito tinha colhido
Do que outros semearam.

Jovem, seja você esse semeador
Semeia com otimismo
Semeia com idealismo
As sementes vivas
Da paz e da justiça

...

O desperdício é muito grande, bem como a poluição,
A água que desperdiçamos, está faltando no sertão.
Todo dia precisamos dela, mas dela não sabemos cuidar,
Essa água tão preciosa, um dia pode faltar...

Fonte: Observação nº 06, 2018.

Com base na análise dos dados colhidos no decorrer da pesquisa em campo, foram identificados dois contextos diferentes de práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Popular: no primeiro, as atividades são desenvolvidas pelo NEPS diretamente nas comunidades, trabalhando temas geradores e demandas locais por meio de oficinas, seminários, rodas de conversas, formações, cursos e ações concretas e, nestes momentos, não há grandes sinais de inovação em relação às Práticas Pedagógicas; no segundo contexto, o NEPS firma parceria com outras instituições, a exemplo de escolas, e apenas orienta as atividades e organiza um momento de culminância e socialização de todo o conhecimento construído, neste caso, os educandos assumem o processo de aprendizagem com acompanhamento de educadores.

Neste segundo contexto, onde este estudo se deteve com maior ênfase, os educadores populares coordenam o processo de ensino aprendizagem em parceria com instituições da sociedade civil e com escolas de ensino regular de Educação Básica, sendo os educandos protagonistas na construção do conhecimento e na discussão de problemas sociais de grande relevância para a sociedade local. Assim, ficou evidente a forma diferenciada das práticas pedagógicas de educadores e educandos, dando sinais que apontam para Inovação Pedagógica, onde se articula o saber popular e o científico, sendo o ator principal o próprio educando, a partir de sua realidade, conforme anotações em diário de campo pelo pesquisador.

A resposta daquela estudante me fez refletir como uma simples música pôde trazer tanto enriquecimento para o processo de aprendizagem. Aquele grupo havia desenvolvido seu senso crítico diante de um problema social e político muito sério para a Região Nordeste, e isto, com autonomia e criatividade para apresentar a problemática de forma dançada e coreografada, para chamar a atenção da comunidade para a questão da água como moeda de troca de voto no Sertão (C.O., OBSERVAÇÃO Nº 04, 03/04/2018).

Assim, de acordo com o comentário do observador apresentado acima, esta segunda situação acontece em circunstâncias em que os educadores incorporaram apenas uma posição de orientador nas atividades de aprendizagem e de produção dos trabalhos pedagógicos propostos.

Desta forma, durante a pesquisa de campo, o pesquisador presenciou momentos em que os educandos assumiram a dianteira da própria construção da aprendizagem, por meio de atividades que valorizavam o trabalho em grupo, a investigação, a pesquisa, a construção e concretização do que eles haviam planejado, a partir das suas vivências cotidianas e prezando seus valores e sua cultura.

No entanto, o que caracteriza a cultura popular? Segundo Arantes (2012, p. 55), “é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação, como de transformação social”. Assim, conforme Gullar (1965, p. 84), “cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária, um tipo de ação sobre a realidade social”. Diante disso, as situações observadas neste segundo contexto corroboram como indícios de Inovação Pedagógica.

4.3.2 A Educação Popular contribui significativamente para a aprendizagem dos educandos?

Diante das crescentes exigências que a sociedade pós-moderna vem impondo, gerando necessidades de se qualificar pessoas para nela atuar, é incontestável que os espaços escolares tradicionais não estão preparando seus educandos para esta nova realidade social. Por isso, torna-se urgente uma remodelação da forma de se fazer educação, uma inadiável mudança nas práticas pedagógicas onde os educandos sejam o centro cardeal de todas as suas ações (Fino, 2011a), e a aprendizagem seja a consequência das relações sociais das pessoas com seus iguais.

[...] à manipulação de coisas concretas e à construção de artefactos que, podendo ser externalizados, podem ser igualmente partilháveis e ficarem ao alcance do escrutínio metacognitivo feito pelo outro. [...] Construção, portanto. Construção partilhada. Construção em colaboração com o outro (FINO, 2011a, p. 51).

Neste sentido, considerando o fato da Educação Popular construir o conhecimento a partir de ações concretas e compartilhadas, conforme observadas durante o trabalho de campo desta pesquisa, verificou-se que, no contexto pesquisado, as atividades de aprendizagens eram desenvolvidas de forma dinâmica e prazerosa, estando o aluno no centro do processo, com notoriedade para produções com utilização e valorização das manifestações culturais populares locais, conforme depoimento de estudante B: “eu acho que dessa forma a gente aprende mais, é prazeroso, a gente acaba se envolvendo mais” (EB, ENTREVISTA Nº 02, 03/04/2018).

Assim, é neste sentido que Papert (2008) defende a ideia que o aprendiz deve conduzir seu próprio aprendizado e que o professor, na maioria das vezes, priva o aprendiz da oportunidade da descoberta por meio do próprio ato de ensinar. Nesta perspectiva, segundo Papert (2008 p. 135), “as crianças farão melhor descobrindo (‘pescando’) por si mesmas o conhecimento específico de que precisam”.

Assim sendo, o processo de aprendizagem significativa e construção de novos conhecimentos resulta de práticas pedagógicas que respeitam os saberes que os educandos já possuem, contextualizando-os e partindo da realidade vividas por eles, usando, valorizando e

resgatando manifestações culturais que reforçam suas identidades e que conscientizem estes educandos a intervir na sua realidade e não abrir mão de conduzir seu próprio processo histórico de vida.

Durante a pesquisa de campo, outro aspecto importante observado na Educação Popular promovida pelo NEPS foi a maneira como o conhecimento era compartilhado e socializado entre educadores, educandos e a sociedade. Lave (1988;1993) apud Fino (1998), destaca o papel da negociação social do conhecimento, que é a forma na qual os educandos socializam o conhecimento com outros indivíduos e com a sociedade, permitindo que o conhecimento seja testado, pois, “tão importante quanto construir o conhecimento é partilhar esse conhecimento com outros educandos e com a comunidade” (C.O., OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 07, 07/04/2018).

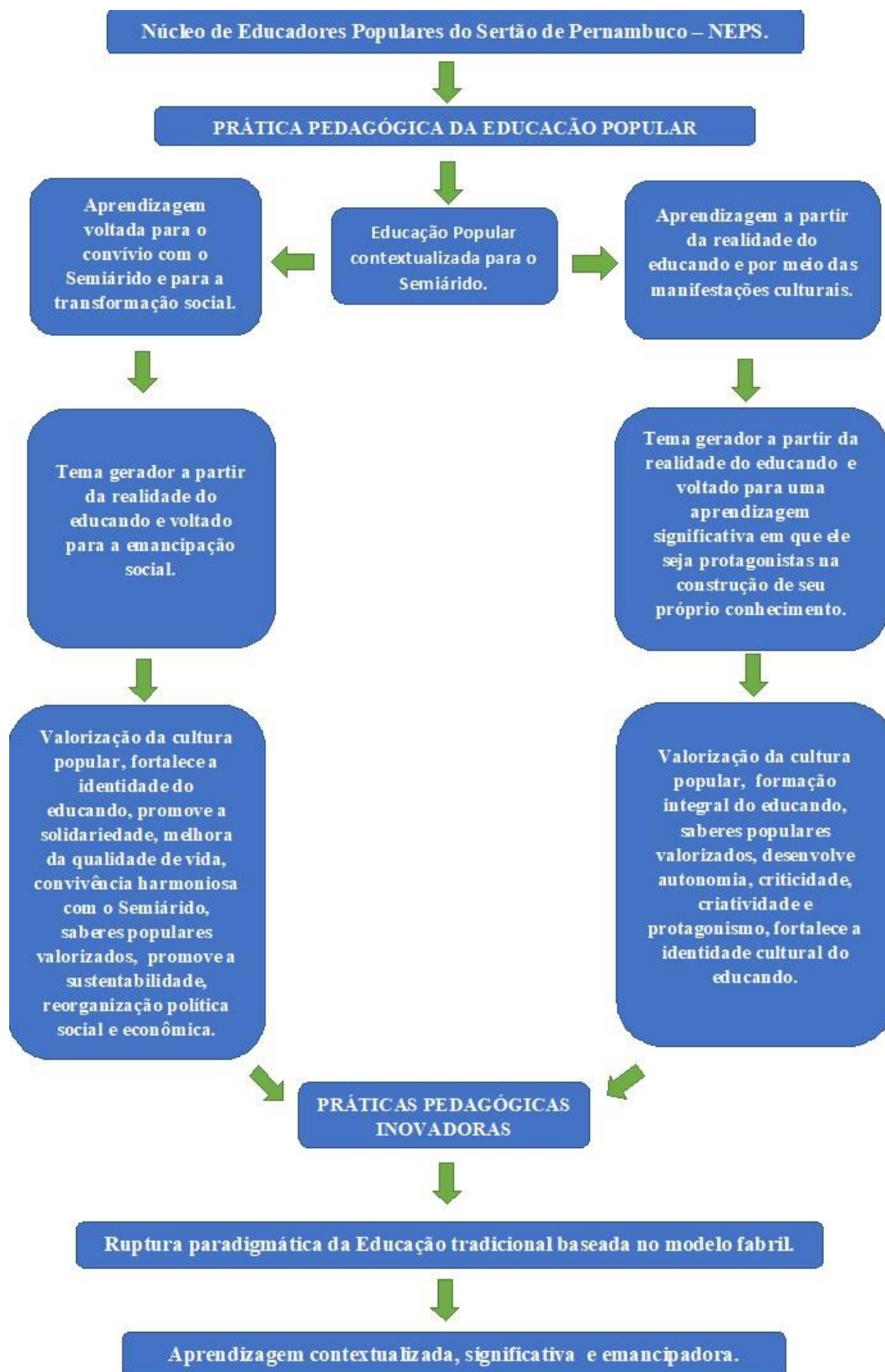
Fotografia 19 – Estudantes compartilhando aprendizagens com a comunidade por meio de manifestação cultural



Fonte: o autor, 2018.

Logo, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores populares têm viabilizado novo contexto de aprendizagem significativa, com indícios de Inovação Pedagógica, pois têm provocado rupturas paradigmáticas à proporção que expande seu campo de atuação e suas parcerias firmadas, conforme apresentado no esquema simples e resumido da figura a seguir:

Figura 4 – Esquema de práticas pedagógicas de educadores populares do Sertão de Pernambuco



Fonte: o autor, 2019.

Portanto, após minuciosa análise das práticas pedagógicas da Educação Popular, pôde-se compreendê-las e verificar que elas são de fato inovadoras, por valorizarem as manifestações culturais dos educandos, seus saberes prévios, sua identidade, sua autonomia, sua criticidade e sua criatividade, contextualizando a construção do conhecimento a partir da realidade local num ambiente rico em nutrientes cognitivos, propiciando uma aprendizagem significativa. Por esta razão, tais práticas pedagógicas se configuram como inovadoras.

4.3.3 Em que medida a Educação Popular (educação não formal) pode originar práticas pedagógicas inovadoras?

Está arraigada na grande maioria das pessoas a ideia de que educação acontece somente na escola e que esta é a única responsável por transmitir o conhecimento, ou seja, que “a escola deve preparar para a vida’ e todo o conhecimento envolvido nessa preparação está dentro dos muros da escola” (FINO, 2011a, p. 47).

A pesquisa de campo permitiu compreender, por meio das observações e entrevistas, como a Educação Popular se aproxima e se distancia ao mesmo tempo da educação formal da rede regular de ensino de Dormentes. Segundo professor D, que havia levado seus estudantes para aula de campo para conhecer o reuso de água, uma das ações do NEPS, essas parcerias fortalecem a aprendizagem:

I: Quais benefícios a senhora acredita que essa aula de campo trouxe para os alunos ao integrarem conhecimento formal com essa aula prática, conhecimento não formal desenvolvido pelo NEPS?

PD: Eu acredito assim, foi muito importante eles conhecerem esse projeto de reaproveitamento de água, e, também, a gente conversou antes, teve momento de palestra para falar de outros métodos de reaproveitamento de água, de economia de água, este bem tão precioso e tão escasso para nós. Eu acredito que foi suficiente para eles repensarem suas atitudes em relação à questão de eles economizarem água (ENTREVISTA Nº 12, 02/05/2018).

Neste sentido, diferentemente da sala de aula tradicional, esses espaços proporcionam uma realidade contextualizada e apresentam os conceitos e informações de uma forma diferente, aplicados na vida real. Neles, o conteúdo visto em sala de aula pode ser desenvolvido, ampliado, aprofundado, de forma prática, dinâmica e interativa por meio de percepção visual, de sensações táteis e outros sentidos, deixando os alunos mais dispostos a aprender, favorecendo assim, a compreensão do conteúdo, do aprendizado e a construção do conhecimento, ou seja, o aluno deixa o campo das ideias e parte para o concreto, assimilando melhor os conteúdos curriculares.

Nesta lógica, a pesquisa mostrou que o formal e o não formal passaram a ser vistos apenas com uma tênue linha divisória entre ambos. Sobre a questão do escolar e não escolar, Streck refere por exemplo, “a prática da Educação Popular que tem todas as características da formalidade, inclusive com o conhecimento oficial, e práticas escolares ou acadêmicas que usam processos não formais ou informais como estratégia pedagógica”, Streck (2013, p. 358). Outra diferenciação que está desaparecendo é no que diz respeito aos conhecimentos práticos populares e os conhecimentos acadêmicos estruturados pela ciência; hoje, as ações do NEPS com a Educação Popular permitem que ambos caminhem lado a lado sem um anular o outro.

Assim, educação formal e não formal ao se aproximarem e inter-relacionarem-se propiciam, por meio da Educação Popular, um novo contexto de aprendizagem rico em nutrientes cognitivos que se aproxima da realidade dos estudantes. Nesta mesma linha de raciocínio, quando feita a mesma pergunta à ex-secretária de Educação do Município de Dormentes, uma professora da educação infantil, o investigador obteve a seguinte resposta:

A educação não deve acontecer somente entre quatro paredes, onde apenas o professor cumpre seu planejamento, o plano disciplinar, onde o professor cumpre apenas os conteúdos. Essa integração faz as escolas abrirem suas portas, buscar novos horizontes e novos conhecimentos, inclusive, levando em conta a realidade do aluno (PE, ENTREVISTA Nº 16, 06/05/2019).

Neste contexto, de acordo com Piaget (2010), o indivíduo possui uma necessidade de se relacionar com o meio social e com a realidade à sua volta por meio do diálogo e pela troca de experiências, de forma ativa e intensa, a ponto de lhes possibilitar construir bons vínculos com todos com quem convive e se relaciona. “Outro ponto importante é o intercâmbio de escolas, são várias escolas falando do mesmo tema, com os mais diversos tipos de apresentações culturais, vários pontos de vistas, isso enriquece muito nossa aprendizagem”, ressaltou estudante D (ED, ENTREVISTA Nº 07, 06/04/2018).

Neste sentido, possibilitar um ambiente favoravelmente rico para aprendizagem significativa permite ao educando uma abertura para o diálogo e a troca de experiências, onde ele pode expressar livremente suas dúvidas, seus questionamentos, suas opiniões e pontos de vista em relação a um determinado tema. Assim sendo, o educando aprende com motivação e se propõe desenvolver suas atividades de aprendizagem de forma focada e mais enérgica, subsidiando enormemente a construção do seu próprio conhecimento.

Outro fator também importante nesse processo de aprendizagem é dar ao educando a possibilidade de exercer sua criatividade, autonomia e criticidade diante de uma atividade pedagógica a ele proposta, motivando-o a explorar plenamente suas potencialidades.

Na verdade, numa prática pedagógica em que se pretenda considerá-la inovadora, é preciso identificar no educador uma postura de agente propiciador de trabalhos que valorizem e promovam a autonomia do educando, haja vista que, de acordo com Fino (2011a, p. 49), “não existe transmissão de conhecimento: com sorte, talvez o professor possa fornecer informação (ou indicar onde ela se encontra), que possa ser usada pelos alunos no seu processo autônomo de construção”.

Neste sentido, para Papert (2008), que corrobora com o pensamento de Fino (2011a) expresso acima, a função do educador diante de seus educandos deve ser a de proporcionar um ambiente de aprendizagem saturado de nutrientes cognitivos, como também munir os de ferramentas que os permitam explorar esse ambiente, e, a partir daí, construir seu próprio conhecimento.

Nesta mesma linha de pensamento, Freire (1996b, p. 27) reitera que “o papel do docente não seria de transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Assim sendo, a incumbência do educador não se resume somente a acompanhar, orientar e apoiar o educando, mas lhe dar autonomia em seu processo de aprendizagem e construção de sua gnose.

Portanto, fica evidente que a prática pedagógica desenvolvida pelos educadores populares do Sertão de Pernambuco, grupo pesquisado neste trabalho, proporciona a autonomia, a criticidade, a criatividade e a partilha dos saberes populares já construídos entre seus educandos, proporcionando a solidariedade mútua em busca de mudança da sua realidade para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por isso, ela pode ser considerada inovadora, tendo em vista que “a inovação tem a ver, fundamentalmente, com as mudanças nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico face às práticas pedagógicas tradicionais” (FINO, 2008b, p. 3).

4.3.4 De que modo práticas pedagógicas não tradicionais desenvolvidas entre educadores e educandos originam uma ruptura paradigmática?

Baseando-se nas análises feitas anteriormente, ficou evidente que a educação não formal desenvolvida no ambiente pesquisado pelos educadores populares, numa concepção construcionista, se diferencia da maneira como a educação se desenvolve tradicionalmente numa sala de aula de ensino formal, com efeitos diretos na aprendizagem dos educandos. Assim, “a Educação Popular ultrapassa a questão da cultura, da aprendizagem em si, ultrapassa a sala de aula” (CN, ENTREVISTA Nº 13, 02/05/2019), acrescenta o coordenador do NEPS durante entrevista.

Aquilo que as escolas não conseguem trabalhar, que ultrapassa seus limites, nós trabalhamos por meio dos Festivais, por meio dos Terreiros Culturais, e outras ações de Educação Popular, então, vamos ao encontro dos alunos, da juventude, dentro e fora da sala de aula (CN, ENTREVISTA Nº 13, 02/05/2019).

Neste contexto, após observações e análises por meio desta investigação, constatou-se que as relações entre educadores e educandos contribuem significativamente para a construção sistemática do conhecimento, conforme fala de professor B: “eu vejo de forma muito positiva, porque podemos aproveitar o resgate e a valorização de culturas para trabalhar o estudante como um todo, de forma integral”, acrescentando: “eles podem opinar no que fazer quando eles fazem uma apresentação, nós não damos apresentação pronta. É por meio destas produções que eles desenvolvem a criatividade, a criticidade e a autonomia” (PB, ENTREVISTA Nº 09, 06/04/2018).

Assim, por valorizar as manifestações culturais e, a partir delas, considerar a realidade cotidiana vivida por seus educandos e os saberes populares locais, estimulando a autonomia, a criticidade e a criatividade, os educadores viabilizam a efetivação de uma educação que tem transformado a vida de grande parte da população do Sertão de Pernambuco, conduzindo-os para uma nova realidade social e econômica.

Desta forma, criam-se práticas pedagógicas e situações de aprendizagens novas, rompendo com o velho e tradicional modelo educacional fabril, pois o educando torna-se aqui o protagonista, senhor de sua própria aprendizagem e acomodando novos conhecimentos que lhe fazem realmente sentido e que, respeitando seus saberes individuais pré-existentes, o conduzem a uma formação integral e interdimensional, conforme identificado na fala de coordenadora pedagógica B, ao se referir aos temas abordados pela Educação Popular em parceria com as escolas.

Embora eles estejam ligados a uma educação não formal, estão intimamente associados à nossa filosofia de educação integral de nossos alunos, eles estão ligados a formação de nossos alunos na questão do compromisso, na questão da cidadania e na questão da corresponsabilidade diante do mundo e da realidade local (CPB, ENTREVISTA Nº 11, 09/04/2018).

Na perspectiva do educando, a relevância de ele ter autonomia na tomada de decisões, durante seu processo de aprendizagem, se reproduz num fator muito importante para a aprendizagem: a motivação. Neste sentido, as observações e entrevistas mostraram que o educador assume o papel de facilitador, orientador, mediador, pesquisador, aprendendo junto com o educando à medida que exerce sua docência.

Como o ponto de partida é a realidade deles, do que eles já conhecem, o interesse e a motivação deles é bem maior. Assim, pela familiaridade com os temas, há uma aceitação muito grande por parte dos estudantes, por isso, a gente vê a importância do saber popular, da educação não formal, pois, a partir daí, eles estão aprendendo português, matemática, biologia, etc., estão aprendendo as coisas, que muitas vezes não estão lá explícitas, de forma sistemática, como nos outros conteúdos curriculares, mas há um aprendizado (CPB, ENTREVISTA Nº 11, 09/04/2018).

Durante a pesquisa de campo, pôde-se notar que não havia uma relação vertical entre educador e educando, mas uma relação de respeito e cooperação recíproca, patenteando a concepção de que o educando não é apenas um receptor de conhecimentos e seu educador o depositário, mas que ambos vão construindo o conhecimento juntos, numa parceria cheia de amorosidade, “Assim, às vezes, o professor contribui, lógico, o professor ajuda, mas as produções surgem dos alunos”, afirma professor B (PB, ENTREVISTA Nº 09, 06/04/2018).

No entanto, não há educação neutra, não há uma pedagogia pura, defende Brandão (2013b, p. 23), pois “quem dá a palavra dá o tema, quem dá o tema dirige o pensamento, quem dirige o pensamento pode ter o poder de guiar a consciência”. Logo, toda educação tem em si uma intenção política. Nesse contexto, Freire (1996b) defende que a educação não é, e nunca será neutra, porque ela sempre estará a serviço de uma ideologia. A Educação Popular é compreendida como uma fonte de produção de conhecimento completamente carregada de intencionalidade. Para Paulo Freire (1996b), a educação tem um cunho político e libertador.

É na diretividade da educação, esta vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de endereçar-se até sonhos, ideais, utopias e objetivos, que se acha o que venho chamando de politicidade da educação. A qualidade de ser política, inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação. [...]. A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política [...] (FREIRE, 1996b, p. 110).

Portanto, a importância do educador no processo de aprendizagem e no exercício de sua prática pedagógica, como observado durante a pesquisa de campo, parte do princípio de que ele

não impõe suas opiniões pré-estabelecidas, seus conceitos e visão de mundo, mas cria um ambiente em que o próprio educando, cheio de curiosidades e ansiando se apropriar do que lhe é desconhecido, vá “descortinando os mistérios” da vida e do mundo à sua volta. Para o educador, os educandos devem “ser treinados para sobreviverem num mundo em acelerada transformação como aprendizes autônomos ao longo da vida” (FINO, 2011a, p. 50). Logo, verificou-se na prática pedagógica da Educação Popular certo empenho incansável de se efetivar uma ruptura paradigmática da forma tradicional de se fazer Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender “o outro” e avaliar o cerne desta pesquisa numa perspectiva etnográfica, a qual detém-se em “como se faz” ou “por que se faz”, sempre primando pela interpretação em oposição à mera mensuração e verificações de números, pela descoberta ao invés da simples comprovação (ANDRÉ, 2012), e até mesmo por uma leitura qualitativa no lugar de uma interpretação quantitativa (SABIRON-SIERRA, 2011), “a etnografia aqui é entendida como uma prática descritiva, cultural, sensível e aprendente”, conforme Macedo (2012, p. 77).

Considerando as características típicas da pesquisa etnográfica, buscou-se compreender a cultura dos participantes do estudo em seu próprio ambiente natural, analisando seus comportamentos, atitudes, motivações, interesses, emoções, interações e manifestações culturais dos atores sociais da pesquisa. Assim sendo, o investigador fez uso do Diário de Campo para suas observações participantes, entrevistas e análises documentais, sempre procurando colher o máximo de informações referentes às práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto da pesquisa.

Durante a investigação verificou-se que as Práticas Pedagógicas da Educação Popular proporcionam uma aprendizagem diferenciada que possibilita quebrar os padrões estabelecidos na sala de aula tradicional, patrocinando motivação, autoestima, autonomia, criatividade, criticidade, protagonismo e emancipação aos educandos, num ambiente rico em aprendizagem contextualizada e significativa.

Assim, este estudo procurou responder aos seguintes questionamentos: quais práticas pedagógicas são utilizadas pelo NEPS na Educação Popular?; a Educação Popular contribui significativamente para a aprendizagem dos educandos?; em que medida a Educação Popular (Educação não formal) pode originar práticas pedagógicas inovadoras?; de que modo práticas pedagógicas não tradicionais desenvolvidas entre educadores e educandos podem originar uma ruptura paradigmática?

Considerando tais questões, verificou-se por meio das observações, descrições e análises dos dados colhidos em campo durante a pesquisa, que as práticas pedagógicas desenvolvidas por meio de ações dos educadores populares, criam situações de aprendizagens que indiciam inovação pedagógica, tendo em vista que, em analogia com as práticas

pedagógicas da educação formal vivenciadas nas escolas da região pesquisada, se criam novos contextos de aprendizagem.

Neste sentido, as práticas pedagógicas desenvolvidas por educadores populares e educandos se distanciam largamente do tradicional, sobretudo na valorização do saber popular e das manifestações culturais, na promoção de uma educação contextualizada com a realidade dos educandos, pelas transformações sociais proporcionadas na vida das comunidades e, até mesmo, pelo próprio processo de aprendizagem. Portanto, tais práticas se revestem de traços de Inovação Pedagógica se comparadas com as práticas pedagógicas vivenciadas nas salas de aulas tradicionais.

Isto ficou evidente quando o investigador imergiu no grupo pesquisado por meio da observação participante e das entrevistas semiestruturadas. Ele pôde vivenciar e entender nitidamente a distância abismal entre as práticas pedagógicas tradicionais da escola e as práticas pedagógicas diferenciadas dos educadores populares. As práticas pedagógicas tradicionais se encerram em si mesma, obedientes a um currículo rígido e descontextualizado da realidade de seus estudantes, vivenciadas por meio de processos pedagógicos pré-estabelecidos que não valorizam a identidade do aluno, muito menos desperta a criatividade, a autonomia e a criticidade no cidadão que está sendo formado.

Por outro lado, as práticas pedagógicas da Educação Popular permitem que o educando desenvolva sua autonomia, não como algo pontual, mas como resultado de um constante “vir a ser” num processo dialético e subjetivo de crescimento pessoal, no convívio coletivo e reflexivo, numa constante reconstrução da visão de mundo, conforme defendida por Freire (1996b). Assim, a pesquisa mostrou que os educandos desenvolvem a faculdade e o desejo de conhecer e se envolver com o que se aprende e, a partir de uma realidade crítica, de se indignar. Neste sentido, a Educação Popular envolve propósito intimamente ligado a um projeto emancipador, com práticas pedagógicas que aguçam o pensamento e a subjetividade crítica e rebelde diante do mundo, para que então, os problemas que limitam a ordem social e o potencial humano, que os desafiam e os condicionam, sejam superados.

Por meio da técnica da triangulação, pôde-se comparar todas as informações adquiridas por meio das entrevistas semiestruturadas, das observações participantes e das análises documentais, e perceber que há coerência e exatidão no cruzamento das informações.

Neste sentido, pode-se citar como exemplo, as atividades de intervenção pedagógica para convivência com o clima Semiárido ao mesmo tempo que valoriza e utiliza como instrumento pedagógico as manifestações culturais e os saberes populares, partindo sempre da realidade das comunidades sertanejas.

Pôde-se ainda verificar por meio das observações, durante as atividades dos projetos do NEPS, que a Inovação Pedagógica pode surgir também na escola tradicional, embora seja mais improvável presenciar uma ruptura de paradigma na escola atual, visto que está engessada pelo sistema de ensino que lhe dá pouca ou nenhuma abertura para a inovação, necessitando que os “educadores rebeldes” se levantem mesmo no meio da enraizada cultura educacional tradicional contemporânea para desencadear tal ruptura paradigmática, a ponto de provocar uma “reorganização de todo o sistema anterior” (SOUSA; FINO, 2001. p. 1).

Um fator importante observado na Educação Popular promovida pelo NEPS é que o aprendizado está sempre ligado a uma prática ou vice-versa, sendo o que o educador Paulo Freire (1996a) chamou de práxis, ou seja, a existência passa a ser compreendida a partir da relação entre subjetividade e objetividade. Assim, as atividades do NEPS estão fortemente ligadas à Educação Popular de base Freireana, com valorização e preservação das manifestações culturais tradicionais do Sertão nordestino. Mesmo assim, pode-se ver o conceito de Inovação Pedagógica presente em suas práticas, mostrando, neste contexto, que inovação não é necessariamente uma substituição do que já existe, porém que o novo pode conviver ao lado do antigo e tradicional.

Visto que, apesar de as manifestações culturais populares constituírem tradição de um povo, elas podem ser utilizadas, porém, como ferramentas para dinamizar o processo de aprendizagem a partir da realidade, contextualizando os temas de relevância social trabalhados, além de valorizar a identidade de um grupo social com todos os seus saberes e valores já construídos ao longo de gerações. Por conseguinte, na construção de novos conhecimentos, os educandos são protagonistas e atores que agem em cooperação constante com seus pares por uma educação libertadora e emancipadora.

Por outro lado, foi observado que, a despeito de a Educação Popular suscitar a ruptura paradigmática instrucionista, a Inovação Pedagógica não requer necessariamente supressão do ensino, mas, de acordo com Papert (2008), a possibilidade de reduzi-lo ao mínimo possível, porém alcançando-se o máximo de aprendizagem, como visto durante observações nas

vivências dos projetos: Festival das Águas, Puxada do Bode e Terreiro Cultural. Nestes projetos evidenciou-se quebra de paradigma ao criarem-se novos contextos de aprendizagem por meio de parcerias harmônicas entre a educação não formal promovida pelos educadores populares e a educação formal promovida na sala de aula convencional pelas escolas da rede pública, partindo da realidade dos educandos e utilizando as manifestações culturais como base para sua formação integral.

Neste sentido, tais projetos contextualizam as aprendizagens levando-as para além dos muros da escola, pois discutem temas de relevância social e em conjunto com as comunidades, apontando soluções para os problemas que lhes são comuns. Assim, a aprendizagem passa a ter um propósito claro e objetivo, de forma mais dinâmica e com uma natureza real, proporcionando encontrar coletiva e solidariamente respostas às demandas do dia-a-dia dos educandos e da própria comunidade.

Portanto, pode-se concluir que, por meio das práticas pedagógicas da Educação Popular do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS), se estabelece um novo contexto de aprendizagem que indica a presença de Inovação Pedagógica, visto que a Inovação Pedagógica não deve pautar-se unicamente no processo cognitivo do desenvolvimento humano, mas, físico, intelectual, psicológico, cultural, social e moral, ou seja, deve proporcionar o desenvolvimento integral do estudante em sua multidimensionalidade, considerando o estudante como um ser indiviso, dotado de inteligências múltiplas e diferentes habilidades. Desta forma, tendo como “pano de fundo” as culturas escolares tradicionais, Inovação Pedagógica implica em ruptura de práticas e rotinas que caracterizam tais culturas. A Inovação Pedagógica cria novos contextos de aprendizagem, incomuns, como alternativa aos contextos de educação do paradigma conservador ou fabril.

Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos com fundo as culturas escolares tradicionais. E abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhos conformados com a tradição. Para olhos assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir *inovação pedagógica*, e tornar a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao muitas vezes inesperado. Aliás, se inovação não fosse heterodoxa, não era inovação (FINO, 2008b, p. 2, grifo do autor).

Nesta perspectiva, os educadores populares tem desencadeado uma ruptura paradigmática em seus próprios espaços educativos por meio de novas práticas pedagógicas e processos de aprendizagem que emancipam seus educandos. Paulo Freire (1996b, p. 47)

corroborar com esse pensamento ao afirmar que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Em vista disto, podem-se depreender outras conclusões que, por suas relevâncias valem ser referidas a seguir.

Em primeiro lugar, pode-se destacar a maneira como a Educação Popular tem transformado a maneira de viver no Semiárido nordestino, transformando a realidade de seus educandos por meio de Práticas Pedagógicas que valorizam a práxis educativa, onde teoria e prática são inseparáveis num ambiente de educação não formal de aprendizagem. Neste sentido, os educandos constroem e compartilham seus conhecimentos sem desprezar os saberes populares que já possuem, sempre acompanhados por seus educadores, que desempenham o papel de mediadores e que, talvez de forma não proposital, agem sobre a ZDP de seus educandos (VYGOTSKY, 1991), dando-lhes condições de produzirem novos conhecimentos e aprendizagens de forma significativa.

Em segundo lugar, pode-se destacar a maneira como é conduzido o processo de aprendizagem, em que os educandos desenvolvem a autonomia, a criticidade e criatividade, trabalhos em equipe e a solidariedade, sobressaindo o coletivo em detrimento do individualismo, ocorrendo o relacionamento com o educador de forma horizontal, sem autoritarismo. Assim sendo, o conhecimento é construído coletivamente valorizando o saber e a cultura popular do educando, independentemente do grau de dificuldade da atividade a ser desenvolvida.

Neste contexto, Papert (2008) clarifica esta ideia ao dizer que o desenvolvimento de uma rede de relacionamento permite aos educandos auxiliarem-se uns aos outros durante determinadas atividades, possibilitando a existência de “janelas de aprendizagem”. Neste sentido, cada educando possui a oportunidade de contribuir com um nível adequado de conhecimento. Assim, a forma como o NEPS desenvolve suas práticas pedagógicas, tem permitido que os educandos utilizem e valorizem seus saberes populares e suas manifestações culturais como contribuição para construção de novos conhecimentos a partir de vivências que estão além dos muros da escola e da sala de aula convencional.

Finalmente, o destaque é para as transformações sociais que os novos conhecimentos trazem para os educandos, mudando a realidade social, econômica, política e fortalecendo a

cultura e a identidade dos educandos por meio dos conhecimentos práticos por eles produzidos. Quando os alunos por meio do NEPS desenvolvem atividades que os levam a transpor os muros da escola e se apropriarem da realidade social e os conduzem a uma profunda reflexão, ao partilhar o conhecimento por uma negociação social do conhecimento no seio da sociedade, através de projetos como o Festival das Águas, a Puxada do Bode e o Terreiro Cultural, a aprendizagem torna-se contextualizada e significativa para todos.

Neste contexto, o professor é apenas um coadjuvante, cedendo espaço para o protagonismo dos educandos. Assim, para os educandos, partilhar o conhecimento é algo fundamental, uma vez que, conforme Vygotsky (1991), o conhecimento adquirido necessita ser validado por meio de uma negociação social, viabilizado a partir de algo concreto que possa ser partilhado com outros indivíduos, pois, conforme o autor, os fenômenos psicológicos se desenvolvem a princípio interpsicologicamente e em seguida intrapsicologicamente. Assim sendo, há necessidade de um certo tipo de validação externa do conhecimento produzido, que outras pessoas o reconheçam para que ele possa ser interiorizado.

Nesta concepção, mediante as observações em campo, as considerações teóricas e a análise dos dados colhidos no transcorrer desta investigação, apontam para práticas pedagógicas ancoradas na Inovação Pedagógica, por causar rupturas com antigos modelos e padrões de educação e por oportunizar aos educandos ampliar sua visão de mundo diante das exigências da sociedade contemporânea pós-moderna.

Logo, todas as reflexões oriundas desta investigação conduziram o investigador a vivenciar novas experiências que o fizeram enxergar a educação por outros prismas, conduzindo-o a um processo de crescimento pessoal e profissional. As vivências passadas durante a imersão da investigação em campo contribuíram não somente para sua formação profissional, mas ampliaram sua visão de mundo e a forma de conceber a educação e a cultura popular, como instrumentos de transformação e emancipação social para o povo oprimido do Sertão nordestino.

Diante disto, acredita-se oportuno que a Educação Popular, por transpor os muros da sala de aula e dos espaços escolares tradicionais, como forma de emancipar e libertar grupos sociais oprimidos, inspire outras investigações como forma de aprofundar o conhecimento deste segmento da educação.

Neste sentido, este trabalho abre uma via para que a Educação Popular seja explorada em outros estudos posteriores. Uma possibilidade seria o impacto da Educação Popular no Sertão de Pernambuco desenvolvida pelo NEPS. Outra possibilidade a ser sugerida é a importância das manifestações culturais para a preservação da identidade de grupos sociais e para promoção da Educação Popular.

Portanto, conclui-se este trabalho acreditando que ele irá contribuir para reflexões qualitativas de profissionais da Educação e estudiosos da área, que à semelhança deste pesquisador, procura proporcionar alternativas inovadoras nas suas práticas pedagógicas, passíveis de provocar rupturas com velhos paradigmas que hoje dominam a educação e a impedem de avançar em seu propósito de mudança e transformação social para emancipação e libertação dos indivíduos e de grupos sociais oprimidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e emancipação**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- AFONSO, Natércio. **Investigação naturalista em educação, um giro prático e crítico**. Porto: Asa, 2005.
- AGÊNCIA NACIONAL DAS ÁGUAS – ANA. SAR – **Sistema de acompanhamento de reservatórios**. Disponível em: <<http://sar.ana.gov.br/>>. Acessado em: 13 jun. 2018.
- ALVARENGA, Estelbina Miranda. **Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: normas e técnicas de apresentação de trabalhos científicos**. Tradução de Cesar Amarilhas. 2ª ed. Paraguaí, 2010.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia na prática escolar**. 18ª ed. Campinas: Papirus, 2012.
- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ARANTES. Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. (Coleção primeiros passos, 36). São Paulo: Brasiliense, 2012.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Pedagogia em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais?** Currículo sem fronteira, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 28-49, jan./jun. 2003.
- BALEEIRO, Leidjane Fernandes; FEITOSA, Débora Alves. Educação do Campo para convivência com o Semiárido: o caso da Escola Família Agrícola de Caculé-BA. In: **RESAB – Rede de Educação do Semiárido Brasileiro**. Convivência e educação do campo no Semiárido brasileiro. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3ª Ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin W; GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BEHRENS, Marilda Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza Thomé. A evolução dos Paradigmas na Educação: do pensamento científico tradicional a complexidade. **Revista Diálogo Educacional**. V 7n 22, pp. 53-66, set/dez 2007.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOGDAN, Robert; TAYLOR, Steven. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación: la búsqueda de significados**. 3ª ed. Barcelona: Paidós Básica, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção primeiros passos São Paulo: Brasiliense, 2013a.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. Coleção primeiros passos São Paulo: Brasiliense, 2013b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Zaia (org.). **A crise dos paradigmas e a educação** (Posfácio). São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n. 9.394/96. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acessado em: 13 jun. 2017.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

CARRILLO, Alfonso Torres. Educação popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STRECK, Danilo Romeu; ESTEBAN, Maria Teresa. **Educação popular**: Lugar de Construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, território e convivência**: novas territorialidades no Semiárido brasileiro. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

CARVALHO, Luzineide Dourado; REIS, Edmerson dos Santos. Educação contextualizada para convivência com o Semiárido brasileiro: fundamentos e práticas. In: **RESAB – Rede de Educação do Semiárido Brasileiro**. Convivência e educação do campo no Semiárido brasileiro. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2013.

CASTRO, F.C.; SANTOS, A.M. SUSCEPTIBILIDADE AMBIENTAL A SALINIZAÇÃO DAS TERRAS EM MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DE PETROLINA - PERNAMBUCO – BRASIL. Desertificação e implicações socioambientais: uma revisão de literatura. In: Semana Universitária da Universidade de Pernambuco. **Anais...** Petrolina: UPE, 2013. p.34-43. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 16, n. 56 Dez/2015 pp. 160-172. p. 162. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/29648/17545/0>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

CASTRO, Gerdi Ursula Drescher de. A escola do século XXI. **REI – Revista de Educação do Ideau**. v. 4, n. 9, pp. 1-18, Jul/dez., 2009. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/upload/artigos/art_29.pdf>. Acesso em: 04 set. 2017.

CORREIA, J. A. **Inovação Pedagógica e Formação de Professores**. Porto: Edições Asa, 1989.

COSTA, Lucinete Gadelha da. A pedagogia Freireana na formação dos educadores populares. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; CASTRO, Amanda Motta (org.). **Educação popular em Debate**. Jundiaí: Paco, 2017.

COUTINHO, Clara Pereira. **A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa**: questões relativas à fidelidade e validade. Educação Unisinos 12: pp. 5-15, janeiro/abril, 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.unisinos.br%2Findex.php%2Feducacao%2Farticle%2Fview%2F5291%2F2545&ei=7fKJVILyHYOgNtT6g9AO&usg=AFQjCNGbKgMRiPZ6Hn4ryRCwLE_dIGkuVw&sig2=Iw-KA7g7GfK0KDoV1nltgd>. Acesso em: 14 dez. 2017.

COX, Harvey. **A festa dos foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

DEMO, Pedro. **Ironias da educação**: mudanças e contos sobre mudança. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DORMENTES. **Localização de Dormentes em Pernambuco**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dormentes#/media/File:Brazil_Pernambuco_Dormentes.location_map.svg> Acesso em: 14 jan. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo Livros, 2013.

FERREIRA, Helena Perpetua de Aguiar; MEDEIROS, Normândia de Farias Mesquita. As Práticas pedagógicas nos espaços não escolares: contextos, sujeitos e aprendizagens. In: **VI Colóquio Internacional**. Educação e contemporaneidade. São Cristóvão: <http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/22.pdf>. Acesso em 5 jun. 2017. Acesso em 5 jun. 2018.

FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, Christine; VERISSIMO, Nelson (org.). **Educação e cultura**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008b. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FINO, Carlos Nogueira. **Demolir os muros da fábrica de ensinar**. *Humanae*, v.1, n.4, p.45-54, ago. 2011a. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/>>. Acesso em 5 jun. 2017.

FINO, Carlos Nogueira. FAQs, a etnografia e observação participante. In **SEE - Revista Europeia de Prática da Educação**, nº 3, pp 95-105, 2003. Disponível em: <http://www3.uma.pt/Carlos_fino/publicacoes/20.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

FINO, Carlos Nogueira. Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento. In: Fino, Carlos Nogueira. **Etnografia da Educação**. Funchal: Universidade da Madeira CIEUMa, 2011b, pp 99-118. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/>>. Acesso em 5 jun. 2017.

FINO, Carlos Nogueira. Inovação Pedagógica: Significado e campo (de investigação). In Alice Mendonça & António V. Bento (Orgs.). **Educação em Tempo de Mudança**. Funchal: Grafimadeira, pp. 277-287, 2008a. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/>>. Acesso: em 5 jun. 2017.

FINO, Carlos Nogueira. **Novas tecnologias, cognição e cultura**: um estudo no primeiro ciclo do ensino básico (tese de doutorado, Universidade de Lisboa, 2000). Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosino/publicacoes/Tese_Carlos_Nogueira_Fino.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2016.

FINO, Carlos Nogueira. O Futuro da Escola é o futuro. In A. Mendonça (Ed.) **O Futuro da Escola Pública** (pp. 63-71). Funchal: Universidade da Madeira - CIE-Uma, 2013. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>>. Acesso: em 5 jun. 2017.

FINO, Carlos Nogueira. **Teses e dissertações em inovação pedagógica**: uma checklist (V. 1.0). (texto em elaboração, a pensar em orientadores e orientandos). Universidade da Madeira, 2014.

FINO, Carlos Nogueira. Um novo paradigma (para a escola). Precisa-se. In FORUMa- **Jornal do Grupo de Estudos Clássico da Universidade da Madeira** 1, 2, 2001, pág. 1-4. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/>>. Acesso: em 5 jun. 2017.

FINO, Carlos Nogueira. **Um software educativo que suporte uma construção de conhecimento em interação (com pares e professor)**. In: Actas do 3º Simpósio de Investigação e Desenvolvimento de *Software* Educativo. Évora: Universidade de Évora, 1998. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/softedu.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FRANCO, Maria Amélia S. Para um currículo de formação de pedagogos: indicativos. In: PIMENTA, Selma G. (org.), **Pedagogia e Pedagogos**: caminhos e perspectivas, 3.ed., São Paulo: Cortez, 2011, pp.101-129.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Paulo Freire**. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/paulo_freire/>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FREIRE, Paulo R. Neves. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo R. Neves. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 34-41.

FREIRE, Paulo R. Neves. **Educação como prática da liberdade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996a.

FREIRE, Paulo R. Neves. **Educação e mudança**. Tradução de Lilian Lopes Martins. 2ª ed. rev. e atualizada. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo R. Neves. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996b.

FREIRE, Paulo R. Neves. **Pedagogia de la indignación.** Madrid: Morata, 2001.

FREIRE, Paulo R. Neves. **Pedagogia do oprimido.** 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, Moacir. **Educação popular e educação ao longo da vida.** CONFITEA – BRASIL + 6, São Paulo: 2016.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. **Revista FASE.** 2015. Disponível em: <http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_gadotti.pdf>. Acessado em: 04 jul. 2017.

GADOTTI, Moacir; GUTIÉRREZ Francisco (Org.). **Educação comunitária e economia popular.** 4ª ed. (Coleções questões da nossa época, v. 25). São Paulo: Cortez, 2005.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade da pesquisa qualitativa.** Salvador: EDUFBA, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1ª ed. – [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LCT, 2011.

GIROUX, Henry; SIMON, Richard. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN 0104-4036. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso: 10 jun. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GONDIM, Joaquim *et al.* **A seca atual no Semiárido nordestino** – Impactos sobre os recursos hídricos. Brasília, v. 22, n. 44, p. 277-300, jan. / jun. 2017. Disponível em: <http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/856/784>. Acessado em: 13 ago. 2018.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologia qualitativas na Sociologia.** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para formação da cultura científica. **Em Extensão: Revista da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia:** v.7, n. 1, p. 55-66, 2008.

- KANDEL, Liliane. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião. In: THIOLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 2. ed. São Paulo: Polis, 1981. p. 169-189. (Coleção Teoria e História 6).
- KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. 9ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- KUHN, Thomas. **A função do dogma na investigação científica**. (Org.) BARRA, Eduardo Salles O. 1ª ed. Curitiba: UFPR - SCHLA, 2012.
- LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa em Educação).
- LAPASSADE, Georges. **La méthode ethnographique**. 1992. Disponível em: <<http://www.vadeker.net/corpus/lapassade/ethngrso.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2018.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MACEDO de Sá. Sílvia Michele. Povos indígenas em afirmação, caminhos etnográficos aprendentes e a compreensão cultural do fenômeno aprender. In: MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Brasília: Liber Livro, 2012.
- MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Álam. **Um rigor outro: Sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa - Educação e Ciências Antropossociais**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências sociais humanas e na educação**. Salvador: EDUFRA, 2000.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2010.
- MALVEZZI, Roberto. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília: CONFEA, 2007.
- MARCON, Telmo. Movimentos sociais populares e cultura: perspectivas de transformação e de cidadania. In: FIOREZE, Cristina; MARCON, Telmo. **O popular e a educação: movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento**. Ijuí: Unijuí, 2009.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para convivência com o Semiárido. In: **RESAB – Rede de Educação do Semiárido Brasileiro**. Convivência e educação do campo no Semiárido brasileiro. 2ª ed. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006.
- MEDEIROS, S. de S. et al. **Sinopse do censo demográfico para o Semiárido brasileiro**. Campina Grande: INSA, 2016.

MEJÍA J., Marco Raúl. Las teorías críticas: fundamento de la educación popular: hacia una agenda de futuro. **Lá Piragua**, Panamá, n. 32, p. 26-43, 2010. Disponível em: <<https://www.oei.es/historico/org3.htm>>. Acessado em: 25 ago. 2018.

MINAYO MCS. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco; 1998.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 16ª. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção práxis).

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNISCO, 2000.

MOURA, Lenice de; PEREIRA, Vanderleia Andrade. Educação do Semiárido: contextualização na escola campesina Expedito Albano de Moura na interface com o uso do livro didático. In: **RESAB – Rede de Educação do Semiárido Brasileiro**. Convivência e educação do campo no Semiárido brasileiro. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2013.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas**: uma leitura desde o campo democrático e popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PALUDO, Conceição. Educação, Escola e Desenvolvimento. In: FIOREZE, Cristina; MARCON, Telmo. **O popular e a educação**: movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento. Ijuí: Unijuí, 2009.

PAPERT, Seymour. **A família em rede**: ultrapassando a barreira digital entre as gerações. Tradução de Fernando José S. Nunes e Fernando Augusto B. L. e Melo. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Tradução: Sandra Costa. ed. ver. Porto Alegre: Artimed, 2008.

PAPERT, Seymour. **LOGO**: computadores e educação. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PERNAMBUCO. **Microrregiões de Pernambuco**. Disponível em: <<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=77>>. Acessado em: 13 jun. 2017.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Festa popular e educação popular: lugares em movimento**. In: STRECK, Danilo Romeu; ESTEBAN, Maria Teresa. Educação popular: Lugar de Construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa**. 2ª ed. Goiânia: Editora da PUC-GO/Kelps, 2009.

PESTANA, Tânia Cristina; PACHECO, José Augusto. Currículo, tecnologias e inovação: para uma discussão da aprendizagem em contextos educacionais. **Revista Linhas**, Florianópolis: v. 14, n. 27, jul./dez. 2013. pp. 45-58.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**: a resposta do grande psicólogo aos problemas do ensino. 10ª ed. rev., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PINTO, Luiz Castanheira. **Sobre educação não-formal**. Caderno d'inducar, 2005. Disponível em: <<http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/sobreEducacaoNF.pdf>>. Acessado em: 01 jul. 2016.

PINTO, Miguel; TEDESCO, Juan Carlos; PAIS, José Machado & RELVAS, Ana Paula. **As pessoas que moram nos alunos**. Porto: Edições ASA, 2000.

POPPER, Karl. **O futuro está em aberto**. Editorial Fragmentos Ltda., 1990.

PREISWERK, Matthias. **Educação popular e teologia da libertação**. Tradução de Romualdo Dias. Petrópolis: Vozes, 1997.

PRENSKY, Marc. **Digital natives end digital immigrants**. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2017.

RODRIGUES, Francisco José. **O currículo e a cultura escolar como espaço de poder**: praticando estudos culturais numa escola pública. Tese. Universidade Estadual do Ceará – UFC. Fortaleza: 2007.

SABIRÓN-SIERRA, Fernando. Estructura de uno proyecto de investigación en el Etnografía de la Educación (I). In: **Revista Europeia de Etnografia da Educação**. Vol. 1, nº 1, 2001.

SACRISTÁN, José. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Roberto da, MACHADO, Érico Ribas. Uma mesma teoria geral para a educação popular e a educação social? Aproximações, empíricas, teóricas e metodológicas. In: STRECK, Danilo Romeu; ESTEBAN, Maria Teresa. **Educação popular**: Lugar de Construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino**. Tradução: Rodolpho Azzi. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

SOUSA, Jesus Maria. As dinâmicas do global e do particular: o dilema do currículo. In: M. Fernandes, et al (Orgs.). **O particular e o global no virar do milênio. Cruzar saberes em educação**. (pp. 699-706). Lisboa: Edições Colibri / Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2002. Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesussousa/Publicacoes/24Asdinamicasdoglobaledoparticular.PDF>. Acesso em: 08 set. 2017.

SOUSA, Jesus Maria. Currículos alternativos: um olhar etnográfico. In: **Educação: textos de intervenção**. (pp. 13-24). Funchal: Liberal, 2004. Disponível em:<<http://www3.uma.pt/jesussousa/Publicacoes/5Investigacaoemeducao.PDF>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

SOUSA, Jesus Maria. **Investigação em educação: novos desafios**. 1997. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/jesussousa/Publicacoes/5Investigacaoemeducao.PDF>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

SOUSA, Jesus Maria. **O Professor como pessoa**. Porto: ASA Editores, 2000.

SOUSA, Jesus Maria. O currículo à luz da etnografia. In: **Revista Europeia de Etnografia da Educação**, 3. pp. 119-125. Universidade da Madeira 2003. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/jesussousa/publica.htm/>>. Acesso: em 5 jun. 2017.

SOUSA, Jesus Maria; FINO, Carlos Nogueira. As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional. In: SILVA, B.D.; ALMEIDA, & L.S. (Orgs.). **Atas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia**. Vol. 1. pp. 371- 381). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Universidade do Ninho. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/jesussousa/publica.htm>>. Acesso: em 5 jan. 2015.

SOUZA, João Francisco de. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: Editora UFPE, 2009.

SPRADLEY, James. **Participant observation**. New York: Hold, Rinehart and Winston, 1980.

SPRADLEY, James. **The ethnographic interview**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

STAKE, Robert. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

STRECK, Danilo Romeu *et al.* **Educação popular e docência**. Coleção docência em formação: educação jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 2014.

STRECK, Danilo Romeu. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular. In: STRECK, Danilo Romeu; ESTEBAN, Maria Teresa. **Educação popular: Lugar de Construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Educação popular e a contemporaneidade do pensamento de Paulo Freire na educação brasileira. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; CASTRO, Amanda Motta (org.). **Educação popular em Debate**. Jundiaí: Paco, 2017.

TOFFLER, A. **A Terceira Vaga**. Lisboa: Livros do Brasil, 1984.

TOFFLER, A. **Choque do futuro**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1970.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.), São Paulo: Summus, 2008. (Coleção pontos e contrapontos).

TRINDADE, Gestine Cássia. O popular e a educação na teoria social. In: FIOREZE, Cristina; MARCON, Telmo. **O popular e a educação: movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento**. Ijuí: Unijuí, 2009.

VALENTE, José Armando. **O computador na sociedade do conhecimento**, Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999. 156 p.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2ª. ed. Campinas: Papirus, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 4 ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Diário de Campo

I PARTE - ANOTAÇÕES DAS OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 01

07 de dezembro, 2017.
Samuel de Araújo.
8h20min – 9h32min.
Sede do NEPS.
1º conjunto de notas.

INÍCIO DA INVESTIGAÇÃO

Apresentação do investigador aos coordenadores do NEPS

Cheguei à sede do NEPS por volta das oito e vinte da manhã. Havia sido informado durante a visita prévia pelo coordenador geral, o senhor Manuel Ireno de Sousa, que a reunião de planejamento ocorreria às oito horas e trinta minutos. Entrei, me apresentei a uma funcionária da instituição que ali trabalhava muito concentradamente em um computador de mesa. Era uma senhora que aparentava ter seus trinta anos de idade, cabelos negros, cacheados e curtos, vestindo calças jeans, tênis e um blusa de malha branca. Voltei-me para ela e me apresentei: “bom-dia, meu nome é Samuel de Araújo, vim participar de uma reunião com os coordenadores do NEPS para apresentar meu projeto de pesquisa de mestrado”. Ela gentilmente pediu-me para sentar e que iria comunicar ao coordenador geral da minha presença. Então, agradei e sentei-me.

Enquanto aguardava, observei os detalhes daquela sala, havia cartazes de projetos do NEPS por toda a parede: Projeto 1 Milhão de Cisterna, Puxada do Pode, Festival das Águas, Quintais Produtivos, Reuso d’água, Terreiros Culturais, Ponto de Cultura, Biblioteca Ponto de Leitura, Barreiro Trincheira, Cisterna Calçadão, Feiras Agroecológicas, Feira de Saberes e Sabores, Biodigestores e dentre muitos outros.

C.O.: Pensei comigo: “este vai ser um terreno muito fértil para minha pesquisa, parece ser uma instituição muito séria e com muitos serviços prestados às comunidades, vejo que a escolha foi acertada”.

Enquanto refletia sobre o que estava contemplando, a atendente retorna à recepção e se dirige a mim: “senhor Samuel! O senhor poderia me acompanhar?” Então a respondi: “Claro que sim, com licença”. Aquela gentil moça me conduziu até a sala de coordenação, que ficava na parte interior do NEPS, uma sala pequena com uma mesa de cozinha verde com oito cadeiras, ao redor estavam sentados cinco de seus coordenadores, estando o coordenador geral sentado na primeira cadeira a direita. Já estavam reunidos me aguardando.

C.O.: Confesso que aquele momento foi um memento tenso para mim, não sabia como seria a abertura dos coordenadores para que eu pudesse desenvolver meu projeto pesquisa de mestrado naquela instituição. Porém, tentei me acalmar e entrei.

A recepcionista me anunciou e pediu que eu entrasse. Todos estavam sentados ao redor de uma mesa, na sala havia duas caixas de som, uma pequena mesa ao fundo com umas esculturas de animais em madeira, e uma imagem de padre Cícero, considerado santo pelo povo nordestino, porém, não reconhecido pela Igreja Católica. Ao entrar cumprimentei a todos, um por um, me apresentando de forma amistosa e gentil. O coordenador geral, o senhor Manuel Ireño, que estava sentado à minha frente, o primeiro a mesa do lado direito, pediu para que eu sentasse e falasse um pouco sobre meu interesse em fazer um trabalho de pesquisa com os educadores populares do Sertão.

C.O.: Naquele momento pensei: “tenho que aproveitar esta ocasião ímpar para apresentar meu projeto da melhor forma possível, para que eu receba deles a permissão oficial para fazer minha investigação sem nenhum obstáculo”.

Com o projeto de pesquisa em mãos, falei resumidamente sobre o meu mestrado, que a instituição era europeia, a Universidade da Madeira, uma Universidade Portuguesa, e que aquele seria uma oportunidade de sistematizar e divulgar todo o trabalho de Educação Popular feito pelo NEPS. Nesse instante, entrego uma cópia do meu projeto de pesquisa para que eles dessem uma olhada.

Figura 1: Solicitação oficial aos coordenadores do NEPS para pesquisa.



Fonte: o autor, 2017.

C. O.: Enquanto eles apreciavam o projeto de pesquisa eu podia contemplar em seus semblantes um ar de aprovação, o que me trazia certa alegria e tranquilidade de que tudo estava ocorrendo bem e que logo poderia dar início de fato a minha pesquisa.

Após o projeto passar por todas as mãos e pelo crivo de uma breve análise de todos os coordenadores, o senhor Manuel Ireno falou em nome de todos e da Instituição: “O senhor tem a nossa permissão para fazer sua pesquisa e nos colocamos a sua disposição no que precisar”. Um largo sorriso inundou o meu semblante, então disse: “agradeço grandemente a confiança de todos vocês, muito obrigado”. Então, pedi licença, cumprimentei a cada um novamente e disse: “deixarei agora vocês trabalharem normalmente, muito obrigado”, então me retirei da sala, passei pelos corredores até a recepção, agradei a recepcionista e me despedi, indo naquele dia direto para o meu trabalho.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Antes desta primeira visita, eu já havia feito uma visita prévia ao coordenador geral para agendar este encontro com os demais coordenadores. Tudo ocorreu como previsto. Agora eu tinha permissão oficial para iniciar meu trabalho de pesquisa.

C.O.: Desta ocasião em diante, a pesquisa praticamente não iria se concentrar no NEPS em si, mas, nas ações que os educadores populares desenvolvem, tanto nas comunidades como com as instituições parceiras, como por exemplo, as escolas, e outras atividades externas.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 02

08 de março, 2018.
Samuel de Araújo.
10h 04min – 11h 48min.
Sede do NEPS.
2º conjunto de notas.

OBSERVAÇÃO DO ESPAÇO DO NEPS

Observação da Biblioteca e conversa informal com o coordenador geral do NEPS

Antes de me dirigir à Sede do NEPS para fazer minha observação participante do espaço, liguei por volta das oito horas da manhã para instituição, fui atendido do outro lado da linha pelo senhor Manuel Ireno. “Alo, bom dia”, disse eu, “aqui quem fala é o senhor Samuel de Araújo, o pesquisador, gostaria de saber se há alguma possibilidade de visitar o NEPS hoje, para iniciar minha pesquisa?” ele prontamente respondeu: “Olá Samuel, tudo bem com você? as portas do NESPS estão abertas, pode vir quando quiser”. Então, agradei e nos despedimos.

Chequei ao NEPS às dez horas e quatro minutos da manhã. Cumprimentei a recepcionista, a senhora Maria do Socorro Brito, que a mais de cinco anos trabalha na instituição. De longe, o Senhor Manoel Ireno, também conhecido em toda a Região pelo apelido de Manelito, me vê e vem ao meu encontro para me cumprimentar. “Senhor Samuel, seja bem-vindo, pesquisador, fique à vontade”. Eu agradei: “muito obrigado pela sua disponibilidade, mas, hoje eu gostaria que o senhor me apresentasse melhor o espaço físico do NEPS e tivesse um tempo para conversarmos um pouco”. Ele prontamente respondeu: “claro, todo tempo que você precisar”.

C.O: Neste dia, o NEPS estava passando por alguns reparos, e era grande o barulho de furadeiras, serras elétricas e marteladas, dois homens faziam os reparos. Fiquei receoso que aquela situação prejudicasse meu trabalho naquele dia, mas, por outro lado, não podia perder a oportunidade diante do pouco tempo que tenho para conciliar trabalho profissional e pesquisa, e, principalmente, a disponibilidade o senhor Manuel Ireno em dedicar um pouco seu tempo a colaborar com meu trabalho.

Então, ele começou me apresentando a Biblioteca Popular, Ponto de Leitura que funciona dentro da Sede do NEPS, com os mais variados temas voltados para a convivência com o Semiárido.

O lugar não era espaçoso nem possuía uma variedade muito grande de exemplares, porém, era bem iluminado, bem organizado, bem aconchegante, com seus livros distribuídos por área de interesse dos leitores, com um conjunto de sofá vermelho ao centro e uma mesa de seis cadeiras. Além dos livros, a biblioteca possuía algumas obras de artes produzidas em barro e doadas por artesãos locais para o NEPS, conforme me explicou o senhor Manelito.

Figura 2: Biblioteca do NEPS, Ponto de Leitura do Semiárido.



Fonte: Farias, 2018.

O Senhor Manelito me disse que aquele é o único local da Região que reúne um acervo com 4.500 (quatro mil e quinhentos) exemplares que ficam à disposição para leitura e pesquisa de estudantes, educadores e educandos e para toda a comunidade em geral, composto por uma variedade de títulos exclusivamente voltados para a convivência com o Semiárido. Porém, os principais temas são: desertificação, plantas medicinais, agricultura familiar, meio ambiente, mudança climática, semiárido, gênero, poesia, cidadania, saúde, religião, juventude, negritude, arte brasileira, arte contemporânea, literatura contemporânea, literatura brasileira, romances, teologia, filmes, teatro e cinema.

Como o barulho dos trabalhos de reparos estava muito alto, o senhor Manelito me faz um convite: “vamos à minha sala, lá o barulho é menor e podemos conversar melhor, e assim eu posso responder à suas perguntas com mais tranquilidade”. Respondi: “claro, como o senhor achar melhor”.

Então fomos para sua sala, um pequeno espaço do lado esquerdo do corredor que dar acesso a sala de reuniões. Havia uma mesa com muitos papéis espalhados sobre ela, parecia que ele estava fazendo algum estudo ou avaliando algum projeto de ação do NEPS.

C. O.: Pelo menos essa foi a impressão que tive ao adentrar em sua sala, mas, por questão de educação, não quis inquiri-lo o porquê de tantos papéis espalhados sobre sua mesa. O que eu menos queria naquele momento era quebrar o clima de cordialidade e disposição do senhor Manuel Ireno comigo.

Ele abriu um arquivo no seu computador de mesa e começou a me mostrar diversas fotos de ações do NEPS e de suas parcerias, porém não descreverei aqui, pois irei comentá-las em outro apêndice, denominado fotos. Ele permitiu que eu copiasse parte do arquivo para meu pen drive.

Naquele instante, ele solicitou a senhora Socorro que trouxesse um cafezinho para nós, o que ela prontamente atendeu. Então, começamos a conversar. Eu estava cheio de perguntas e ele disposto a responder. Naquele momento, a observação participante ganhou característica de entrevista não estruturada, mas, era uma oportunidade única de colher o máximo de informações para avançar com minha pesquisa. Assim, eu a registrei no meu diário de campo como observação participante, já que este era meu objetivo principal.

De repente ele olha para mim e diz: “está vendo todos estes papéis? Estou debruçado sobre eles planejando, para propor ideias para a mobilização da Semana da Água e para o Festival das águas.

C.O: Ele não sabia, mas acabara de me presentear com o assunto que deveríamos conversar naquele momento. Pensei comigo: “acredito que eu deva começar conhecendo melhor o trabalho do NEPS por meio destes projetos”, então, comecei a lhe fazer perguntas.

Assim, olhei para ele e lhe fiz minha a primeira pergunta daquela conversa: “o que é o Festival da Águas”? Então, ele respira fundo e diz: “muito bem, meu jovem, sente-se aí nesta cadeira que eu vou te explicar o que é o Festival das águas”.

C.O.: Sentir que no seu olhar que aquele seria um dia bem produtivo para minha pesquisa de campo, então, olhei para ele e fiquei atento a cada palavra que ele ia falando.

Então ele disse: “O Festival das Águas é um evento que reúne formação dentro dos aspectos climáticos, hídricos e ambientais, ou seja, seu maior objetivo é trazer a discussão a problemática da água de forma sistematizada. Ele é um evento que reúne toda a luta pela Região semiárida. Assim, além de festejar a cultura nordestina, torna-se um espaço de denúncia”.

E continua falando: “Desde o ano 2009, temos recebido o apoio e a parceria de todas as escolas do município na realização deste evento, ficando o período da tarde dedicada às escolas, são as tarde culturais”.

C.O: Vejo que ele fala com propriedade e paixão, então procuro não o interromper com outras perguntas até que ele esgote a sua fala e seu desejo de expressar suas ideias a respeito do assunto perguntado.

O senhor Manuel Ireneo continua expressando seu pensamento a respeito do projeto Festival das Águas: “Bem”, continua ele, “durante as tardes é um momento em que das escolas mergulham nas criatividade dos professores e dos alunos. É um momento cultural com uma riqueza muito grande de aprendizado. A cada ano se traz um tema da cultura popular nordestina ligado a problemática da água. Assim, as tardes culturais acontecem em torno de um tema a ser discutido e problematizado”.

Eu continuo ouvindo sua fala atentamente: “Assim, o Festival das Águas é um momento de denúncia da situação hídrica que passa a Região, a gente sabe que a cada ano o ciclo das chuvas tem diminuído, como também os programas de políticas públicas sociais do governo, voltadas para as questões hídricas, vão desaparecendo”.

“Assim, o Festival das Águas é isso. Um conjunto de ações que se trabalha a partir da realidade do povo do Semiárido. Nós, temos tentado ligar estas ações a outros atores da sociedade, como por exemplo: escolas, professores, estudantes, grupos culturais, agricultores, criadores e pessoas que temos levado tecnologias sociais, como os Quintais Produtivos e os Biodigestores”.

E Manelito continua falando. “O Festival das Águas é, sobretudo, um chamamento para o conjunto dessas ações, para mostrar estas experiências para às outras pessoas que não estão inseridas nesse contexto, nesse processo de ações do NEPS”.

Neste momento, surgem a curiosidade de saber como surgiu o Festival das Águas e porque é utilizado este nome? Por isso, pergunto ao senhor Manoel Ireneo: “como o Festival das Águas surgiu e o porquê deste nome?”

Então ele responde: “Bem, o Festival das Águas surgiu a partir de uma romaria que fomos em Sobradinho, Bahia, em 2001, que tinha como título: Romaria da terra e das águas”.

“Na verdade, a gente sentia um vazio aqui na Região, a gente não tinha nenhum evento de massa, um evento de rua. Porque o evento de rua é formador de opinião pública, tanto no contexto da instituição quanto fora. É algo que ultrapassa as salas de aula e os muros da Instituição”.

“Depois, fomos convidados para ir para Bom Jesus da Lapa, participar da ‘Romaria da terra das águas’, uma romaria ainda maior, que tinha uma diversidade bem maior de todas as discussões, tendo como eixo central o Rio São Francisco, tendo em vista que a gente depende do Rio São Francisco para sobreviver”.

“Então, inspirados na romaria de Bom Jesus da Lapa, inspirados no projeto Rio São Francisco Vivo, da Articulação do Rio São Francisco, foi criado a ‘Semana da água’, projeto que promove durante um mês inteiro reflexões nas comunidades sobre a problemática da água, e esta vem culminar no Festival das Águas, que reúne todas as discussões vivenciadas nas comunidades durante o mês que o antecede”.

“O Festival das Águas é o carro chefe, pois é o momento de reunir os parceiros, aqueles que acreditam no trabalho da instituição. É um momento de se aprofundar nos temas sociais relacionados à Região e trazer os parceiros de outras regiões para conhecer de perto nossas ações. Hoje, o NEPS é conhecido por suas intervenções no Semiárido brasileiro, em parte, pelo Festival das águas”.

Enquanto escuto atentamente, o senhor Manuel Ireno continua a falar: “O NEPS é reconhecido pela Articulação do Semiárido brasileiro (ASA) como a única instituição do Estado de Pernambuco que consegue fazer com êxito ações de massa, muitas instituições não consegue mais, a gente consegue levar o povo para rua e fazer o povo participar”.

Refletindo no que ele acabara de falar, pergunto: “O senhor vê o Festival das Águas mais como ato educativo ou mais como ato político?”

Imediatamente ele responde: “O dois. Tanto ele é um grande espaço formador, um espaço de Educação Popular, como também um agente político, pois é um momento de denunciar as injustiças sociais, também é um momento cultural, e nos últimos anos, econômico, pois temos promovido dentro do Festival a Feira de Saberes e Sabores da agricultura familiar, pois é uma forma de demonstrar para as pessoas o que o NEPS faz nas comunidades, possibilitando a economia solidária”.

C.O.: “A Educação Popular possui uma estreita relação com a economia solidária, pois, nas práticas em educação em economia solidária o trabalho e o território são tidos como pontos de partida para realização dos processos educativos. O trabalho na economia solidária acontece com base na autogestão e com a participação de todos, dessa forma, as pessoas se educam a partir de suas práticas do dia a dia e nos processos de tomada de decisão. Já o território é para economia solidária o espaço de construção da autogestão onde os indivíduos podem fortalecer a sua identidade”.

Continuei a perguntar: “Quem faz parte da organização e execução do Festival das Águas?”

O Senhor Manelito Responde: “O chamamento do NEPS é público, porém, sem outros atores sociais não haveria Festival das Águas. Os parceiros atendem ao chamamento e se envolvem para que o Festival das Águas aconteça”.

Faço outra pergunta ao Senhor Manelito: “Qual a importância do envolvimento das escolas, estudantes e professores, no Festival das Águas?”

“É um momento em que as escolas saem da sala de aula e podem ver outros horizontes. Muitos talentos de estudantes são revelados nas apresentações culturais, é um espaço onde o aluno pode fazer o que ele não faria dentro da sala de aula, é o que eu chamo de educação contextualizada”. Responde o senhor Manelito.

Neste momento somos interrompidos pela chegada do professor Deon Vital, o senhor Manuel Ireno pede licença e sai, por um instante, da sala para atendê-lo, após alguns minutos retorna e recomeçamos a nossa conversa.

Ao retornar à sala eu lhe faço mais uma pergunta: “Que outro evento de massa o NEPS promove que envolve Educação Popular?”

O senhor Manelito responde: “nós vamos promover agora no mês de maio a VII edição da Puxada do Bode”. Eu então exclamo: “Puxada do bode! de que se trata?” Ele então esclarece: “Puxada do Bode é uma ação pedagógico que utilizamos para valorizar a figura do bode, para que possa fortalecer a cadeia produtiva, para que o produtor possa fazer o melhoramento do seu rebanho e para que o produtor tenha o melhor banco de proteína para seus animais”.

C.O.: A criação de bode e ovelhas é a vocação econômica desta Região do Semiárido, é o meio de movimentar a economia dos pequenos produtores rurais do Sertão nordestino e, para muitos, a única fonte de renda da família.

“É uma forma pedagógica de se chamar atenção para a sustentabilidade das comunidades rurais, para o desenvolvimento sustentável do município, já que o bode é parte da cadeia produtiva da agricultura familiar. Quando se fala de Puxada do Bode, ele é apenas uma figura para se abrir uma discussão, pois nós, educadores populares, devemos ter todo o cuidado para não formar uma nova geração de jovens alienados”.

Então perguntei ao senhor Manoel e Ireno: “Qual a diferença entre o envolvimento das escolas e o envolvimento das comunidades nestes projetos?”

Ao que ele respondeu: “O envolvimento das comunidades ocorre de forma diferente do envolvimento das escolas. As famílias que se envolvem são aquelas que a gente já acompanha durante o ano inteiro, com diversas experiências, são as que a instituição trabalha, desde a criação de galinhas, no uso das águas em hortas, na construção de biodigestor, entre outros. Já o envolvimento das escolas nós chamamos de projeto pontual, pois elas participam apenas quando vamos realizar uma ação de massa, como o Festival das Águas, a Puxada do Bode, como também o Terreiro Cultural. Resumindo: as ações com as escolas são voltadas para as ações de massa o que é diferente do acompanhamento do dia a dia das comunidades que participam de todas as ações da instituição, tanto de massa quanto das atividades de formação e Educação Popular”.

Lancei mais uma questão: “Qual o seu maior sentimento em promover o Festival das Águas?” Então o senhor Manelito responde: “É um sentimento de construção coletiva, momento de conhecimento e de fortalecer os laços de solidariedade entre os parceiros, sentimento de se viver no Semiárido com mais dignidade, sentimento que poderíamos fazer mais”.

“A Educação Popular já se incorporou na vida e na cultura do homem do Semiárido. Ela está no campo quando se fala de reuso hídrico, está na construção de cisternas, está no não uso do agrotóxico, está na proteção do roçado para evitar erosão”. Acrescenta Manelito.

C.O.: A conversa estava ficando muito longa, então eu resolvi não fazer mais perguntas, até porque eu iria entrevista-lo em outro momento. Então agradei e me despedi dele.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

O que não passava de uma simples observação participante terminou em uma grande entrevista que me permitiu ter uma visão geral do trabalho feito pelo NEPS e poder direcionar com mais segurança minha pesquisa daqui por diante. A convite do senhor Manuel Ireno, ficou já combinado que eu os acompanharia para uma mobilização para do Festival das Águas no Distrito de Cacimbas, município de Santa Filomena, a mais de 50 km da sede do município de Dormentes.

C.O.: A observação participante que será feita na comunidade de Cacimbas faz parte da mobilização que o NEPS faz nas comunidades no mês que antecede o Festival da Água. Estas mobilizações ocorrem na chamada a Semana da Água.

Pode-se ver como a Educação Popular, promovida pelos educadores populares está diretamente ligada à justiça e à transformação social, como também à emancipação das pessoas menos favorecidas economicamente da Região do Sertão do Semiárido.

NOTA DE CAMPO– OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 03

23 de março, 2018.
Samuel de Araújo.
5h07min – 15h22min.
Visita a Comunidade de Cacimbas.
3º conjunto de notas.

OBSERVAÇÃO EM FORMAÇÃO DE LÍDERES COMUNITÁRIOS

Observação durante mobilização na comunidade de Cacimbas, município de Santa Filomena, na Semana da Água e para o Festival das Águas.

Combinamos para sairmos às 5:00 (cinco) horas da manhã do dia 23 de março de 2018, da sede do NEPS para a comunidade rural de Cacimbas, interior do município de Santa Filomena. O transporte seria uma Strada vermelha cabine dupla. Íamos, o senhor Manuel Ireno, coordenador do NEPS, Leandro Macedo, educador popular e eu.

No horário marcado, lá estava eu na frente do NEPS, porém não havia ninguém. Nesse horário, a rua se encontrava vazia e batia um vento gelado sobre mim. Mais 20 (vinte) minutos se passaram e nada de chegar alguém à sede do NEPS.

C.O.: A esta altura comecei a sentir um desânimo. Achei que havia chegado atrasado e que eles tinham partido sem mim, foi aí que resolvi ligar para o educador popular Leandro Macedo.

Figura 3: Pesquisador aguardando em frente ao NEPS partida para a comunidade de Cacimbas.



Fonte: o autor, 2018.

Enquanto eu ligava para o educador popular Leandro Macedo, para saber se havia acontecido algo, ou até mesmo tirar a dúvida se eu havia sido deixado, ele estaciona na minha frente uma Strada vermelha com o emblema do NEPS. Respirei fundo e pensei: “que alívio, eles ainda não foram”.

Leandro Macedo se dirigiu a mim e disse: “bom dia professor, que bom que o senhor está aqui. O senhor poderia me ajudar a colocar alguns materiais na carroceria do carro?” Respondi: “Bom dia Leandro, claro que sim, amigo”.

Então, colocamos sobre o carro todo material que iríamos levar para a mobilização. Depois, passamos na residência do senhor Manuel Ireneo e, por volta das 6:00 (seis) horas da manhã, partimos pela PE 630 de Dormentes sentido à Santa Filomena, uma rodovia de Chão batido e bastante deteriorada pelas últimas chuvas. Durante o trajeto, conversávamos sobre como as chuvas transformavam a paisagem do Sertão. A margem da estrada muitas barragens cheias e o Senhor Manuel Ireneo me dizia: “como água é vida, quanta riqueza recebemos quando cai a chuva no Sertão. Nosso lugar é lindo e possui belezas não vistas em nenhum lugar do mundo”.

C.O.: No Sertão a vida do povo depende muito do ciclo das águas, é um período de plantio e fartura de alimentos. Apesar das chuvas serem irregulares e escassas, são muito festejadas quando chegam ao Sertão. A mata cinzenta e aparentemente sem vida do período de estiagem, se transforma numa linda paisagem de uma verde esperança que irradia vida para todos os lados.

Por volta das 7:20 (sete horas e vinte minutos), estávamos cruzando a sede do município de Santa Filomena, porém, o Sítio Cacimbas ainda estava à mais 15 (quinze) quilômetros de distância.

Um pouco mais à frente começa a chover. A rodovia estava coberta de lama, por isso, tínhamos que ir bem devagar para evitar acidentes. Mais a frete, o carro para em frente a uma humilde casa e sobem na carroceria dois senhores, que depois que fomos apresentados, descobri que se chamavam Cícero e Jonas, lideranças comunitárias atuantes no NEPS como educadores populares.

O carro segue viagem e, um quilometro a frete, avistamos outra senhora à beira da estrada, e como ainda chovia, apesar de ser agora apenas um chuvisco, o Senhor Manuel Ireneo

pede para que pare o carro, ele desce da cabine e sobe para carroceria, dando lugar a dona Pedrina, uma senhora morena, de baixa estatura e que aparentava ter seus 60 (sessenta) anos, não dava para saber ao certo, pois tinha sua pele muito castigada pelo sol do Sertão.

Ao entrar, dona Pedrina olhou para mim com um lardo sorriso e disse: “bom dia meu jovem! Tudo bem com você?” Ao que eu respondi: “sim senhora, tudo bem, graças a Deus”. Seguimos viagem e ela perguntou se eu estava a trabalho do NEPS, então expliquei a ela o meu objetivo de estar indo com eles para a comunidade de Cacimbas.

Ao chegar na comunidade rural de Cacimbas, por volta das 8:30 (oito horas e trinta minutos), um grupo de pessoas nos esperava, um povo alegre e receptivo. Havíamos chegado à residência do senhor Jairo e Dona Maria Silva, um casal de idosos de espírito jovem que já estava de mesa posta para oferecermos o desjejum. Na mesa havia cuscuz, típico prato nordestino feito de milho, batata doce, carne de galinha, ovos fritos, bolo de trigo, café e leite.

Figura 4: Carro que nos conduziu até a comunidade de Cacimba.



Fone: o Autor, 2018.

Logo nos levaram até a cozinha para tomarmos o desjejum. Todos se alimentaram em clima de festa, alegres por estarem se revendo. Em seguida fomos até uma capela, que ficava em frente a casa onde estávamos, dedicada à Nossa Senhora Aparecida, para fazermos a reunião de mobilização e formação de lideranças naquela comunidade.

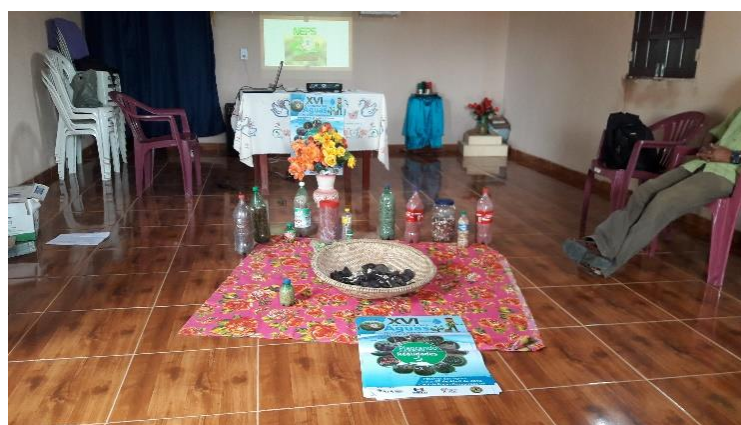
Figura 5: Capela de N. S. Aparecida, comunidade de Cacimbas.



Fonte: o autor, 2018.

Antes da formação de mobilização, o senhor Leandro Macedo afastou as cadeiras do centro da capela e colocou no lugar ao chão uma toalha, e, à medida que as pessoas iam chegando, alguns traziam em garrafas petes sementes crioulas para que, ao final da formação, fizessem trocas entre eles. Havia sementes de fava, feijão, milho, abóbora, amendoim, gergelim, sorgo, entre outras. Sobre uma mesa ele instalou um notebook e um projetor de imagem para auxiliar na formação. Percebi, que apesar do NEPS trabalhar, em sua maioria, com pessoas simples, muitas delas analfabetas, ele sempre utiliza recursos tecnológicos nas suas formações para facilitar a aprendizagem.

Figura 6: Capela preparada para a formação de mobilização da Semana da Água



Fonte: O autor, 2018.

C.O.: Sementes crioulas são sementes de variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas ou indígenas, com características bem definidas e reconhecidas pelas respectivas comunidades, descartando qualquer processo em laboratório de melhoramento genético. Estas sementes, são passadas de geração em geração.

Por volta das 9:20 da manhã, a formação teve início. O senhor Manuel Ireno deu as boas-vindas a todos e entregou um bombom a cada um, depois, pediu que descascassem sem o auxílio da outra mão. Durante a dinâmica, ele pediu que pensassem em suas roças, seus quintais produtivos, suas propriedades, enfim, em suas atividades diárias.

Figura 7: Momento de reflexão por meio de dinâmica de grupo.



Fonte: autor, 2018.

Depois de alguns minutos, o coordenador popular fez algumas perguntas: “quantos conseguiram descascar o bombom? Qual o significado disto quando você está no seu roçado, na sua casa de farinha, no seu quintal produtivo? Enfim, que sentimento isto te trouxe?”

Dona Pedrina disse: “Eu me remeto a minha rocinha, minha lavoura que, pela minha idade e por ser só, não tenho conseguido dar a manutenção que precisa e a assistência gostaria de dar.

Seu Manoel também ressaltou: “Lembro de todo o meu trabalho, preparar a terra, plantar a semente, depois de nascido retirando o mato, a persiga das pragas, a colheita e, no final de tudo, a gente leva para feira e praticamente não tem preço, nosso trabalho parece que foi tudo em vão”.

Dona Socorro também dá o seu significado e diz: “Esta dinâmica me traz à mente a minha caminhada no Festival das Águas, nossa luta coletiva de anos nesta caminhada, tudo o que fizemos na nossa roça tem um sinal do NEPS. Quando levo minhas verduras para feira lembro que foi o NEPS que nos capacitou para produzir, nos formou e nos ensinou a fazer alguma coisa hoje. Considero, portanto, o NEPS como a outra mão que tanto necessito.

Seu Cícero também acrescenta: “Pois é, a partir do momento que conseguimos descascar esta bala com uma única mão, isto tem mostrado para mim que devemos persistir diante das dificuldades que temos na roça, se persistir somos capazes de vencer, porque se temos uma dificuldade e logo desistimos, como é que fica então, não é mesmo? Assim, eu vejo que tanto na vida da gente quanto na luta do dia a dia, em nossa roça, temos que ter persistência”.

Neste momento o senhor Manoel Ireneo retoma sua fala diz: “acredito que tenha sido meio difícil, mas deu para descascar. Pensando nas nossas dificuldades, pensando na nossa roça, vejo que somos persistentes, assim como NEPS tem sido perseverante junto com as comunidades, por isso que nós estamos aqui”.

O Senhor Jairo também não quis ficar sem dar a sua opinião, então ele contou: “Eu comparei tudo isto com a luta que nós temos, é difícil, mas nós não vamos desistir, precisamos dar as mãos uns dos outros para descascar os problemas da vida”. E acrescentou: “Mas, essa mão para descascar não vem somente dos companheiros, ela vem também de Deus. Quem mandou a água para os reservatórios que estão todos cheios?”

Manelito então acrescenta: “Deste símbolo podemos tirar vários sentimentos: sentimento ligado ao próprio ato de fazer e de refazer a luta, sentimentos de desafio, de superação, sentimento de sobrevivência, independente do lugar onde estamos. Se você está lutando pela sobrevivência sozinho, o que é mais difícil, pode engajar na luta coletiva, que está também difícil em uma sociedade globalizada, mas torna as coisas mais acessíveis. Alguns não vieram hoje porque estavam capinando, outros estão catando feijão, mas, se fosse no período de seca estariam cortando mandacaru para os animais, destruindo a caatinga, então, nossa maior luta, hoje, é para quebrar a questão do individualismo e do comodismo”.

Seu José Messias tomou a palavra e disse: “Mas, é sempre bom manter a esperança, eu, no tempo da seca, cuidei em limpar minhas caixas de mel, alguns companheiros começaram mas desistiram, aí veio a chuva, as abelhas produziram mel e já terei uma parte do mel produzido e quero tirar ainda mais”.

C.O.: Após este momento reflexão, Leandro, o educador popular, foi capaz de auxiliar o coletivo a construir uma síntese de tudo que foi apresentado, ao ponto de provocar mais reflexão, fazendo estranhamento, levando os educandos a compreenderem o porquê eles responderam de determinada maneira suas indagações.

Após algumas outras falas, o senhor Manoel Ireneo apresentou um relatório de monitoramento dos Quintais Produtivos e de outros espaços de produção da agricultura familiar. Foi identificado por ele uma diversidade de problemas e falhas, alguns traços de resistência. E ele disse que se não insistirmos com nossa perseverança a dificuldade aumenta e a nossa perseverança acaba.

Figura 8: Coordenador do NEPS apresentando relatório de ações



Fonte: o autor, 2018.

Em seguida o seu Manoel Ireneo fez uma retrospectiva das Feiras Agroecológicas nos municípios de Dormentes, Afrânio, Santa Filomena e Santa Cruz. Ele lembrou que no município de Santa Cruz possui 12 famílias atuantes na feira com barracas de frutas e verduras livres de agrotóxicos. Depois, falou da dificuldade de muitos em sustentar suas hortas abastecidas com água de carro pipa, e que muitos barreiros trincheira e cisternas calçadão construídas pelo NEPS em parceria com a ASA tem sido a solução pra muitas famílias.

O senhor Leandro Macedo ressaltou: “hoje devemos deliberar sobre alguns eventos de massa que iremos realizar, precisamos unir forças para fazer um em junho, lembrando que já tem passado o período de plantio e podemos utilizar a romaria de Santa Cruz da Venerada para isso, ou seja, tá temos o povo reunido. Já em Santa Filomena temos que reunir o povo, vamos ter que fazer um esforço e trabalho de convencimento a mais para o povo aderir à nossa ação de massa”. E os presentes apoiaram a ação.

Leandro ainda frisou que: “ao voltarem para suas comunidades, deve ser feito um trabalho forte de mobilização para o Festival das Águas que será realizado no dia 07 de abril e para a Puxada do Bode no dia 17 de maio, o dois eventos vão acontecer na cidade de Dormentes, o sucesso destas ações depende do empenho de todas as lideranças”.

O educador Leandro perguntou se seria possível um curso de produção de peta para melhorar a renda dos agricultores, já que a peta tem boa aceitabilidade comercial na Região. Todos concordaram e ficou acertado que o curso aconteceria no mês de julho na casa do senhor Jairo e que todos iriam mobilizar e levantar a demanda nas comunidades de interessados para o curso.

Manoel Ireno ainda falou sobre a política nacional e a política regional e como ela tem afetado o trabalho do NEPS e a agricultura familiar na Região. Fez ainda uma avaliação das próximas eleições e do projeto político de cada um dos candidatos, e como isto atrapalha ou valoriza a vida dos agricultores familiares, principalmente, nordestinos.

Finalizaram fazendo uma avaliação do encontro formativo, e, ao mesmo tempo, aproveitando que estavam na capela, fizeram a oração do Pai Nosso.

Figura 9: Momento de oração antes de finalizar a formação.



Fonte: o autor, 2018.

Após a oração, pediram que eu falasse algo, fiz um agradecimento pelo acolhimento pela oportunidade de estar juntos, de ter conhecido pessoas tão amáveis e acolhedoras, e agradei ao NEPS pela oportunidade de ter me conduzido até aquela comunidade e então pedi para que fosse tirado uma foto para registrar o momento ou qual tiramos a foto a seguir em frente à capela.

Antes do registro fotográfico à frente da capela, houve um momento de troca de sementes entre alguns participantes da formação.

Figura 10: Registro fotográfico de Mobilização na Semana da Água



Fonte: o autor, 2018.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Após o momento de formação e mobilização foi servido um almoço na mesma casa onde tomamos o desjejum. Porém, eu não participei da refeição, estava com muita dor de cabeça, tomei um remédio que levava comigo na bolça e devido ao meu estado de saúde, encerrei as observações.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 04

03 de abril, 2018.

Samuel de Araújo.

9h03min – 9h41min.

Escola Maurício José Rolin Cavalcanti

4º conjunto de notas

OBSERVAÇÃO EM ESCOLA PARCEIRA DO NEPS

Observação de ação de Educação Popular na escola Maurício José Rolin Cavalcanti

Chequei à escola um pouco depois das nove horas da manhã. Logo me dirigi à sala da coordenação pedagógica e falei com a coordenadora Clésia Maria Barbosa, a qual me autorizou a assistir os ensaios que estavam acontecendo naquele momento na biblioteca da escola.

Figura 11: Ensaio de educandos para apresentação cultural no Festival das Águas

Fonte: o autor, 2018.

Ao chegar à biblioteca, os estudantes estavam ensaiando, no contra turno, uma música popular nordestina, chamada “Chuva de Honestidade”, de composição e interpretação do cantor Flávio Leandro, então entrei e sentei para assistir ao ensaio. A letra da música dizia o seguinte:

Chuva de Honestidade – Flávio Leandro (2013)

Quando o ronco feroz do carro pipa
Cobre a força do aboio do vaqueiro
Quando o gado berrando no terreiro
Se despede da vida do peão
Quando verde eu procuro pelo chão
Não encontro mais nem mandacaru
Dá tristeza ter que viver no sul
Pra morrer de saudades do sertão

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
Mas tem mão boba enganando a gente
Secando o verde da irrigação
Não, eu não quero enchentes de caridade
Eu só quero chuva de honestidade
Molhando as terras do meu sertão

Eu pensei que tivesse resolvida
Essa forma de vida tão medonha
Mas ainda me mata de vergonha
Os currais, coronéis e suas cercas
Eu pensei nunca mais sofrer da seca
No nordeste do século vinte e um
Onde até o voo troncho de um anum
Fez progressos e teve evolução

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
Mas tem mão boba enganando a gente
Secando o verde da irrigação
Não, eu não quero enchentes de caridade
Só quero chuva de honestidade
Molhando as terras do meu Sertão

Israel é mais seco que o nordeste
No entanto se investe de fartura
Dando força total a agricultura
Faz brotar folha verde no deserto
Dá pra ver que o desmando aqui é certo
Sobra voto, mas, falta competência
Pra tirar das cacimbas da ciência
Água doce que serve a plantação

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
Mas, tem mão boba enganando a gente
Secando o verde da irrigação
Não, eu não quero enchentes de caridade
Só quero chuva de honestidade
Molhando as terras do meu sertão

Fonte: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/frank-jr/chuva-de-honestidade/>>. Acessado em: 03 abr. 2018.

Ao final do ensaio, vi que não havia nenhum professor acompanhando os estudantes, então perguntei: “quem está dirigindo esta apresentação?” Então uma estudante por nome Karla Raquel me respondeu: “sou eu”. Então repliquei: “quem escolheu essa música e que mensagem vocês querem passar?”

Então Karla Raquel me respondeu com tamanha segurança: “eu escolhi esta e mais duas outras, porém, nossos colegas e eu, juntamente com a professora Vera Lúcia, chegamos à conclusão que esta seria a mais apropriada, pois denuncia a exploração política e a corrupção que existe em torno da seca no Nordeste”. E acrescentou a educanda: “países mais secos que o Nordeste, como é o caso de Israel, existe prosperidade, a agricultura é forte e o verde brota no deserto. Então esta é a mensagem que queremos levar: a denúncia da falta de honestidade e de vontade política para que nosso Sertão nordestino seja prospero, que a nossa gente tenha dignidade, ou seja, o que realmente falta no Nordeste não é água, é honestidade e vontade política para investir em políticas pública para a convivência com o Semiárido.

C.O.: A resposta daquela estudante me fez refletir como uma simples música pôde trazer tanto enriquecimento para o processo de aprendizagem. Aquele grupo havia desenvolvido seu senso crítico diante de um problema social e político muito sério para a Região Nordeste, e isto, com autonomia e criatividade para apresentar a problemática de forma dançada e coreografada, para chamar a atenção da comunidade para a questão da água como moeda de troca de voto no Sertão.

Em seguida, sair da biblioteca para que eles continuassem ensaiando e fui fazer entrevistas com a coordenadora, uma professora e dois estudantes da escola Maurício José Rolim Cavalcanti, a qual estava observando.

Figura 11: Registro fotográfico com estudantes da escola Maurício José Rolim Cavalcanti.



Fonte: o autor, 2018.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 05

04 de abril, 2018.
Samuel de Araújo.
8h07min – 9h39min.
Casa da Criança Santa Maria.
5º conjunto de notas.

OBSERVAÇÃO EM ESCOLA PARCEIRA DO NEPS

Observação de ação de Educação Popular na escola Casa da Criança Santa Maria

A observação na Casa da Criança Santa Maria foi diferente das demais, pelo fato de os educandos terem idade entre de 3 (três) e 6 (seis) anos de idade, uma escola de educação infantil, localizada no bairro Josias Elpídio, na cidade de Dormentes. Este bairro, foi formado como invasão, depois da iluminação pública, a escola foi a primeira ação pública na comunidade, nele não há água encanada tratada.

Devido à idade dos alunos observei que as professoras para contextualizar a temática da água ela trabalharam com dramatizações contanto como era em tempos atrás que se tinha que pegar água muito distante para o consumo da casa e que eram responsáveis por este serviço eram as moças da casa.

Figura 12: Educadoras e educandas dramatizando música durante Semana da Água.



Fonte: o autor, 2018.

Para que as crianças entendessem melhor o contexto da vivência da Semana da Água, foi utilizada a música “Beleza Iluminada”, de composição e interpretação de Roberto Malvezzi (Gogó). Eu questionei a professora Jaqueline Silva sobre o motivo de ter escolhido esta música, ela falou: “ porque fala de como era o sofrimento das famílias sertanejas em obter água de longe

para sua sobrevivência, o que não é muito diferente da realidade de famílias da maioria destas crianças, e quem se responsabilizava por este serviço pesado era justamente as moças, um serviço árduo, mas que elas faziam com muita graça e leveza”.

E a professora continua: “então, com essa música podemos trabalhar com essas crianças a questão da água, das dificuldades do povo nordestino e também a questão de gênero, isso numa linguagem que estas crianças possam entender”.

Esta é a música que eles estavam dramatizando no pátio da escola no momento da minha observação.

Beleza Iluminada - Autor e Intérprete: Roberto Malvezzi (Gogó)

Eu tô falando da beleza iluminada
Que no sertão nasceu com jeito de menina
De madrugada ela segue pela estrada
Caminhando com leveza feito uma bailarina

Nesse cenário que contém rara beleza
A lata d'água se equilibra na cabeça
E a menina segue esguia e retilínea
Juntando a delicadeza com a força feminina

Ai, ai, ai, ai
É a lata d'água naquele vai que num vai
Cai, cai, cai, cai
É o balanço da cintura que balança, mas num cai (Bis)

E vai sonhando apesar das incertezas
Que o sofrimento seja coisa do passado
Que o seu corpo seja só luz e beleza
O gingo de passista e o jeito de princesa

Que o seu corpo fique leve, lindo e solto
E libertado desse peso duro e morto
A sua aura seja plena de alegria
Para o amor que com certeza ela encontrará um dia.

C.O.: Apesar das escolas terem a liberdade de trabalharem da melhor forma pedagógica, como lhe achar melhor, elas não podem fugir da temática dada pelo NEPS para cada ano, neste caso, este ano trata-se da problemática da água.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Observei que as crianças se divertiam muito com a dramatização, mas elas entendiam que estavam representando as meninas nos tempos de suas avós que tinham que ir buscar água em uma fonte bem distante de suas casas, como dizia a música que estavam trabalhando.

Após as observações, aproveitei a oportunidade e fiz uma entrevista com a diretora da escola, a qual complementou minhas observações.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 06

06 de abril, 2018.
Samuel de Araújo.
8h22min – 12h05min.
EREM Senador Nilo Coelho.
6º conjunto de notas.

OBSERVAÇÃO EM ESCOLA PARCEIRA DO NEPS

Observação de ação de Educação Popular na Escola de Referência em Ensino Médio Senador Nilo Coelho (EREMSNC), vivenciando a Semana da Água.

Cheguei a Escola de Referência em Ensino Médio Senador Nilo Coelho - EREMSNC, por volta das oito e vinte da manhã, eram uma manhã fria para os padrões da Região do Sertão do Semiárido, falei com a professora que estava acompanhando os ensaios, a professora Antonieta Rodrigues Coelho, e ela me deu permissão para assistir os trabalhos de vivência da Semana da Água e para a apresentação do Festival das Águas.

C.O.: Era um sexta-feira, seis de abril de 2018, e era véspera do Festival das águas, então não poderia perder por nada a observação daquele dia, pois não haveria outra oportunidade de observação naquela escola.

Perguntei a professora, uma jovem senhora que aparentava ter de seus quarenta anos de idade, como a escola tinha vivenciado a Semema da Água, então ela me respondeu: “nós decidimos fazer uma reflexão em torno do Rio São Francisco, único rio perene da nossa Região e que vem sofrendo muito com o assoreamento, poluição e a falta de chuva em seus afluentes. Então lhe perguntei: “e como foi feita esta reflexão?” Ela então me respondeu: “bem, esse assunto nós trabalhamos de forma transversal, todas as disciplinas trabalharam o mesmo tema, cada uma trabalha numa perspectiva, matemáticas trabalha algumas estatísticas relacionada ao Rio, biologia a fauna do rio, os tipos de peixes, a destruição das matas em seus afluentes, português com redações sobre o tema com produção de literatura de cordel e outros gêneros textuais, enfim, assim os estudantes conhecem tudo sobre o rio São Francisco”.

“Que interessante”, disse eu. E para o Festival das Águas, o que vocês estão preparando? Então responde a professora: Nós estamos levando uma apresentação cultural construída pelos próprios alunos que também fala do Rio São Francisco e os ribeirinhos, que são aquelas pessoas que vivem na margem do Rio e dependem exclusivamente dele para sobreviver”.

“Daqui a pouco vamos ter um ensaio, você quer acompanhar?” perguntou a professora. Prontamente lhe respondi: “claro, sim, gostaria muito de assistir”. Então fiquei aguardando na sala dos professores até o momento que ela me abordou novamente e disse: “veja, eles irão ensaiar agora no pátio, venha e veja você mesmo como está nossa apresentação”.

Então levantei e fui até o Pátio. Lá estavam eles tocando, cantando e recitando. A apresentação realmente estava com uma mensagem muito forte.

A música chamava-se “Boato Ribeirinho” de autoria de Nilton Freitas, Wilson Freitas e Wilson Duarte, originalmente interpretada por Targino Gondim. A sua letra diz o seguinte:

Corre um boato na beira do rio
Que o velho Chico pode morrer
Virar riacho e correr pro nada

Viajando por temporada
Quando a chuva do meu Deus
Dará chegar, dará chegar

Já dizia Frei Luiz de Xique-Xique
Quão chique é ter
Um rio pra nadar a correr
Quão chique é ter
Um rio pra pescar e pra beber
Não deixe morrer

Não deixe o rio morrer
Se não que será de mim
Que só tenho esse rio pra viver

Que será
Que será de mim
Que será de José Serafim
Qual será o destino do menino
Que nasceu e cresceu aprendendo a pescar Surubim

Não deixe morrer
Não deixe o rio morrer
Se não morre o ribeirão
De fome, de sede, de sei lá o quê
Se não morre o ribeirão
De fome, de sede, de sei lá o quê.

Fonte: Disponível em: < <https://robertomalvezzi.com.br/albuns/belo-sertao/>>. Acessado em 06 abr. 2018.

Notei que a melodia estava diferente da original, porque esta música eu já conhecia a música, como também o ritmo, então perguntei: “porque estão tocando e cantando com uma melodia diferente da original?” Uma das educandas logo me deu a resposta. “Sabe o que é professor? Nós a modificamos para poder, entre algumas estrofes e outras, recitar trechos de um cordel que nós produzimos, que também fala do Velho Chico.

C.O.: Velho Chico é outro nome que os nordestinos dão carinhosamente ao Rio São Francisco. Neste momento entendi que eles estavam sendo criativos e autônomos na produção de sua apresentação cultural. Assim, o trabalho em equipe é incentivado e o professor é apenas um orientador no processo de aprendizagem, respeitando os saberes prévios do estudante, sua criatividade e autonomia na construção do seu próprio conhecimento.

Ela continuou: “precisamos de uma melodia que passe um pouco de tristeza por tudo que o Velho Chico vem passando, ele está agonizando, e precisamos incomodar as pessoas e tirar elas da zona de conforto para salvar o nosso Rio, dele depende a vida dos ribeirinhos e a nossa também.

C.O.: a fala daquela garota, que não aparentava ter mais de 15 anos, me tocou. Ela fez uma reflexão com criticidade e corresponsabilidade diante do problema do Velho Chico, e que esse problema só seria resolvido com a união de toda a sociedade. Senti que eles não queriam deixar passar a oportunidade de sensibilizar a sociedade para o problema que é de todos.

O cordel que estava sendo recitado era de autoria coletiva dos próprios educandos, ele também chamava a atenção para este bem tão precioso que é água e para necessidade e reponsabilidade que temos de preservá-la. O cordel foi recitado por três estudantes e dizia o seguinte:

Cordel de Autoria coletiva – educandos da EREMSNC**Estudante A**

Temos um bem precioso, que necessitamos para viver,
É a água que mata a sede, sem ela podemos morrer...
É a água que vem dos céus, que está nos rios e no mar,
Que surge em pequenas nascentes, pra nossa sede matar.

E para plantar nossos sonhos
É preciso preservar agora.
O nosso povo dormentense
É disposto toda hora.
Nessa luta estamos juntos,
Pra construir o futuro sem demora.

Estudante B

A água que hoje temos e que chega em nosso lar,
Mata a sede e nos banha, serve até pra cozinhar,
Mas o homem quando desmata, faz essa fonte secar,
Só vai valorizar esse bem, no dia que acabar.

Saiu o semeador a semear.
Semeou o dia todo,
E a noite o apanhou ainda
Com as mãos cheias de sementes.
Ele semeava tranquilo
Sem pensar na colheita
Porque muito tinha colhido
Do que outros semearam.

Jovem, seja você esse semeador
Semeia com otimismo
Semeia com idealismo
As sementes vivas
Da paz e da justiça

Estudante C

O desperdício é muito grande, bem como a poluição,
A água que desperdiçamos, está faltando no sertão.
Todo dia precisamos dela, mas dela não sabemos cuidar,
Essa água tão preciosa, um dia pode faltar...

Nosso povo é sonhador
Mas não esquecem e batalhar
Mesmo diante da seca e da dor
Se empenham, sem desanimar
Criaram até a raça Berganês
Pra a realidade transformar

O restante dos estudantes fazia o coro da música. Após algumas sessões de ensaios, a professora os levou para a sala dos professores, para que outros professores avaliassem a apresentação.

Na sala dos professores o grupo de estudantes repetiram os ensaios sob a supervisão de vários professores que viram que estava muito bom, sugeriram apenas que continuassem a ensaiar para aperfeiçoar, mas que já estava ótimo. Então os educandos foram para a quadra de esportes e continuaram a ensaiar. Após observação, fui fazer entrevistas com educadores e estudantes.

Figura 14-17: Imagens de estudantes ensaiando para apresentação cultural.



Fonte: o autor, 2018.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 07

07 de abril, 2018.
Samuel de Araújo.
6h10min – 16h22min.
Centro Casa da Roça.
7º conjunto de notas.

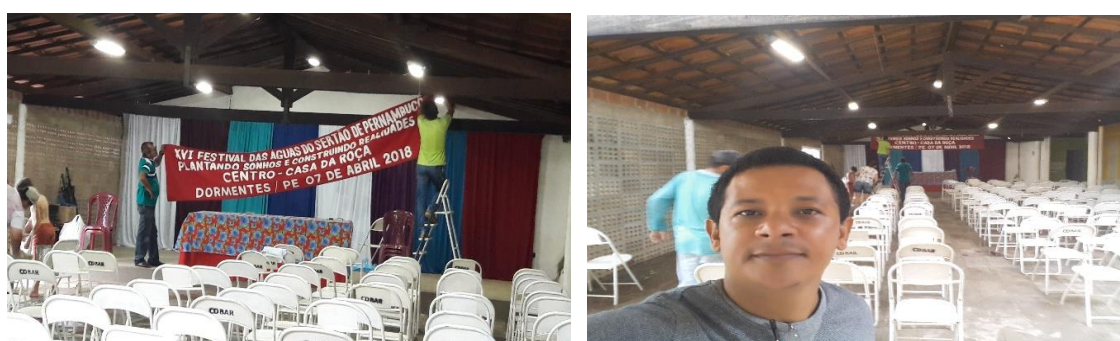
OBSERVAÇÃO DO FESTIVAL DAS ÁGUAS

Observação no Centro Casa da Roça durante evento do Festival das Águas

Chequei ao Centro Casa da Roça logo cedo, um pouco mais das seis da manhã. Os organizadores estavam revendo os últimos detalhes, pois em menos de duas horas o espaço estaria lotado de pessoas vindas de todos os recantos da Região.

Eu estive no local no dia anterior observando os preparativos e fiz alguns registros fotográficos. Os educadores populares estavam organizando com muito esmero, uns lavavam as cadeiras, outros as espalhavam pelo espaço, outros ainda varriam, outros colocavam faixas, alguns ornamentavam, enfim, havia um trabalho coletivo harmonioso.

C.O.: Todo o trabalho desenvolvido pelos educadores populares é voluntário, exceto os que dedicam tempo integral a trabalhos burocráticos da instituição. Abaixo pode-se ver alguns registros fotográficos que fiz no dia anterior ao Festival das Águas. Pude presenciar um ambiente bem cuidado, com muitas plantas e jardins e as pessoas empolgadas para o que para eles representavam um grande evento, enfim, tudo pronto para receber um grande público no outro dia.

Figuras 18-19: Preparativos para o Festival das Águas.

Fonte: o autor, 2018.

Por volta das sete horas da manhã, começaram chegar ônibus escolares com estudantes, professores e pessoas de todas as comunidades. Uma longa fila se formou em frente ao Centro Casa da Roça para fazerem seus cadastramentos. Havia muitos jovens estudantes, em pouco tempo todas as cadeiras do Centro estavam ocupadas, mas, ainda continuavam a chegar caravanas de muitas outras localidades e municípios vizinhos, arrisco fazer uma estimativa de que havia no local cerca de duas mil pessoas.

Figuras 20: Preparativos para o Festival das águas.



Fonte: o Autor, 2018.

À medida que foram chegando as caravanas os educadores populares iam fazendo o acolhimento e os encaminhando para o refeitório para tomarem o café da manhã.

Figuras 21: Preparativos para o Festival das águas



Fonte: o Autor, 2018.

Exatamente às sete horas e cinquenta e dois minutos, o senhor Manuel Ireto, coordenador geral do NEPS, fez a abertura oficial do XVI Festival das Águas, que neste ano de dois mil e dezoito teve como tema geral: plantando sonhos e construindo realidades. Dentro da abertura oficial, o senhor Manuel Ireto conduziu a mística de abertura, nela, cada liderança das

comunidades trazia a frente um símbolo que lhe representasse a paz, um trouxe uma bandeira branca, outro uma pomba branca, outro uma rosa branca, outro ainda uma bandeira com arco-íris, alguém trouxe uma bíblia, enfim, foram muitos os símbolos que constituíram a mística de abertura, mas todos ficaram em estado de reverência total, não se ouvia um ruído sequer.

C.O.: A mística é uma prática pedagógica muito utilizada pela Educação Popular. A mística é uma das formas em que é possível trazer para o ambiente de aprendizagem os sonhos, as esperanças das pessoas e a realidade vivida. Por meio dela, é possível materializar e fortalecer, por meio de símbolos, os sonhos e a esperança dos indivíduos ao serem celebrados coletivamente. outra forma é a utilização de músicas e danças que traduzem por meio da letra ou dos gestos os sonhos e a esperança das pessoas. Neste sentido, as práticas da Educação Popular devem estar conectadas com as ações concretas da realidade dos educandos.

Depois da mística de abertura do Festival, foi feita uma bonita homenagem ao ex-prefeito Geomarco de Sousa Coelho, que havia falecido no ano anterior, mas, considerado pelos educadores populares como um dos grandes incentivadores e parceiros de todo o trabalho que o NEPS realiza. Sua esposa, Maria do Socorro Coelho, recebeu a homenagem: uma linda escultura em madeira do ex-prefeito, montado num cavalo, feita por um artesão local, enquanto solenemente era feita a entrada da escultura, uma agricultora lia a frente a história de sua vida e obra em prol do povo dormentense.

Após a abertura oficial, seguiu-se a grande plenária com palestras que, após cada uma delas o público podia participar, opinando, criticando, sugerindo, enquanto alguns educadores populares faziam anotações de tudo. As palestras tinham os seguintes temas: plantando sonhos e construindo realidades no Semiárido; redes sociais, podem ajudar ou modificar a vida das pessoas; mulheres do campo e da cidade, sem preconceitos, com direitos e liberdade; e por fim, desafios e perspectivas da atual conjuntura na vida do povo do Semiárido.

Figura 22: Grande Plenária - palestras durante o XVI Festival das Águas.



Fonte: o autor, 2018.

As pessoas estavam atentas a cada discussão, um momento de bastante aprendizagem e reflexão. Após a grande plenária com as palestras, mais especificamente às doze horas e quinze minutos, foi servido o almoço para todos que quisessem. Paralelo ao almoço, acontecia no pátio do Centro Casa da Roça a Feira de Saberes e Sabores, com uma diversidade muito grande de produtos da agricultura familiar, além de sementes e cascas de plantas da caatinga que são utilizadas pela medicina popular.

Os trabalhos retomaram às treze horas e quarente e dois minutos com as apresentações culturais preparadas pelas escolas, a este momento chamou-se de Tenda cultural dentro do Festival da Águas.

Figuras 23-32: Apresentações culturais de educandos no Festival das Águas.





Fonte: o autor, 2018.

Foram muitas às apresentações, todas produzidas por estudantes de escolas da rede pública, sobre os mais variados temas, envolvendo a cultura e os problemas sociais do povo do Semiárido nordestino ligados a problemática da água.

C.O.: Tão importante quanto construir o conhecimento é partilhar esse conhecimento com outros educandos e com a comunidade. Estes projetos da Educação popular permitem que os educandos se utilizem das manifestações culturais como ferramentas para a aprendizagem e para compartilhar o conhecimento com a sociedade.

O momento que os educadores populares chamam de Tenda Cultural, com as apresentações culturais temáticas, se encerrou as dezesseis horas e vinte e oito minutos. muitos retornaram para casa, outros, por morarem muito distante, ou até mesmo de outros municípios, ficaram alojados no próprio Centro Casa da Roça, que também serviu o jantar para aqueles que ali pernoitaram.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 08

17 de maio, 2018.
Samuel de Araújo.
15h10min – 19h38min.
Centro da cidade de Dormentes.
8º conjunto de notas.

OBSERVAÇÃO DA PUXADA DO BODE

Observação durante evento do Puxada do Bode pelas ruas da cidade de Dormentes

A Concentração aconteceu em frente à Secretaria de Educação do município de Dormentes. Era precisamente quinze horas e dez minutos. As pessoas iam chegando de todos os recantos do município e dos municípios vizinhos, como Afrânio, Santa Filomena, Santa Cruz e Petrolina.

Toda aquela aglomeração que estava se formando era para se promover a VII Puxada do Bode, que neste ano de dois mil e dezoito tem como tema: porco, galinha e bode é a poupança do pobre. A Puxada do Bode é um desfile pelas ruas do centro da cidade de Dormentes que culmina no pátio de eventos da cidade de Dormentes, onde já se encontra um palco armado para as apresentações das comunidades e conta com as presenças de autoridades de vários municípios.

A Puxada do Bode, além de chamar a atenção para a principal vocação econômica do município, que é a caprinovinocultura, ela envolve a cultura popular e traz à tona diversos problemas sociais da Região para serem discutidos ou pelo menos chamar a atenção da sociedade. É um momento que se faz com seriedade, mas, também com muita alegria, uma verdadeira festa. Neste ano de 2018, contou com a presença de três bandas de fanfarras, uma do próprio município de dormentes, outra vinda de Afrânio e outra de Petrolina.

A Puxada do Bode passou pelas ruas da cidade em forma de desfile cívico, cada ala trazia algo relacionado com o tema, mas que havia sido discutido nas comunidades ou nas escolas. Muitos foram os assuntos, como por exemplo: A escola Maurício José Rolim Cavalcanti trabalhou na escola e trouxe para a Puxada do Bode sobre “Desenvolvimento sustentável de Dormentes nos últimos 20 anos”; a Escola Municipal do distrito de Lagoa de Fora trabalhou a “Agricultura familiar”; a escola José Zuca da Silva, da comunidade de Vila Nova, que trouxe a denúncia sobre as agressões que o bioma caatinga vem sofrendo, pelo

desmatamento, queimadas, mudanças climáticas, caça ilegal entre outras, com um alerta para a sociedade não destruir nossa fonte de vida; a ala de maior destaque era a dos criadores de caprinos e ovinos, que vinham vestidos em uma camisa que destacava o evento e o NEPS. Havia dezenas de alas, não vou aqui descrevê-las todas, mas irei anexar alguns registros fotográficos. As alas quando não trazia algo de relevância social para uma reflexão crítica, trazia algo relacionado à cultura popular do povo sertanejo.

Figuras33-40: Alas da Puxada do Bode pelas ruas da cidade de Dormentes.





Fonte: o autor, 2018.

Assim, a Puxada do Bode percorreu as principais ruas da cidade ao som de bandas de fanfarras enquanto a população assistia atentamente a tudo nas calçadas das residências e do comércio local. O Ponto final foi o pátio de evento, onde havia instalado um palco com as autoridades dos municípios e grande número de pessoas concentradas, foi neste ponto que algumas alas faziam apresentações ou era apenas lida a ementa de cada ala para que todos assimilasse a mensagem que os educandos estavam passando para a sociedade.

Figuras 33-40: Apresentação das Alas da Puxada do Bode diante do palco com autoridades.



Já era noite, exatamente as nove e trinta e oito minutos, finalizei minhas observações, registrando a riqueza cultural e de conhecimento que os educadores populares, em parceria com as escolas, trouxeram para as ruas da cidade de Dormentes. No dia seguinte, eu tinha que fazer outra observação na Tenda Cultural do Projeto Terreiro Cultural do NEPS, dentro do evento da Caprishow.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 09

18 de maio, 2018.

Samuel de Araújo.

8h013min – 10h25min.

Pátio de eventos da cidade de Dormentes.

9º conjunto de notas.

OBSERVAÇÃO DO PROJETO TERREIRO CULTURAL

Observação durante evento da Caprishow da Tenda Cultural como parte do Projeto Terreiro Cultural do NEPS.

Cheguei ao pátio de eventos onde estava montada a Tenda Cultural, umas das ações do projeto do NEPS “Terreiro Cultural”, que valoriza e cultura popular da Região do Sertão nordestino. Iniciei minhas observações às oito horas e treze minutos.

Já acontecia concomitantemente a exposição de caprinos e ovino. Os educadores populares tem por costume aproveitar eventos da própria comunidade para fazer seus eventos de massa. A tenda já estava armada, logo começaria as apresentações culturais.

Figura 41: Tenda Cultural do Projeto Terreiro Cultural.



Fonte: o autor, 2018.

Aos poucos, as pessoas foram se aproximando do palco da tenda cultural, até que todas as cadeiras ali colocadas para o público assistir estavam ocupadas. As apresentações seguiam o mesmo estilo das que eu assistir durante o Festival da Águas, porém, necessariamente não havia necessidade de estar ligadas a um tema de relevância social para reflexão do público que assistia.

Figuras 42-45: Apresentação na Tenda Cultural do Projeto Terreiro Cultural.



Fonte: o autor, 2018.

Cada apresentação era feita de forma muito simples. Do povo, pelo povo e para o povo. As pessoas se viam nas músicas, nas dramatizações e nas apresentações culturais ali no palco. As pessoas se divertiam bastante. Foi um momento de reafirmar a identidade de ser sertanejo, de ser nordestino, povo forte, povo aguerrido.

O Coordenador do NEPS assistia a tudo ali em um canto, com os braços cruzado e com um ar reflexivo. Acredito que satisfeito com a realização de mais uma ação de massa dos educadores populares do Sertão.

Às dez horas e vinte e cinco minutos da manhã, me dei por satisfeito de tudo que já havia assistido e encerrei minhas observações.

NOTA DE CAMPO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 10

23 de maio, 2018.
Samuel de Araújo.
16h02min – 16h37min.
Quintal Produtivo.
10º conjunto de notas.

OBSERVAÇÃO DO PROJETO QUINTAL PRODUTIVO

Observação em Quintal Produtivo na Comunidade Baixa da Lagoa de Baixo, uma ação do NEPS ligado à Educação Popular nas comunidades.

No dia 23 de maio de dois mil e dezoito, fui fazer esta observação no Quintal Produtivo de Dona Maria de Lourdes. Uma senhora de 59 anos de idade que foi educanda do NEPS por muitos anos, e por meio do incentivo dos educadores populares construiu seu quintal produtivo.

Ao chegar ao local, parecia um oásis no meio do sertão seco e árido. A senhora Maria de Lourdes me recebeu com um largo sorriso no rosto. Eu lhe perguntei: “posso ver de perto seu Quintal Produtivo?” Ela me respondeu: “com certeza, mostro com todo prazer, ele já esteve melhor, mas ainda está ativo, vamos lá então”. Da sua casa nos dirigimos ao seu Quintal Produtivo, que ficava a aproximadamente 150 metros de distância de sua residência.

Ao me aproximar já via uma cisterna tipo calçadão construída em parceria com NEPS, olhei ao redor e identifiquei que aquela era a única fonte de água para irrigar seu Quintal Produtivo. Então, perguntei: “a água armazenada durante o período de chuva é suficiente para irrigar sua plantação durante o resto do ano?” Ela respondeu: “não, quando ela fica vazia nós compramos água de carro pipa”.

C.O.: Este tipo de Cisterna captura água da chuva por meio de um calçadão construído de cimento e pode armazenar até 52 mil litros d’água, o suficiente para, com economia, abastecer uma família durante o período de seca que ocorre todos os anos no Nordeste. Grande parte da população do Nordeste é abastecida com água de carro pipa, vinda de grandes barragens ou até mesmo de rios distantes.

Figuras 46-48: Quintal Produtivo, Sítio Baixa da Lagoa de Baixo.



Fonte: o autor, 2018.

Para implementar os Quintais Produtivos, além da formação e do conhecimento necessário para plantar e produzir com qualidade e livre de agrotóxicos, o NEPS faz parcerias com entidades públicas e privadas para financiar para o pequeno agricultor que, muitas vezes, pouco tem para se sustentar e manter a sua família, toda a infraestrutura do Quintal Produtivo.

Em seu Quintal Produtivo, a senhora Maria de Lourdes cultiva uma diversidade de verduras e frutas: alface, coentro, cebolinha, rúcula, couve folha, tomate, mexerica, abóbora, pimentão, pimenta de cheiro e mamão. Sua produção é para o consumo da família e o excedente ela vende na feira agroecológica na cidade de Dormentes.

Após as observações, que se encerraram às dezesseis horas e trinta e sete minutos, fiz uma entrevista com Dona Maria de Lourdes.

II PARTE - TRANSCRIÇÃO DO APÊNDICE B (Entrevistas em áudio em CD)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 01

Entrevista com estudantes A, gênero masculino, 14 anos.
03 de abril de 2018.

O estudante está matriculado no 9º ano do ensino fundamental II da escola Maurício José Rolim Cavalcanti, a entrevista foi concedida na biblioteca da escola após ensaios para apresentação no Festival das Águas.

I: Você já participou de algum evento promovido pelos educadores populares do Sertão de Pernambuco, a exemplo do Festival das Águas ou a Puxada do Bode?

EA: Eu participei do Festival das Águas com uma dança para mostrar a cultura do Nordeste.

I: Qual foi seu sentimento ao se envolver nesta apresentação?

EA: Foi bom, porque foi a primeira vez que eu fui lá, eu nunca tinha ido e me falaram que era bom, me chamaram para a apresentação e eu fui, e lá mostrava tudo sobre a cultura do nordeste, e “foi massa para aprender as coisas”.

C.I.: O Jovem estudante usa uma gíria para expressar que a aprendizagem sobre a cultura nordestina aconteceu de forma prazerosa. Para ele as suas expectativas foram superadas.

I: Você sentiu alguma diferença entre a forma que você aprendeu no Festival das Águas e a maneira como você aprende na sua escola?

EA: É porque aqui na escola só aprendemos sobre a cultura do nordeste em evento mesmo, nós não temos uma matéria fixa para isso, na sua maioria, aprendemos coisas do nordeste somente no Festival das Águas, isso foi um avanço para nós, saber mais coisas sobre o Nordeste.

I: Por que você acha importante aprender sobre a Região Nordeste?

EA: Porque para ficar num lugar a gente tem que conhecer, como é que você vai saber da cultura, do meio de sobrevivência, da economia do lugar onde você mora, se você não estuda

sobre ele? Quando se aprende sobre a cultura de Dormentes a gente se reconhece nessa cultura.
É a sua cultura.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 02

Entrevista com estudante B, gênero feminino, 14 anos.
03 de abril de 2018.

A estudante está matriculada 9º ano do ensino fundamental II da escola Maurício José Rolim Cavalcanti, a entrevista aconteceu na biblioteca da escola, após ensaios de apresentação cultural para o Festival das Águas.

I: Como foi seu envolvimento no projeto Festival das Águas?

EB: Eu convido alguns alunos de cada turma para formar um grupo de apresentação, pesquisamos na internet sobre o assunto, de acordo com o que nos pedem, aí nós montamos a apresentação.

I: Fale um pouco como se deu essa pesquisa e como foi o envolvimento dos outros alunos.

EB: No Festival das Águas o nosso tema é sobre o Sertão, a gente pesquisou e fez até um poema, aí a gente também organizou uma apresentação que foi com aquela música chuva de honestidade de Flávio Leandro, no final, a gente canta o hino de Pernambuco demonstrando o homem sertanejo.

I: Então todo trabalho e organização foi feito por vocês estudantes? e os professores, como foi a participação deles?

EB: Eles colaboraram, principalmente, na elaboração do poema, principalmente os professores de português que nos ajudaram a montar o poema e a coordenadora a pesquisar no computador da direção.

I: Além da internet, de onde veio a inspiração para vocês abordarem no poema sobre o povo sertanejo e sobre a questão da água?

EB: Na verdade, a gente pegou alguns livros aqui na biblioteca que falam sobre a questão da água e a gente foi montando, mas, a maioria veio da gente mesmo, a gente foi só escrevendo e deu certo.

I: Como se deu a participação de seus colegas estudantes na apresentação da dança?

EB: Alguns ajudaram a criar os passos da dança que a gente montava e, a maioria ajudava, só que outros não tanto.

I: Vejo que vocês utilizaram a cultura popular para transmitir uma mensagem para a comunidade, como por exemplo, a música em ritmo de forró, a dança e o poema, mas, o que ficou de conhecimento para vocês após a apresentação?

EB: O que mais ficou de aprendizado foi, de alguma forma, a gente ter conhecido a cultura, principalmente as músicas da gente, que muitas vezes a gente não valorizava porque não conhecia. A pesquisa fez a gente escutar muitas músicas que a gente nunca tenha ouvido.

I: A apresentação que vocês fizeram era para toda a comunidade e para muitas escolas que ali estavam participando. Qual o sentimento de vocês passarem essa mensagem de valorização da cultura popular e do Sertão? Qual foi a reação das pessoas?

EB: Eu acho que a mensagem que a gente queria passar para as pessoas é que se deve valorizar a nossa cultura e o homem sertanejo que trabalha na roça, enfim, eu acho que as pessoas conseguiram entender isso.

I: Como é a receptividade dos alunos ao receberem esse tema a ser trabalhado no Festival das Águas?

EB: No meu caso, eu fico ansiosa e quero adiantar as coisas, fazer tudo bem feiro pra ficar bonito, mas, eu acho que todo mundo gosta de participar dessas coisas e ficam ansiosas na expectativa, por isso, os alunos se envolvem.

EB: Eu acho que dessa forma a gente aprende mais, é prazeroso, a gente acaba se envolvendo mais.

I: Que importância estes projetos têm para sua aprendizagem e para sua vida pessoal?

EB: É de uma grande importância, porque como já disse, de alguma forma, a gente acaba aprendendo mais, é algo mais prazeroso, que envolve as coisas que a gente realmente gosta, principalmente, com os amigos. É nesses momentos que a gente acaba se envolvendo e aprendendo uns com os outros.

I: Muito bem gostei muito de ter conversado contigo. Muito obrigado.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 03

Entrevista com a professora A, gênero feminino, 46 anos.
03 de abril de 2018.

Professora formada em Ciências Biológicas, leciona Ciências na escola municipal de ensino fundamental II, Maurício José Rolim Cavalcanti. A professora era uma das orientadoras dos estudantes em projeto do Festival das Águas.

I: Como acontece a participação da senhora e de seus alunos no Festival das águas promovido pelo NEPS?

PA: Sempre começamos com uma reunião, pois o tema não é escolhido por nós, já vem escolhido pelo próprio NEPS, para encontrar as melhores maneiras de desenvolvê-lo, dentro de nossas possibilidades.

I: Como os estudantes são envolvidos em todo esse processo para se trabalhar o tema indicado pelo NEPS?

PA: Eles já possuem conhecimento como funciona o Festival das Águas, mas, primeiro, a gente tem uma conversa para desenvolver o tema, fazemos uma triagem para saber quem vai participar, de acordo com a vontade e possibilidade de cada um (pois os outros participam como ouvintes).

I: Estes projetos promovidos pelos educadores populares, envolvendo os alunos desta escola, acontecem durante o horário das aulas?

PA: Não, esses eventos acontecem geralmente nos finais de semana. Eles envolvem todas as escolas, comunidades e até o público em geral.

C.I.: A professora comenta que o aluno do interior do município é mais “desenrolado” para participar de apresentações culturais, se envolve mais com os temas trabalhados em relação aos que residem na sede do município.

I: Então a senhora considera que os alunos do interior estão mais próximos da realidade dos temas trabalhados pela educação popular?

PA: Isso! até nas apresentações culturais é como se tivesse mais haver, o negócio tá mais alinhado, né isso? isso! Exatamente! o aluno da sede está mais globalizado, mais alinhado com o a cultura geral.

I: A senhora atribui alguma importância ao saber popular, o conhecimento do povo, para a formação cidadã dos estudantes?

PA: Muito importante! muito mais importante do que as próprias pessoas consideram.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 04

Entrevista com coordenador pedagógico
A, gênero feminino, 39 anos.
03 de abril de 2018.

A entrevista feita com a coordenadora pedagógica ocorreu na sala da coordenação da própria escola Maurício José Rolim Cavalcanti. Ela é formada em Licenciatura em Letras Português e exerce esta função a aproximadamente dois anos.

I: De que forma as apresentações culturais da cultura popular feitas pelos alunos vem contribuir para sua aprendizagem e fortalecer a construção do conhecimento?

CPA: Eu acredito que é um complemento do que vivenciamos na escola, na verdade é um resgate da cultura, trazemos as culturas para escola, para sala de aula e elas auxiliam e complementam a aprendizagem.

CPA: Eu acredito que ao estudar essas culturas, os alunos fazem uma certa análise de como era no passado e como é no presente, eu acredito que tem como resgatar princípios e valores que muitas vezes são deixados para trás.

I: Qual a importância de se trabalhar sobre a cultura popular com os alunos como complemento do saber acadêmico?

CPA: Cada aluno antes de adquirir conhecimento acadêmico ele já tem em si uma cultura, ele aprende em casa, ele já traz sua vivência cultural que com o conhecimento acadêmico se complementam.

I: Então você concorda que a utilização da cultura popular no processo de aprendizagem pode ser um fator decisivo na formação acadêmica do estudante?

CPA: Sim, concordo!

I: Eu agradeço por ter me concedido a entrevista. muito obrigado.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 05

Entrevista com diretor escolar DE, gênero feminino, 54 anos.
04 de abril de 2018.

A diretora escolar trabalha na Casa da Criança Santa Maria que atende crianças de 3 a 5 anos de idade com creche e educação infantil. A entrevista ocorreu na escola. Comecei desejando-lhes um bom dia e explicando sobre meu objetivo em estar entrevistando-a, como também que não haveria resposta certa ou errada.

I: Quais os projetos que vocês tiveram parceria durante o ano letivo de 2018 com os educadores populares?

DE: O Festival das Águas e a Puxada do Bode.

I: Quando os temas destes projetos chegam até vocês para serem discutidos e trabalhados como é a receptividade dos professores desta escola?

DE: Eles aceitam com tranquilidade, até porque eles têm satisfação em participar, já faz parte da proposta da escola vivenciar projetos deste tipo, quando o tema chega, logo é incluído nos conteúdos a serem trabalhados no bimestre pelas crianças.

I: Então o tema a ser trabalhado com os estudantes já passa a fazer parte do próprio projeto da escola?

DE: É, isso mesmo. Os temas do Festival das Águas e a Puxada do Bode a gente já trabalha em forma de projeto ligando a alguns conteúdos a ser vivenciados pelo currículo. Tudo se encaixa perfeitamente.

I: Qual a Idade dos seus alunos?

DE: Entre 3 a 5 anos.

I: Qual a importância de se trabalhar estes projetos com esses estudantes nesta faixa etária?

DE: Permite que os pequenos comecem a formar neles sua identidade cultural, desenvolva a oratória da criança, desenvolva a coordenação, desenvolva a parte de lidar com o público, dentre outras habilidades trabalhadas.

I: Qual foi o tema, mais especificamente, que vocês trabalharam no Festival das Águas?

DE: No Festival das Águas, trabalhamos bastante o valor da água para nossa Região e os cuidados que devemos ter para preservá-la.

I: Como foi trabalhado este projeto com os estudantes?

DE: Nós trabalhamos muito com dramatizações. Histórias contadas, assistidas também como vídeos, músicas, geralmente nós trabalhamos assim. No momento da acolhida sempre damos uma “pincelada” sobre o tema. É na acolhida o espaço onde realmente se trata com maior ênfase o tema, é o momento que está todo mundo. Tem participação de todos os professores e dos alunos.

DE: Os professores às vezes dramatizam eles mesmos, eles envolvem o aluno no momento, então fica interessante, é a melhor forma, porque a gente trabalha a linguagem do aluno. A linguagem que eu falo é trabalhar o máximo possível no lúdico.

I: Vejo que vocês trabalharam a problemática da água da nossa Região utilizando-se da cultura popular. Qual a importância de se trabalhar a cultura popular no contexto de temas da própria realidade do estudante?

DE: Hoje, dificilmente a gente encontra nossos filhos conhecendo suas raízes, por isso, eu sou de pleno acordo que a escola resgate e não deixe esquecido tudo aquilo que é cultura, aquilo que é valores. A água na atualidade deve ser trabalhada dentro de um processo histórico e cultural, as famílias também não podem ficar de fora dessa discussão, por esse motivo, nós também trazemos as famílias para a escola para serem trabalhados esses temas. Até porque nós procuramos sempre envolver as famílias por meio de atividades que os estudantes levam para casa, então, os pais se envolvem e tem sua participação.

I: Qual a importância da Cultura popular na formação integral dos estudantes?

DE: Muitas vezes, a escola se preocupa somente com o cognitivo, mas a gente deve formar cidadão, considerando todas as dimensões do ser humano. Assim, Quando se utiliza a

cultura popular para trabalhar um tema que a criança vivencia no seu dia a dia, quando você consegue colocar ela para se expressar, para se questionar, ela vai refletindo, talvez ela nem perceba que está refletindo, sobre o que está acontecendo ao redor dela, mas acreditamos que ela vai ter uma ação futura sobre o contexto que está sendo trabalhado, porque são coisas que não estão distantes de sua realidade, nem hoje e nem no futuro.

DE: Por exemplo, a problemática da água. Pois, a partir do momento que se trabalha com a criança que a água não deve ser poluída, que deve ser tratada para o consumo, que seu corpo necessita de água, ela levará esse aprendizado para o resto da vida. A criança deverá fazer uma leitura não somente de letras, mas de mundo.

I: É possível ver mudança no comportamento das crianças após a vivência desses projetos de Educação Popular propostos pelo NEPS?

DE: Após a vivencia desses projetos, os pais chegam comentando conosco sobre a mudança nas atitudes dos seus filhos em casa, isto é um início de que nosso trabalho teve resultado, houve aprendizagem significativa.

I: Como vocês avaliam o trabalho dos educadores populares na nossa Região.

DE: É admirável quando se ver todo esse trabalho. Ver as pessoas descobrindo seu potencial, expondo seu trabalho, sua arte e descobrindo que eles têm voz, que eles podem se expressar e lutar por seus direitos e por algo melhor.

I: Agradeço a vocês pelas contribuições, obrigado.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 06

Entrevista com estudante C, gênero masculino, 15 anos.
06 de abril de 2018.

O estudante está matriculado o no primeiro 2º ano do ensino médio da EREM Senador Nilo Coelho, a entrevista ocorreu na própria escola.

I: Como são trabalhados os temas do Festival das Águas e da Puxada do Bode em sua Escola?

EC: Os temas sugeridos são bem trabalhados aqui na escola por meio de projetos e apresentações culturais, dentre outras atividades.

I: Como foi o seu envolvimento?

EC: Participei de diversas formas, como por exemplo recitando cordel e tocando instrumentos musicais acompanhando algumas músicas, dancei numa apresentação fazendo uma coreografia. Participei também da Puxada do Bode e da Tenda Cultural

I: De que se tratava essa coreografia?

EC: Era a respeito das águas do Rio São Francisco. A música tocava a alma: Chamava-se “Boato do ribeirinho” de Targino Gondim, muito bonita, faz parte da cultura popular nordestina, e o cordel falou sobre Dormentes em tudo da importância e da Caprishow na economia da cidade.

I: Qual a mensagem central que vocês pretendiam passar com essas apresentações?

EC: Antes de tudo, a importância da nossa cultura, mais especificamente da cultura do Nordeste e do nosso município, isto tanto no Festival das Águas, quanto na Puxada do Bode, como na Tenda Cultural.

EC: Tudo isto vou levar para o resto da minha vida. É de suma importância para a sociedade, porque envolve assuntos que nem sempre damos a importância devida, nos causa reflexão, e a reflexão nos proporciona chegar nas soluções. Isto é muito importante.

I: Eu agradeço a sua contribuição por expor seu ponto de vista, sua forma de entender a questão da Educação Popular.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 07

Entrevista com estudante D, gênero feminino, 16 anos.
06 de abril de 2018.

A entrevistada é estudante do 1º ano do ensino médio da Escola de Referência em Ensino Médio Senador Nilo Coelho. Participou de toda elaboração da apresentação da escola para o Festival das Águas, sendo também uma das autoras do cordel.

I: Anualmente, sabe-se que o NEPS promove alguns eventos ligados a Educação Popular, por exemplo, o Festival das Águas e a Puxada do Bode. Como são trabalhados os temas abordados por estes projetos aqui na sua escola?

ED: Aqui na escola alguns professores, como por exemplo o de humanas, fazem atividades voltadas para produção textual. Este ano, o texto foi sobre a questão da água mesmo, sobre cuidar da água, o desperdício da água, sobre o Rio São Francisco, sobre os ribeirinhos, e tudo mais que está relacionada a nossa água. Primeiro, os professores nos trazem alguns textos e alguns vídeos para discutirmos em sala de aula, para nos inspirar para o trabalho, depois nós partimos para as produções de trabalhos em grupos.

I: Fale como foi seu envolvimento e sua participação nesses projetos.

ED: Eu fui convidada pela professora Antonieta a produzir e declamar, juntamente com meu colega Diego, um cordel falando do desperdício da água envolvendo o enredo de um semeador que saiu a semear.

I: E a apresentação?

ED: Bem, o cordel foi produzido coletivamente, com o auxílio de outros colegas alunos, os professores nos auxiliavam sempre que precisávamos. Depois da declamação, a gente finaliza cantando, como se fosse um coral, com o acompanhamento de outros alunos que formam uma pequena banda de instrumentos nordestinos, como sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro. Esta será a apresentação do Festival das Águas.

I: Deixe-me ver se eu entendi. Vocês pesquisaram e compuseram um cordel, ou seja, autoria do cordel foi coletiva?

ED: Isso mesmo!

I: Na sua visão, qual a diferença entre aprendizagem construída por meio de uma apresentação cultural como esta e outra forma de aprendizagem que é construída na sala de aula, em aulas normais do cotidiano da escola?

ED: Eu acredito que o maior aprendizado que eu recebi foi o fato de realmente se trabalhar em parceria, em equipe, e poder aprender a colocar em prática aquilo que eu estava estudando em sala de aula. Outro ponto importante é o intercâmbio de escolas, são várias escolas falando do mesmo tema, com os mais diversos tipos de apresentações culturais, vários pontos de vistas, isso enriquece muito nossa aprendizagem.

I: Então você concorda que a utilização da cultura popular é importante e favorece no processo da aprendizagem?

ED: Eu penso que favorece. Até porque a escola dá somente uma base, porém, ela não dá tudo. A música popular, como o forró, com sua letra e ritmo que contagia, o cordel, uma literatura popular tipicamente nordestina, enriquece meu aprendizado de forma dinâmica, livre e gostosa de aprender sobre algo tão sério e importante, que é a água para o sertanejo.

I: Me fale mais um pouco como o saber e a cultura popular tem impactado sua aprendizagem e sua formação acadêmica?

ED: Posso dizer que o saber e a cultura popular permitiram ampliar minha visão de mundo. Porque, por exemplo, não tenho como produzir e declamar um cordel sem entender o que é o processo de desertificação em todo o seu contexto, sem pegar o sotaque e o jeito de recitar do povo nordestino, como ter uma postura descontraída numa apresentação, na forma de andar, de falar, de cantar e de agir. Somente nestes momentos podemos aprender e exercitar isto, o que seria diferente com conteúdos somente dentro da sala de aula.

I: Qual a mensagem principal que vocês estão levando para as comunidades e para as outras escolas por meio do cordel e da música apresentados no Festival das águas?

ED: A principal mensagem do cordel é a preservação da pouca água que ainda resta no Rio São Francisco, do desperdício que fazemos, lavando carros com mangueira, tomar banho demorado, enfim, preservar melhor a água. A música, ela fala que se nós não cuidarmos do Rio

os ribeirinhos eles irão morrer, porque não terão onde nadar, onde pescar e não terão como se sustentar.

I: Foi dado pela escola a vocês estudantes autonomia e liberdade de criar a apresentação e na forma de abordar o tema?

ED: Quando decidimos que levaríamos para o Festival das Águas uma apresentação com cordel, os professores levaram para nós um vídeo que ensinava como declamar cordel, só que era coisa básica, o resto dependia de nós fazermos as adaptações da nossa maneira. Com relação a música escolhida, ela tinha apenas uma melodia e os professores nos deram espaço para que a cada estrofe da música a gente fizesse o ritmo e a melodia que a gente queria para poder encaixar o cordel e harmonizar com a música. Então, sim, eles nos deram espaço para a criatividade e nos deram liberdade.

I: Qual seu sentimento em participar de um evento de Educação Popular como esse abordando um assunto tão importante para a comunidade?

ED: Quando a gente chega lá fora e a gente começa a se envolver no projeto, a gente começa a perceber da necessidade de pensar em outras coisas além de nós mesmos, eu acho que ele mexe positivamente com nossa solidariedade com a nossa empatia, ele nos ensinou a ter empatia pelas causas que estão além das nossas.

ED: Um dos maiores sentimentos que tive foi o de poder ser escolhida para ir lá representar minha escola e falar o que muitas pessoas tentam dizer em voz alta e não conseguem. Então, eu sinto orgulho e alegria em poder lá, em frente à comunidade, falar para unir nossas forças e começar a quebrar as barreiras do medo, a nossa voz pode ser ouvida.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 08

Entrevista com estudante E, gênero feminino, 15 anos.
06 de abril de 2018.

O estudante está matriculado o no primeiro 2º ano do ensino médio da EREM Senador Nilo Coelho, a entrevista ocorreu na própria escola.

I: O que exatamente vocês abordaram na sua apresentação cultural no Festival das Águas?

EE: A gente abordou sobre a importância da água, a importância de se preservar a água como um bem precioso e a sua importância para nossa vida, porque sem água nós não sobrevivemos, nós não somos nada, a gente tentou passar isso, a importância da água para nossa vida, a importância de preservar e cuidar bem dela.

I: A mensagem que foi passada para a comunidade na forma de apresentação cultural trouxe algum impacto para você como pessoa?

EE: Acho que às vezes a gente pensa que o que a gente faz já tá bom, que já tá ótimo, mas a gente se esquece que às vezes a gente tem que fazer isso e muito mais, por nós e por aqueles não fazem nada, eu pude perceber que poderia fazer mais e melhor para preservar e cuidar da água.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 09

Entrevista com professor B, gênero feminino, 38 anos.
06 de maio de 2018.

Entrevista com a professora das disciplinas empreendedorismo e projeto de vida da Escola de Referência em Ensino Médio Senador Nilo Coelho, uma das professoras orientadoras dos alunos na apresentação cultural no Festival das Águas.

I: Como a Senhora ver essa parceria entre a escola Senador Nilo Coelho e o NEPS por meio de projetos como a Puxada do Bode, o Festival das Águas e o Terreiro Cultural?

PB: Eu vejo de forma muito positiva, porque podemos aproveitar o resgate e a valorização de culturas para trabalhar o estudante como um todo, de forma integral.

I: A utilização da cultura popular pode ser um fator de crescimento para o desenvolvimento da formação acadêmica do estudante? Ou a senhora considera algo desnecessário?

PB: Eu acho que é necessário, o estudante precisa construir sua identidade.

I: Na escola que a senhora trabalha existe alguma flexibilidade dentro do próprio currículo para ser trabalhado esse conhecimento da cultura popular?

PB: Tem abertura sim, até porque nós temos vários projetos e dentre esses projetos a gente pode trabalhar e vivenciar a cultura, e quando a gente participa com o NEPS, principalmente na Puxada do Bode, em que o leque de opções é mais abrangente.

I: Então a senhora acha importante trazer o saber popular e a cultura popular para dentro das escolas?

PB: Sim. Por exemplo, na Puxada de Bode nós conhecemos uma coisa de nossa cultura que nunca havíamos trabalhado na sala de aula, a questão da carranca e do nego d'água, se eu tivesse trabalhado em sala de aula os meninos talvez não teriam fixado tão fortemente como ficou nessa questão das lendas.

I: Como são recebidas pelos professores e alunos os temas de interesse social trabalhados pela Educação Popular? A senhora considera estes temas são importantes para a formação de integral e acadêmica dos estudantes?

PB: Sim, eu acredito que são realmente. Eu costumo falar com meus colegas o seguinte: nada do que a gente se puser a fazer fica aquém do desejado. Fica muito bem feito porque quando a gente recebe esse tema a gente realmente dar o nosso melhor, nós temos alunos com diversas habilidades, que cantam, que produzem, que fazem cordel, dramatizam, que memorizam muito bem, então eles dão o máximo, as produções ficam belíssima, é uma escola que revela talentos através destes projetos que a gente realiza.

I: De que forma são explorados a criatividade, a criticidade e autonomia dos educandos neste processo de aprendizagem?

PB: Há uma coisa que nós não costumamos fazer quando recebemos o tema do NEPS, a gente não diz aos alunos o que vai fazer. A gente vai até os alunos e pergunta o que poderia ser feito com esse tema, a partir daí, eles trazem as ideias que, muitas vezes, são melhores do que as nossas, que ampliam as nossas ideias. Eles podem opinar no que fazer quando eles fazem uma apresentação, nós não damos apresentação pronta. É por meio destas produções que eles desenvolvem a criatividade, a criticidade e a autonomia.

I: A senhora está me dizendo que os professores apenas coordenam, e quem realmente coloca a mão na massa, quem faz a pesquisa das apresentações são os alunos?

PB: Isso mesmo. Muitas vezes o professor tem que fazer uma avaliação, porque nem todas as vezes o trabalho dos alunos está totalmente alinhado com o tema, então a gente faz um debate e ver o que é melhor, o professor dá uma coordenada. Assim, às vezes, o professor contribui, lógico, o professor ajuda, mas as produções surgem dos alunos.

I: Que benefícios são vistos na educação formal após estes trabalhos em parcerias com a Educação Popular?

PB: É notório a questão da ampliação do conhecimento, da solidariedade, principalmente durante o Festival das Águas. Tem debates e palestras, e eles participam de forma mais ativa, emitem suas opiniões, fazem questionamentos, tiram dúvidas. Eles realmente participam ativamente nisso.

I: Como se dá o envolvimento do professor nesse processo de aprendizagem e construção do conhecimento dentro do tema abordado?

PB: A primeira coisa que o professor faz é se atentar ao tema e pesquisar, porque nós vamos leva-lo para a sala de aula, os alunos vão produzir, mas a gente precisa saber se o que eles estão produzindo condiz com o tema, então a primeira coisa que a gente faz é se apropriar do conteúdo, é preciso que o professor tenha bagagem para orientar o estudante.

I: Como a senhora avalia o trabalho de Educação Popular desenvolvido pelos educadores populares do Sertão de Pernambuco no Município de Dormentes?

PB: Eu os parabenizo. Eu acho o trabalho deles bastante interessante. Antes de conhecer eu tinha curiosidade, há pouco tempo eu até fiz uma visita lá ao ambiente do NEPS, que coisa interessante, eles veem à cultura, à religiosidade, a questão dos orgânicos, vê a questão da alimentação, da sustentabilidade. Realmente eles melhoram a vida das pessoas.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 10

Entrevista com professor C, gênero masculino, 38 anos.
06 de abril de 2018.

Formada em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), é professor da rede estadual de Pernambuco a dez anos. Esta entrevista foi feita durante os trabalhos que antecederam o Festival das Águas e a Puxada do Bode, na Escola de Referência em Ensino Médio Senador Nilo Coelho.

I: Qual sua concepção a respeito de se trabalhar a Educação Popular com a educação acadêmica num mesmo ambiente educacional, ao se estabelecer parceria entre o NEPS e as Escolas?

PC: Eu acho que é fundamental, porque todo o conhecimento é propício para o crescimento do indivíduo, e se esse indivíduo pode unir o conhecimento popular, senso comum, ao conhecimento científico, então acho que a sociedade só tem a crescer com isso.

I: E como se deu a sua participação e dos seus estudantes no Festival das Águas e na Puxada do Bode?

PC: Esta escola sempre procura organizar uma apresentação que traga esse sentimento de participação, pois, ela está no cenário e faz parte do cenário, então, a escola sempre leva uma apresentação para o Festival das Águas e para a Puxada do Bode. Nossa temática foi a preservação do Rio São Francisco.

I: Há na sua escola flexibilidade no currículo para se trabalhar temas da Educação Popular?

PC: Sim, há essa flexibilidade, a escola não pode se fechar em si mesma, não pode trazer um currículo engessado. Então, isso só vai engrandecer o aluno tem no seu conhecimento, isso é fundamental para ele.

I: Esta escola é de educação integral. Até que ponto o saber popular da comunidade pode contribuir para a formação integral desses estudantes?

PC: Vou citar meu próprio exemplo. Eu trabalho com a disciplina de geografia e nós moramos numa Região de caatinga, então, a gente sempre trabalha com os alunos a desertificação, para eles explorarem suas ideias de como eles podem trabalhar, de como eles podem preservar, de como eles podem melhorar a cada dia o convívio no seu ambiente Semiárido.

PC: Então, a partir do momento que temos esse conhecimento prévio da vida desses alunos, mediante uma avaliação diagnóstica prévia, se sabe de onde ele veio, qual sua real situação, do espaço onde ele está morando, quais as suas dificuldades, quais suas necessidades, daí então se pode traçar um perfil de seus alunos e melhorar as práticas pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 11

Entrevista com coordenador pedagógico
B, gênero feminino, 43 anos.
09 de abril de 2018.

A professora é formada em licenciatura de língua portuguesa, atualmente exerce a função de assistente de gestão, embora desempenhe também a função de coordenadora pedagógica na Escola de Referência em Ensino Médio Senador Nilo Coelho (EREMSNC). Logo no início agradei a professora pela disponibilidade em reservar um tempo durante o expediente para me conceder esta entrevista.

Ela se mostrou bastante gentil e disponível. A entrevista aconteceu na secretaria da escola de forma bastante à vontade. falei que não havia resposta certa ou errada, mas que este estudo precisava o máximo de franqueza possível. Após uma breve conversa sobre o seu trabalho na escola e sua formação, a entrevista foi iniciada. Ao final agradei pela entrevista e me despedi.

I: Professora, sabe-se da parceria que o NEPS tem estabelecido com as escolas do município de Dormentes para promover Educação Popular nas escolas. Gostaria de saber que projeto esta escola vivenciou em parceria com NEPS, neste ano letivo de dois mil e dezoito?

CPB: Nós vivenciamos alguns projetos. O primeiro, e talvez o de maior repercussão, foi o projeto Festival das Águas, ele foi um projeto que toda escola, professores e alunos, recebeu e percebeu a importância dele por se tratar da temática da água, por ser um problema muito sério e tão presente aqui no nosso município, por isso, pode ser tão bem contextualizado.

CPB: Outro projeto, também de grande importância, que participamos em parceria com os educadores populares, foi a Puxada do Bode, o qual traz toda nossa cultura regional, valorizando a cultura em forma de resgate para nossa juventude, ele foi também muito produtivo e tivemos uma boa participação de estudantes e professores, enfim, todos os projetos propostos pelo NEPS nós abraçamos, eles tem sido muito positivos.

I: Qual o seu papel, como coordenadora pedagógica da escola, nestes projetos desenvolvidos em parceria com a Educação Popular?

CPB: Coordenar pedagogicamente a concretização destes projetos de forma que assegure uma aprendizagem significativa. Embora eles estejam ligados a uma educação não

formal, estão intimamente associados à nossa filosofia de educação integral de nossos alunos, eles estão ligados a formação de nossos alunos na questão do compromisso, na questão da cidadania e na questão da corresponsabilidade diante do mundo e da realidade local.

I: Durante o processo de aprendizagem, como é feito o envolvimento dos estudantes com a Educação Popular não formal oferecida por meio dos projetos do NEPS?

CPB: O NEPS, geralmente, indica o tema que a escola vai vivenciar. Daí a escola faz uma pesquisa sobre o tema e trabalha em sala de aula, para a partir daí, trabalhar com os alunos os mais diferentes gêneros textuais, como cordel, música, teatro, dança. Assim, os conteúdos e as aprendizagens são vivenciados por meio dos gêneros textuais trabalhados.

I: A pesquisa inicial que a senhora mencionou é feita pelos estudantes ou pelos professores?

CPB: A princípio é feita pelo professor, para que ele dê um norte para o estudante, em seguida, o estudante faz sua pesquisa de aprofundamento, depois das orientações do professor. Daí por diante o professor só acompanha e orienta os grupos formados por estudantes.

I: Neste sentido, pode-se afirmar que os estudantes têm liberdade de explorar sua criatividade, criticidade e autonomia durante o processo de aprendizagem e apropriação do tema estudado e proposto pelo NEPS?

CPB: Totalmente, o aluno tem a liberdade de fazer o que ele quiser, do jeito que ele quiser, porém, com o acompanhamento do professor para que não se desvie do propósito do projeto, mas, eles têm autonomia para se expressar e falar o que achar mais pertinente sobre o tema trabalhado. O que não estiver de acordo, fugir da proposta inicial, é analisado e avaliado junto com os professores e feitos os alinhamentos.

I: Observo que nesse processo de aprendizagem, a cultura popular é amplamente utilizada. Como a senhora vê a utilização da cultura popular na formação integral do estudante, uma vez que esta escola é de Educação Integral?

CPB: Essa questão da cultura popular não parte de dentro da escola, é do dia a dia da vida deles (estudantes), então, são eles que trazem para a escola e quando a gente promove juntamente com o NEPS, ou outras instituições, esse tipo de projeto, a gente apenas valoriza e,

de certa forma, organiza para que isto também faça parte do seu processo de aprendizagem genuína, como aprendizagem verdadeira, serve para a gente sistematizar o conhecimento que o aluno já traz com a cultura popular que naturalmente faz parte do seu cotidiano.

I: As questões que o NEPS propõe trabalhar em parceria com a educação formal da rede regular de ensino parte da realidade das comunidades, porém, na maioria das vezes, fogem da proposta curricular da escola. Assim, até que ponto existe uma flexibilidade curricular, por parte da escola, para vivenciar o saber e a cultura popular?

CPB: Na verdade, dentro da educação interdimensional que a escola oferece, tudo está muito interligado, então, pode até não está aparentemente escrito com todas as letras no currículo, mas tudo na cultura popular, mais cedo ou mais tarde, vai se fundir nos próprios conteúdos da escola. Então, o que a escola faz, é adequar o projeto ao que a gente iria trabalhar com o currículo sistematizado.

I: Os estudantes demonstram interesse em participar ativamente da Educação Popular? Que importância a Educação Popular tem para a formação acadêmica dos estudantes?

CPB: Muitas vezes a gente percebe um interesse muito maior dos estudantes em se trabalhar a Educação Popular do que o conhecimento acadêmico propriamente dito: português, matemática, etc.

CPB: Como o ponto de partida é a realidade deles, do que eles já conhecem, o interesse e a motivação deles é bem maior. Assim, pela familiaridade com os temas, há uma aceitação muito grande por parte dos estudantes, por isso, a gente vê a importância do saber popular, da educação não formal, pois, a partir daí, eles estão aprendendo português, matemática, biologia, etc., estão aprendendo as coisas, que muitas vezes não estão lá explícitas, de forma sistemática, como nos outros conteúdos curriculares, mas há um aprendizado.

I: Então, pode-se afirmar que há uma articulação dos mais diferentes saberes, o saber popular e conhecimento acadêmico, envolvendo o processo de aprendizagem do estudante?

CPB: Há uma interação muito grande e uma das coisas que me faz afirmar isto é a questão do interesse do aluno pela cultura popular e por assuntos de seu contexto social, a motivação que a gente vê no aluno quando se trabalha a cultura muitas vezes a gente não

consegue a mesma motivação quando se trabalha com o conteúdo acadêmico, então, esta articulação destas duas formas de conhecimento é muito positiva para a aprendizagem do aluno.

I: Nesse sentido pode-se afirmar que são criados novos contextos de aprendizagem ao se trabalhar o saber e a Educação Popular dentro dos muros da escola?

CPB: Não sei se o termo seria este. Eu vejo que se produz um dinamismo maior, o que é popular traz um sentimento de pertencimento, então dá mais significado, às vezes, quando a gente junta o conhecimento popular com o conhecimento científico, assunto trabalhado cria mais valor para o estudante, eu acredito que a aprendizagem se fortalece muito mais, o estudante foi valorizado porque foi valorizado algo da realidade dele.

I: Que reflexos diretos a Educação Popular trouxe para o processo de aprendizagem dos seus estudantes?

CPB: Nota-se que o estudante se tornar mais participativo, principalmente porque ele percebe que tem valor independente do que ele sabe lá fora, independente do que ele sabe aqui, então, eu acho que valoriza de certa forma o estudante.

CPB: Estes projetos só vêm a somar pra vida desse estudante, é aí que eu repito, não só pra vida acadêmica mais para vida pessoal e profissional. eles crescem na questão da oratória, na questão da interpretação e de outras muitas habilidades e competências do estudante.

I: Como a senhora avalia o trabalho dos educadores populares no Sertão de Pernambuco e mais especificamente no município de Dormentes?

CPB: O trabalho dos educadores populares pode ser visto em todo o nosso município. Eles foram de suma importância para o desenvolvimento do município de Dormentes. Um divisor de águas. Suas ações são vistas em tudo: na questão da economia; na questão da sustentabilidade; na questão da valorização do nosso povo, da nossa terra, em tudo que nós produzimos. Então, tudo isto não existia antes, foram os educadores populares que puderam abrir nossos olhos e nos ensinar a fazer e saber que é possível conviver mesmo diante períodos difíceis de estiagem, é possível se manter, é possível sobreviver e sobreviver bem.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 12

Entrevista com professor D, gênero feminino, 48 anos.
02 de maio de 2018.

Entrevista com a professora da disciplina de biologia da Escola de Referência em Ensino Médio Senador Nilo Coelho, ela tem desenvolvido parcerias com o NEPS, levando seus estudantes para aula de campo em projetos que os educadores populares desenvolvem nas comunidades. nesta entrevista ela falou sobre um projeto que é desenvolvido no Sítio Travessão sobre o reuso de água em Quintais Produtivos.

I: Professora, gostaria que a senhora pudesse falar um pouco sobre o projeto que foi desenvolvido dentro de sua disciplina de biologia em parceria com o Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco. Como é que se deu essa parceria com o Núcleo de Educadores Populares?

PD: O Núcleo de Educadores Populares do Sertão tem um trabalho, já de longas datas, aqui no município de Dormentes. Aí, nós tivemos a oportunidade de conhecer um projeto de reaproveitamento de água no Sítio Travessão, e o pessoal lá demonstrou muita satisfação em poder aproveitar essa água nos plantios de plantas não frutíferas, é mais plantas para alimentação do rebanho.

I: Como se deu a parceria e o conhecimento do trabalho do NEPS?

PD: O Núcleo, esse já tem uma atuação muito grande no município, a gente já tinha conhecimento disso. Aí, procuramos o coordenador, seu Manoel Ireno, e ele prontamente solicitou que pudéssemos conhecer lá esse projeto deles no Sítio Travessão, e aí foi uma oportunidade muito boa, os estudantes tiveram essa oportunidade de conhecer esse trabalho desenvolvido por eles, o reaproveitamento de água, que é tão importante para Região semiárida.

I: Quais benefícios a senhora acredita que essa aula de campo trouxe para os alunos ao integrarem conhecimento formal com essa aula prática, conhecimento não formal desenvolvido pelo NEPS?

PD: Eu acredito assim, foi muito importante eles conhecerem esse projeto de reaproveitamento de água, e, também, a gente conversou antes, teve momento de palestra para falar de outros métodos de reaproveitamento de água, de economia de água, este bem tão

precioso e tão escasso para nós. Eu acredito que foi suficiente para eles repensarem suas atitudes em relação à questão de eles economizarem água.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 13

Entrevista com coordenador do NEPS (CN), gênero masculino, 53 anos. 02 de maio de 2019.

Coordenador geral do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS), é cofundador da instituição, e educador popular atuante respeitado em todo o Sertão nordestino. A entrevista aconteceu na tarde do dia 02 de abril de 2019, no Centro Casa da Roça, interior do município de Dormentes.

I: Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a importância dentro do contexto social e da área de atuação do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco (NEPS)?

CN: Olha, o NEPS tem uma importância social muito grande na vida dos agricultores e agricultoras familiares, principalmente aqueles agricultores que tem vontade de transformar seu roçado em um campo sustentável. O núcleo de educadores é importante porque anima, acompanha, discute e convive com essas pessoas, porque qualquer trabalho se não for acompanhado, ele não vai para frente, fica fora do contexto. Por isso, o monitoramento dessas ações é muito importante.

CN: Nós estamos localizados numa Região onde passamos por muitos desafios, primeiro a situação do clima que tem mudado muito nos últimos 10 anos e temos que encontrar técnicas para sobreviver com ele.

CN: Por outro lado, nós estamos numa Região onde o desenvolvimento sustentável, por questões políticas e vias ideológicas, não tem levado muito a sério a questão do fortalecimento das iniciativas locais, nós estamos num município onde o agronegócio predomina. Quer ver isso? Vá na Caprishow que você vê. Então, porque tá fora do contexto de uma grande massa, da grande maioria dos trabalhadores, nem todo trabalhador agricultor tem aquelas rações melhoradas. Então, nós preferimos despertar esses agricultores que não despertaram para poder ter o seu melhoramento do rebanho, essa é uma constatação.

C.I.: A Caprishow é um dos maiores eventos de exposição e comercialização de caprinos e ovinos do Nordeste que acontece na cidade de Dormentes, dentro da programação deste evento acontece a Puxada do Bode, promovido e organizado pelo NEPS. A Crítica do

coordenador baseia-se em que este evento que deveria ser para promover os pequenos criadores do município e a economia local, ganhou dimensões que agora está a serviço dos grandes criadores e do agronegócio, tornou-se um evento de exclusão dos que mais precisam de projeção em seus negócios, considerando que fica caro fazer uma exposição de animais para o pequeno criador e concorrer com expositores de todas as regiões do país que participam da Caprishow. Neste contexto, o NEPS promove uma ação de massa, a Puxada do Bode, para dar visibilidade ao pequeno criador de caprinos e ovinos do Sertão dentro de um evento maior que é a Caprishow.

Figuras 49-50: Contraste entre os eventos da Caprishow e da Puxada do Bode.



Fonte: o autor, 2018.

CN: Uma outra questão é de nós estarmos numa microrregião onde os agricultores trabalham de uma forma desenfreada a questão da aplicação de agrotóxicos e os resultados já estão aí, são mortes de todas as formas, tantas doenças que não dá nem pra gente catalogar.

CN: Então, o NEPS está dentro desse contexto, ele tem buscado como sua principal ação social estar presente nos eventos do município, qualquer evento para tentar mostrar um pouco do saber e do conhecimento que a gente tem.

I: O NEPS tem promovido eventos que divulgam a cultura popular regional, por exemplo o Terreiro Cultural. De que forma a cultura regional é valorizada dentro deste evento?

CN: Para falar de cultura popular a gente tem que pegar alguns traços. Primeiro, pegar os traços históricos da cultura, nós estamos numa microrregião que estão matando as culturas populares, nos eventos que a gente vai, a gente percebe fortemente a ausência da cultura

popular. A nossa luta, a nossa ação, é do ponto de vista de permanecer com essa identidade, porque o povo sem uma identidade cultural perde o estímulo para existir.

CN: O Terreiro Cultural, como você bem falou, é onde se reúne todas as manifestações culturais: a roda, a poesia, a rezadeira, as plantas medicinais, os grupos culturais, ele permite estar juntos o saber popular e do conhecimento científico, são duas coisas que devem andar juntas, para a gente poder se contextualizar dentro de um processo histórico.

I: O processo de valorização da cultura é utilizado como forma de Educação Popular ou são coisas distintas?

CN: Não! ela se insere dentro do contexto de Educação Popular, ela está presente nas suas diversas formas de expressão. A Educação Popular ultrapassa a questão da cultura, da aprendizagem em si, ultrapassa a sala de aula.

CN: A Educação Popular está na rua, por exemplo, quando me refiro a questão da valorização da mulher eu estou falando de Educação Popular.

I: O senhor citou a integração da Educação Popular com o conhecimento científico. Se tem visto dentro do município uma forte parceria entre o NEPS e as escolas. O senhor pode falar um pouco sobre essa parceria e como ela acontece? Que contribuições o NEPS com sua educação não formal tem deixado para a educação formal da rede de ensino do município?

CN: A gente entende que esse é um dos caminhos que a gente tem que percorrer. A juventude é um público muito grande a ser alcançado, e onde está a juventude? na escola, se preparando para seu futuro. Então, temos buscado aqui no município de Dormentes fazer parcerias para trabalhar com as escolas.

CN: Aquilo que as escolas não conseguem trabalhar, que ultrapassa seus limites, nós trabalhamos por meio dos Festivais, por meio dos Terreiros Culturais, e outras ações de Educação Popular, então, vamos ao encontro dos alunos, da juventude, dentro e fora da sala de aula.

CN: Nós temos tido uma certa abertura, graças a Deus, em Dormentes, junto as escolas da rede municipal, particular e estadual, nunca sonegaram fazermos ações e atividades em

conjunto, mas, ainda acho que fazemos muito pouco diante dos grandes desafios de preparar essa juventude para a realidade da vida.

CN: Veja que esse é um espaço de luta permanente, e principalmente agora, que estamos vivendo num momento de desestabilização cultural, econômica, social, dentre outras áreas.

I: Com relação ao Programa 1 milhão de cisternas, em que todos os beneficiários tem que passar por uma capacitação sobre o uso sustentável da água. Como é feita essa capacitação? que práticas pedagógicas vocês utilizam para fazer essa conscientização? como é todo o processo pedagógico e educativo?

CN: O programa 1 milhão de cisternas não se resume a somente construir cisternas, ele possui todo um processo metodológico, desde o cadastramento das famílias, seleção, leva em consideração se é a mulher que chefia a casa, se possui idoso, se a casa tem pessoas em idade escolar matriculadas em escola, tudo isso é levado em consideração.

CN: Depois de passar por esses critério de seleção, o beneficiário faz um curso de gestão da água, a gente entende que se tem que trabalhar a questão da responsabilidade com relação a água, não se pode desperdiçar, não é porque choveu e meu tanque está cheio que eu vou desperdiçar a água. O que eu desperdiço hoje vai me faltar amanhã.

I: Como é feito o trabalho pedagógico para a conscientização para o bom uso da água?

CN: A visita é muito importante, por isso visitamos as famílias, o monitoramento comunitário, o intercâmbio entre famílias.

I: Fale um pouco a respeito de como acontece este intercâmbio de saberes populares, principalmente por meio dos Quintais Produtivos, do Festival da Águas e da Puxada do Bode.

CN: Eu começo a falar da Semana da Água. A semana da Água é uma ação conjunta com o Festival das Águas, ela se faz nas famílias, nas comunidades, nas associações, reuniões e gincanas, e aí se discute vários temas ligados a questão da convivência com o Semiárido. Nos entendemos, que quando a gente vai lá na comunidade, a gente atinge mais gente.

CN: O Festival das Águas é a culminância da Semana da Água, onde se junta todo mundo, todas as comunidades que foram trabalhadas durante aquele mês e se faz um dia de discursos, de palestras, de convivência, de muita cultura popular, de muita arte.

CN: Quando se fala a respeito do Terreiro Cultural, ele agrega todos os valores relacionados a vida cultural e suas manifestações, e se fala também do Ponto de Cultura que é uma ação do NEPS, nós levamos em consideração o Ponto de Leitura que é onde estão os livros para as boas leituras e boas práticas de convivência com o Semiárido.

CN: Quando se fala da Puxada do Bode, ela se tem um outro olhar. Qual o outro olhar? a valorização da cadeia produtiva de caprinos e ovinos, este é nosso primeiro olhar, depois, é gerar um intercâmbio comercial dentro da Puxada do Bode, e isto tem acontecido.

CN: O que é esse intercâmbio comercial? Tem muita gente que vem para a Puxada do Bode e volta para casa com a corda debaixo do braço, porque conseguiu vender seu animal na Puxada do Bode, então é uma oportunidade de fortalecer a base econômica dos trabalhadores.

CN: Na Puxada do Bode trazemos para estar presente também as escolas, isto já vem acontecendo há três anos em Dormentes, onde as escolas trabalham temas relacionados ao Semiárido, às queimadas, à gestão da água, à história do cangaço, temas importantes que estão sendo esquecidos como a luta pela vida do Rio São Francisco e a própria história do município de Dormentes.

CN: A Puxada do Bode não é somente puxar um bode lá no meio da Rua, ela tem um significado pedagógico muito maior que é trazer a questão dos alimentos, valorizar também a questão das pastagens, porque hoje se cria onde é possível criar o seu rebanho, na caatinga e em outras áreas, ou se dá uma ração balanceada, boa, ou não se consegue produzir, não consegue comercializar. Então, a Puxada do Bode vem trazer estes elementos de convivência com o Semiárido.

CN: A gente precisa trazer para dentro de contexto da Puxada do Bode o envolvimento de vários segmentos da sociedade, a gente tem buscado agregar valores, agregar setores, como por exemplo, a escola é um setor, o comércio é um setor, a gestão pública é outro setor, todos importantes para promover a sustentabilidade do homem do campo e do município.

CN: Os Quintais Produtivos é uma prática nova, tem apenas cinco anos. Quintal Produtivo é um lugar perto da casa, uma pequena área de terra, onde damos um trato no solo, de preferência perto de casa porque, geralmente, quem está no dia a dia no quintal é a mãe de família, enquanto o pai está em outros afazeres, a mulher consegue cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos.

CN: Os Quintais Produtivos têm trazido resultados enormes, primeiro porque garante a produção de alimentos saudáveis para a mesa das famílias, e depois, porque gera renda, gera solidariedade ente as mulheres, trazendo de volta os mutirões que eram muito comuns antigamente, quando se trabalhavam juntas três, quatro, cinco famílias.

CN: A prática dos Quintais tem gerado renda, emprego, pois nós temos exemplos de quintais que já estão contratando pessoas de fora da família para ajudar, a família não está dando conta. Então, se percebe que a ação dos Quintais está sendo fortalecida, famílias já produzem e levam seus produtos para vender em feiras agroecológicas ou faz entrega em domicílio. Já temos famílias que conseguem três salários mínimos por mês.

CN: Os Quintais Produtivos possuem uma variedade de plantação: verduras, plantas medicinais, plantas frutíferas, plantas de pastagem animal e até mesmo outras pequenas experiências como minhocário que tem um enorme valor para fortalecer o solo, pois nós condenamos fortemente o uso de agrotóxicos. Temos ainda os biodigestores para produzir o gás natural e o adubo orgânico para as plantas.

CN: O biodigestor é alimentado com esterco de vaca e a partir daí passa por um processo para produzir gás e, a partir dos resíduos, adubo orgânico e inseticida natural para pulverizar as plantas.

I: Como são decididos e escolhidos as temáticas e os saberes populares a serem trabalhados pelos educadores populares por meio do NEPS?

CN: As temáticas são definidas logo no primeiro mês de cada ano. Nós fazemos uma avaliação por meio de uma oficina de avaliação e planejamento, onde avaliamos os resultados do ano anterior, vemos onde foi que avançamos e onde precisamos investir neste ano. Por meio de oficinas trazemos os elementos a serem trabalhados, estes elementos estão relacionados ao campo, noventa e nove por cento das pessoas que são acompanhadas pelo NEPS são do campo e a grande maioria são mulheres trabalhadoras rurais.

I: Então, o planejamento é anual e depende das reais necessidades identificadas pelos educadores?

CN: É, as necessidades vêm do campo.

I: Como são firmadas as parcerias e quem são as instituições?

CN: As parcerias se dão em vários aspectos, por exemplo, quando a gente faz uma parceria com uma determinada escola, ali é uma ação pontual, foi uma parceira para aquele momento, ela tem um limite, mas, nós temos parcerias que tem nos sustentado na questão da participação em rede.

CN: O que é participação em rede? Dentro do Trabalho de Educação Popular, são grupos de diferentes tendências ideológicas, dentro da composição do Semiárido, que se juntam para pensar o processo de formação, o processo metodológico, as dinâmicas de grupo, as participações políticas nos espaços constitucionais, que são as participações em conselhos.

CN: Nós participamos de umas 10 redes: rede ponde de memória, rede ponto de cultura, rede ponto de leitura, Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), dentre outros. Cada um deles tem seus elementos próprios e é um espaço de aprendizado, mesmo que cada um tenha seus objetivos. Mas, o aprendizado para a convivência com o Semiárido depende de cada um destes olhares.

CN: O olhar que o NEPS tem não é o mesmo de outras instituições, cada uma tem uma forma de enxergar o Semiárido e é isso que enriquece, pois, se todos pensassem iguais não haveria necessidade de se trabalhar em rede, não precisava participar de parcerias.

CN: Em relação as parcerias, por exemplo, temos uma parceria muito forte com o município de Dormentes. Nós precisamos saber qual nosso espaço de atuação e de formação como instituição. Eu não posso ultrapassar meu limite como educador popular, como mobilizador social. A gestão municipal tem suas complexidades e pode ir a outros campos que não nos cabe, nem em pensamento.

I: Para finalizar nossa conversa, como cofundador do NEPS, como educador popular atuante, que o senhor fizesse uma avaliação da contribuição que os educadores populares tem proporcionado para essa Região do Sertão do Semiárido do Vale do São Francisco?

CN: Sabemos da importância que temos para essa Região, nem todo os passos que damos são acertados, a gente precisa ser humilde para ter esta visão. Mas, eu vejo que temos ajudado a construir propostas e desenvolvimento, garantido na vida das pessoas a questão da visibilidade e do respeito.

CN: Quando não participamos de alguma ação as pessoas questionam, sentem nossa falta, então se a gente faz falta em um determinado momento na sociedade, significa dizer que a gente é importante, isto não para envaidecer a gente, mas para saber do nosso compromisso de estar presente na luta e na vida do povo.

CN: O diálogo hoje é muito importante, quem não tem força em dialogar não avança, quem se fecha no seu mundo tá condenado a morrer isolado.

Nós temos nossa cara, nossa identidade, nosso jeito de fazer, mas quem pode falar melhor ao nosso respeito e sobre a importância do NEPS são as pessoas, aqui do nosso município.

I: Gostaria de fazer só mais uma pergunta. Você tem uma ideia de quantas pessoas foram atendidas pelo NEPS durante todo esse tempo de atuação?

CN: Eu acredito que, durante esses vinte anos, a gente passou das 100 (cem) mil pessoas.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 14

Entrevista com educando popular (EPA),
Gênero feminino, 59 anos.
06 de maio de 2019.

A educanda popular entrevistada é uma agricultora familiar aposentada, de 59 anos, cultiva um Quintal Produtivo com o apoio do NEPS, recebeu toda capacitação e formação dos educadores populares a respeito do cultivo, da adubação, do uso de defensivo contra pragas e na comercialização de seus produtos.

I: A senhora é associada ao NEPS?

EPA: Não. Não sou associada não. Mas, mesmo assim eles me acompanham, mesmo assim me dão assistência, orientações, participo de formações.

I: Esta horta aqui, é o chamado Quintal Produtivo?

EPA: É sim. É sim, é o quintal produtivo.

C.I: Mostrando para a estrutura de sua horta em um Quintal Produtivo, ela fala com entusiasmo do trabalho de educação e orientação que foi dado pelos educadores populares e da estrutura montada pelo NEPS no lugar que, hoje, é uma fonte de renda para sua família.

EPA: Este quebra-sol foram eles que colocaram, disse ela, mesmo depois de já ter terminado o trabalho. Eles me acompanham, eles que encastraram esta água, construíram esta pilastra e colocaram uma caixa d'água. Antes era mais sofrido, eu aguava somente com o regador.

I: Vejo que a senhora utiliza uma bomba d'água, isto deve facilitar a sua vida.

EPA: É! Risos.

EPA: Antes, nós plantávamos em mutirão de mulheres, duas mulheres eram responsáveis para aguar por dia, todo dia iam duas mulheres, algumas não eram tão cuidadosas, aguavam, mas não arrancavam nenhum mato que nascia nos canteiros. A associação de Ponta d'água era quem organizava a gente. Risos.

EPA: Depois esse grupo de mulheres se desfez. Depois, o NEPS, querendo nos agudar, começou fazer reunião com a gente. Manelito foi ensinando a nós a melhor forma de se trabalhar, ensinou a não trabalhar com veneno para combater as pragas, criou uma feirinha para nos vender os produtos, e aí tudo melhorou.

EPA: Mas no começo não foi tão fácil. Lembro que a feira começou no muro da casa do professor Deon Vital, e acontecia à noite, mas, era muita gente envolvida nessa feira. Depois, alguns foram se afastando, dona Antônia morreu, Maria José morava muito longe e parou de vender.

I: A senhora usa algum produto como defensivo contra praga?

EPA: Não! aqui não anda veneno não. Eu, às vezes, uso assim: eu coloco as folhas do *neen* de molho com pimenta malagueta, e deixo por uns dias, quando os insetos tá atacando, passo no liquidificador e uso nas plantas.

EPA: Ela acrescentou: agora não estou podendo plantar muito, planto só para não perder o jeito. Tem gente que se eu disser: não vou plantar mais não, diz: não, não, a senhora não pode parar não. Mas eu já estou ficando velha (risos), não estou aguentando muita coisa não.

I: O NEPS ensinou a senhora algo sobre a questão do manejo de veneno natural?

C.I.: Por ter usado o nome de veneno Natural, ela não entendeu que eu estava falando apenas do defensivo natural contra pragas e não de agrotóxicos em si.

EPA: Não! Só coisa natural. Veneno mesmo não. O NEPS é completamente contra o uso de veneno. O incentivo é pra gente criar as coisas sem veneno, para o bem da saúde da gente, tanto pra consumir quanto para vender.

EPA: Sabe meu filho, porque a gente sabe que o agrotóxico está solto, o que a gente compra de fora tem muito veneno. Com essa história de veneno o povo acha que tudo hoje só cria com veneno, mas nem tudo se cria só com veneno.

EPA: Miguel, meu marido, tem uma barragem ali na baixa, é pequena, mas quando enche eu planto vazante. Esse ano passado, plantei e tirei cada cabeça de batata e de cebola amarela. As que eles plantam nos projetos o povo diz que tem muito veneno, mais aqui em casa

eu não coloquei nada de veneno, só chuva e a água da barragem, usei mesmo só esterco de ovelha, e nem era muito, e deu uma boa colheita mesmo, eu consumir e vendi na feira.

I: Esta cisterna estilo calçadão chega a encher no período chuvoso? (perguntei olhando para a cisterna)

EPA: Ela encheu este ano. Se der uma chuva de 50mm, forte, ela fica cheia, mas se for chuva, que não escorra água, ela não enche.

I: E ela cheia, dá para usar na plantação por quanto tempo?

EPA: Rapaz, E não nunca prestei atenção nisto. Dizem que ela acabe quase 10 pipas d'água, já vi até dizendo, mas eu não sei te informar não.

C.I.: Continuei observando e conversando, mas nada de relevância para registro de minha pesquisa, então, encerrei a entrevista.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 15

Entrevista com professor E, gênero feminino, 46 anos.
Ex-secretária de educação do município de Dormentes.
17 de maio de 2019.

Entrevista com educadora infantil da rede municipal de ensino de Dormentes, formada em pedagogia, foi secretária de educação do município de Dormentes no período de 2012 a 2017. Durante sua gestão à frente da secretaria de educação foi a época em que mais o NEPS trabalhou em parceria com as escolas do município.

I: A senhora esteve vários anos à frente da Secretaria de Educação do Município e se sabe da forte parceria que o NEPS sempre manteve com a Secretaria durante o período de seu mandato. Como a senhora avalia essa parceria?

PE: Bem, eu estive à frente da secretaria de educação no período de 2007 a 2012, e, na verdade, foi uma parceria muito forte que mantivemos com o NEPS. Nesse período o foco maior dos trabalhos fui atividades voltadas para o Festival das Águas e o Terreiro Cultural, foi nesse período que foi implantada com a nossa parceria a Feira de Saberes e Sabores, que tinha uma dimensão muito maior do que hoje. Esta feira envolvia todas as escolas da rede municipal, havia um forte trabalho educativo na questão da reciclagem nas escolas e nas comunidades focado no trabalho com material reciclado.

I: Na prática, de que forma acontecia essa parceria?

PE: A princípio, no nosso período de gestão (2007-2012), a gente acreditava no potencial do trabalho com parceria, nosso trabalho não se limitava só às ações entre quatro paredes da sala de aula, mas a gente acreditava que parcerias com outros órgãos poderiam abranger muito mais as potencialidades da construção do saber dos estudantes, era também o que a gente tinha para oferecer a agricultura familiar, valorizar e resgatar a cultura popular que poderia ser trabalhado dentro e fora da sala de aula. Assim, o NEPS e a educação mantinham uma forte parceria para a ação.

I: Que contribuições o NEPS trouxe para o município de Dormentes? que marcas já foram deixadas pelos educadores populares nas comunidades deste município?

PE: São várias marcas fortes que neste momento posso visualizar a respeito da participação do NEPS aqui no município de Dormentes: a questão da implantação do próprio Núcleo de Educadores Populares do Sertão já é uma forte marca, Dormentes teve o privilégio de abrigar a sua sede, a produção de produtos orgânicos da agricultura familiar foi outra grande contribuição do NEPS, a coordenação e implantação do programa 1 milhão de cisternas atendendo um grande número de famílias no município, o Festival das Águas, que discute a problemática da água, das políticas públicas e da qualidade de vida para a nossa Região; seu trabalho de conscientização para diminuição do uso de agrotóxicos pelo agricultores, melhorando a qualidade da água e da alimentação de nossa gente, dentre outras ações.

I: A senhora acredita na importância da integração da educação formal com a educação popular no município de dormentes?

PE: Com toda certeza! Faz toda a diferença.

PE: Porque a educação não deve acontecer somente entre quatro paredes, onde apenas o professor cumpre seu planejamento, o plano disciplinar, onde o professor cumpre apenas os conteúdos. Essa integração faz as escolas abrirem suas portas, buscar novos horizontes e novos conhecimentos, inclusive, levando em conta a realidade do aluno.

PE: Porque não podemos falar de educação de qualidade se ela não partir do contexto do próprio aluno, o aluno precisa ser estimulado por uma educação que lhe faça sentido, precisa de uma aprendizagem significativa para ele.

I: Muito bem professora Maria Amélia agradeço pelas suas contribuições.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 16

Entrevista com educador popular do Sertão (EPS), gênero masculino, 35 anos, do Núcleo de Educadores Populares do Sertão de Pernambuco.
23 de maio de 2019.

Entrevista com educador popular do Sertão de Pernambuco que atua junto ao NEPS. A entrevista aconteceu na cidade de Afrânio, local onde ele reside, em sua pequena loja de artesanato, um dos ofícios que ele desempenha.

I: Fale um pouco, na sua visão, dentro do contexto social e econômico desta Região, sobre a importância do trabalho de vocês, como educadores populares, no Sertão de Pernambuco.

EPS: O trabalho desenvolvido pelo NEPS é de grande importância, principalmente, nas comunidades onde as informações chegam, mas chegam, muitas vezes, distorcidas diante da realidade que vivemos aqui no Semiárido.

EPS: Porque o NEPS tem um trabalho voltado para a Região semiárida dentro do contexto da seca, onde a gente trabalha a questão da seca na perspectiva de convivência e não de combate.

EPS: Um dos fatores que nos faz levar essa educação é este item de combate, porque às vezes a política nacional trabalha nesse sentido de combate, e aí, eu costumo dizer, até nas formações, da seguinte maneira: se Jesus Cristo passou pelo mundo a dois mil anos e não conseguiu combater. Assim, não é um trabalho de combate, mas um trabalho de convivência.

EPS: Neste sentido, o NEPS tem se empenado em promover formação das comunidades do Semiárido. Nós temos enfrentado várias secas, mas a cada uma delas a proporção de sofrimento é menor, por conta das tecnologias que se vem desenvolvendo, como por exemplo a construção de cisternas, que tiveram início lá por volta do ano 2000.

I: Como ocorre a dinâmica pedagógica dessas formações na perspectiva da Educação Popular para a convivência com a seca?

EPS: O NEPS vai até as comunidades para promover rodas de conversas, nestas conversas são debatidos temas relacionados à seca. O NEPS tem construído cisternas e com

elas levado uma educação contextualizada para a convivência com o Semiárido por meio de formações e capacitações com alunos e professores dentro das próprias escolas.

EPS: Temos o Festival das Águas que é um trabalho voltado para a semana mundial da água, este trabalho se inicia dentro do mês de comemoração nas comunidades, muitas vezes aproveitando os próprios eventos que há nas comunidades, trazendo por meio de debates e rodas de conversa a importância da água tanto para a vida humana como para a vida animal.

EPS: Quando se fala de água, não estamos falando somente da água em si, mas se fala da planta, do animal, de todo um ambiente que deve ser entendido, analisado e estudado para que se possa conviver nele.

I: Você, como educador popular, utiliza de alguma forma a cultura popular dentro do processo de ensino-aprendizagem dessas comunidades?

EPS: Quando vamos até as comunidades e aproveitamos os eventos da própria comunidade, vamos citar, por exemplo, uma comunidade aqui de Afrânio que possui um grupo de reisado que é assistido pelo NEPS, aproveitamos a oportunidade de quando eles estão desenvolvendo algumas atividade e nós andamos juntos com eles, através do reisado falamos do contexto de convivência com o Semiárido. Dessa forma utilizamos da cultura como meio de divulgação.

EPS: A Puxada do Bode, por exemplo, não é só colocar o bode lá no meio da rua, mas uma forma de mostrar para a população que nós somos capazes de conviver e produzir no Semiárido, e produzir com qualidade. Então, através desse evento, que é uma cultura sertaneja, a criação de bode, mostramos que é possível conviver com o Semiárido.

I: Quais outras contribuições significativas os educadores populares tem deixado por meio da Educação Popular promovida pelo NEPS?

EPS: Podemos citar o caso de famílias que sempre migravam em período de seca para procurar trabalho em outras regiões, e, por meio do aprendizado de simples técnicas, rodas de conversas e palestras, hoje já vemos famílias produzindo em suas propriedades sem necessidade de sair para buscar outra fonte de renda fora.

EPS: Quando se fala em produzir na própria comunidade vem junto com isto um legado de outras coisas, pois há uma grande diferença em consumir alimentos produzidos em nossa própria comunidade e consumir alimentos que vem lá da área irrigada com uma porcentagem altíssima de agrotóxicos, então, além da produção há um incentivo na questão da saúde.

EPS: Sabemos que produzir alimentos orgânicos é bem mais difícil, mas também é bem mais saudável, então, a gente tem que mostrar isso, por que muitas vezes é trabalhoso produzir na comunidade, às vezes não é valorizado aos olhos de quem não tem o conhecimento, mas quando chegamos com todo esse conhecimento, todas as informações, as pessoas deixam, até mesmo, de comprar os produtos que vêm da área irrigada para consumir seu próprio produto. Isto incentiva tanto o produtor quanto o consumidor, pois o excedente da produção é levado para feira para ser vendido nas feiras agroecológicas, orgânicas, dentro das feiras livres, que temos em três cidade da Região.

I: Como se dá as parcerias entre a Educação Popular promovida pelo NEPS e a educação formal vivenciadas nas escolas?

EPS: O NEPS sempre buscou manter parcerias com as escolas, sejam elas municipais ou estaduais, em cada município, por exemplo, o Festival das Águas é promovido com uma forte parceria com o alunado, principalmente, do município de Dormentes que sedia o Festival, que além de participarem com eventos culturais participam de palestras voltada para a convivência com o Semiárido.

EPS: Na verdade, eu não concordo muito com a educação do jeito que está aí, num país na dimensão do Brasil, com um currículo a nível nacional, onde a gente tem cinco regiões grandes, cada uma com contextos diferentes e que se estuda lá no Amazonas seja o mesmo que estudamos aqui no Sertão de Pernambuco, no Sertão nordestino.

EPS: Assim, vivemos no Semiárido nordestino, mas o currículo não tem suas bases aqui, ele é baseado no Sul e Sudeste, então, nós somos obrigados a estudar o Sul e o Sudeste. Para o aluno do campo, os conteúdos são voltados para a cidade, dificilmente o aluno vai ver lá no livro a expressão “minha roça”, “meu sítio”, ele vai ver “minha rua”, “meu bairro”, porque os livros didáticos são voltados para esse contexto e não para o nosso.

EPS: Então, o NEPS procura sempre levar esse contexto voltado para convivência com a Região em que vive, baseado na educação que Paulo Freire queria, uma educação contextualizada.

I: Que outros saberes e temáticas são também vivenciadas nas comunidades?

EPS: Posso citar a questão da valorização e resgate da cultura que hoje está se perdendo. como por exemplo, o reisado que quase foi extinto em nossa Região e nós fomos lá e fizemos o resgate, temos também a questão da medicina popular voltada para as plantas nativas da caatinga, pois sabemos que a nossa caatinga é riquíssima em plantas medicinais, então, a gente busca levar o conhecimento dessas plantas para as comunidades. Pode-se também citar a questão das crenças religiosas, respeitando todas as religiões, mas enxergando nelas uma forma de expressão da cultura.

I: Qual a importância que se tem para a comunidade em se valorizar a cultura?

EPS: Porque quando perdemos os nossos valores, perdemos também a nossa identidade. Não podemos deixar nossa identidade ser roubada por pessoas que querem nos fazer ser iguais a eles, até mesmo do nosso sotaque nordestino devemos nos orgulhar.

I: O que a Educação Popular tem feito de diferente da educação formal?

EPS: A Educação Popular é voltada para a valorização de nossa Região, a educação formal influencia na desvalorização da minha comunidade, principalmente aqui no Nordeste, ela, de certa forma, influencia muito na migração. Os livros didáticos apresentam as belezas e as oportunidades das grandes metrópoles, não mostram o lado ruim, para nós, nordestinos do Semiárido, vemos como se fosse às mil maravilhas, despertando em nossos jovens a emigração para essas regiões, muitas vezes, somente para alimentar as periferias e passar mais dificuldades do que se permanecesse aqui no Sertão nordestino.

APÊNDICE B (em CD) – Entrevistas em áudios

APÊNDICE C (em CD) – Fotografias

ANEXOS (em CD)

ANEXO A – Ata de fundação do NEPS (1997)

ANEXO B – Fotografias de atividades do NEPS cedidas ao investigador para análise

ANEXO C – Edital de convocação de eleição para diretoria do NEPS

ANEXO D – Ata de posse da nova diretoria do NEPS para o triênio 2017/2020

ANEXO E – fotografia da comissão de coordenação do NEPS para o triênio 2017/2020

ANEXO F – Cronogramas das culminâncias da Puxada do bode e do Festival das Águas
2018